

**Coleção**  
**Sexualidade & Mídias**

**LEILANE RAQUEL SPADOTTO DE CARVALHO**

**ANA CLÁUDIA BORTOLOZZI**

**DÉBORA DE ARO NAVEGA**

**BRENDA SAYURI TANAKA**

**GEORGE MIGUEL THISOTEINE**

**(ORGANIZADORES)**

**LEITURAS SOBRE A**  
**SEXUALIDADE**

**DIÁLOGOS POSSÍVEIS**

**VOLUME 15**



**Pedro & João**  
editores

**LEITURAS SOBRE A SEXUALIDADE:  
diálogos possíveis**

**Coleção Sexualidade & Mídias  
Volume 15**





**Leilane Raquel Spadotto de Carvalho**  
**Ana Cláudia Bortolozzi**  
**Débora de Aro Navega**  
**Brenda Sayuri Tanaka**  
**George Miguel Thisoteine**  
(Organizadores)

**LEITURAS SOBRE A SEXUALIDADE:**  
**diálogos possíveis**

**Coleção Sexualidade & Mídias**  
**Volume 15**



**GEPESec**

Grupo de Estudos e Pesquisa em  
Sexualidade, Educação e Cultura



**Pedro & João**  
editores

## Copyright © Autoras e autores

Todos os direitos garantidos. Qualquer parte desta obra pode ser reproduzida, transmitida ou arquivada desde que levados em conta os direitos das autoras e dos autores.

O conteúdo de cada capítulo é de inteira e exclusiva responsabilidade de seu (s) respectivo (s) autor (es).

---

**Leilane Raquel Spadotto de Carvalho; Ana Cláudia Bortolozzi; Débora de Aro Navega; Brenda Sayuri Tanaka; George Miguel Thisoteine [Orgs.]**

**Leituras sobre a sexualidade: diálogos possíveis. Vol. 15. Coleção Sexualidade & Mídias.** São Carlos: Pedro & João Editores, 2021. 258p. 14 x 21 cm.

**ISBN: 978-85-7993-911-2 [Impresso]**

**978-85-7993-912-9 [Digital]**

1. Sexualidade. 2. Relacionamentos afetivos. 3. Relacionamentos sexuais.
4. Diálogos. I. Título.

CDD – 150

---

**Capa:** Petricor Design

**Diagramação:** Diany Akiko Lee

**Editores:** Pedro Amaro de Moura Brito & João Rodrigo de Moura Brito

### **Conselho Científico da Pedro & João Editores:**

Augusto Ponzio (Bari/Itália); João Wanderley Geraldi (Unicamp/ Brasil); Hélio Márcio Pajéu (UFPE/Brasil); Maria Isabel de Moura (UFSCar/Brasil); Maria da Piedade Resende da Costa (UFSCar/Brasil); Valdemir Miotello (UFSCar/Brasil); Ana Cláudia Bortolozzi (UNESP/ Bauru/Brasil); Mariangela Lima de Almeida (UFES/Brasil); José Kuiava (UNIOESTE/Brasil); Marisol Barenco de Mello (UFF/Brasil); Camila Caracelli Scherma (UFFS/Brasil); Luís Fernando Soares Zuin (USP/Brasil).



**Pedro & João Editores**

[www.pedroejoaoeditores.com.br](http://www.pedroejoaoeditores.com.br)

13568-878 – São Carlos – SP

2021

## SUMÁRIO

<b>APRESENTAÇÃO</b>	<b>9</b>
George Miguel Thisoteine Leilane Raquel Spadotto de Carvalho	
<b>Capítulo 1</b>	<b>15</b>
ELEMENTOS DISFUNCIONAIS DA MASCULINIDADE NA SÉRIE <i>HOMENS?</i> Caique Person Servollo	
<b>Capítulo 2</b>	<b>33</b>
REQUIEM FOR A DREAM: QUANDO A BUSCA PELO PRAZER SUBJUGA A SEXUALIDADE Vitor Hugo Rossetti Canasiro George Miguel Thisoteine Andre Gellis	
<b>Capítulo 3</b>	<b>53</b>
O MAU EXEMPLO DE CAMERON POST: O CONTROLE DE CORPOS NAS TERAPIAS RELIGIOSAS DE CONVERSÃO SEXUAL Amanda Guedes Sakuragui Helena Nogueira Marques Noelle Lima Berteli	
<b>Capítulo 4</b>	<b>69</b>
O DESENVOLVIMENTO SEXUAL DA PERSONAGEM JULES DE <i>EUPHORIA</i> : UM OLHAR SOBRE GÊNERO E SEXUALIDADE EM UM DRAMA ADOLESCENTE Monaliza Cristina Evangelista de Oliveira Pedro Henrique de Moraes Franco da Silva	

<b>Capítulo 5</b> REPRESENTAÇÕES DO HOMEM EM <i>HOMEM-ARANHA</i> : A HIERARQUIA DAS MASCULINIDADES EM PETER PARKER André Abdalla Saad Félix Esteves de Souza Sergio Isler Junior	81
<b>Capítulo 6</b> “THE RACE GROWS SWEETER NEAR ITS FINAL LAP”: SEXUALIDADE, VELHICE E LUTO EM <i>MODERN LOVE</i> Gustavo Fernandes Scalvi	99
<b>Capítulo 7</b> <i>MOONLIGHT - SOB A LUZ DO LUAR</i> : TRABALHANDO A INTERSECÇÃO ENTRE SEXUALIDADE, IDENTIDADE ÉTNICO-RACIAL E MASCULINIDADE PERIFÉRICA NO CONTEXTO DA EDUCAÇÃO SEXUAL Julia Maria Alves Lemos Victor Bastos Ventura	113
<b>Capítulo 8</b> <i>NOSSAS NOITES</i> : A PERSISTÊNCIA DO DESEJO NO ENVELHECIMENTO Gabriel Câmara Branco Richard Hideyuki Ueno	129
<b>Capítulo 9</b> <i>SHIVA BABY</i> : UM OLHAR PARA AS QUESTÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADE A PARTIR DA ANÁLISE DO COMPORTAMENTO Emilyn de Oliveira Silva Fernanda Pinto Freire	145

<b>Capítulo 10</b> COMO DEFENDER UM ASSASSINO: ANÁLISES A PARTIR DO RECORTE SEXUALIDADE, GÊNERO E RAÇA Carolina Busato Heiderich Okamoto Roger Lai	<b>163</b>
<b>Capítulo 11</b> ADOLESCÊNCIA E SEXUALIDADE: UMA ANÁLISE DO EPISÓDIO “SOU...? TALVEZ ESSE TESTE ME DIGA” E A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE NO MUNDO DIGITAL Débora Cristina Menegon Cherubin Julia Leite Ruybal Juliana Baptista de Almeida	<b>177</b>
<b>Capítulo 12</b> CISNE NEGRO: A REPRESSÃO SEXUAL NA PASSAGEM DA DICOTOMIA À AMBIGUIDADE Ana Laura Rossin Souza Francisco Andrada Guilherme Raymundo Mariana Rodrigues de Oliveira	<b>193</b>
<b>Capítulo 13</b> KAKEGURUI: RETRATOS MIDIÁTICOS DA ADOLESCÊNCIA George Miguel Thisoteine Brenda Sayuri Tanaka Ana Cláudia Bortolozzi Andre Gellis	<b>209</b>



<b>Capítulo 14</b>	<b>225</b>
DISCUSSÕES SOBRE TRANSGENERIDADE A PARTIR DA SÉRIE SENSE8 Gabriel Filipe Duarte Amaral Matheus Cascone Campos Dias Tainara Miranda de Araujo	
<b>SOBRE OS (AS) AUTORES (AS)</b>	<b>243</b>
<b>SOBRE AS (O) ORGANIZADORAS (OR)</b>	<b>251</b>
<b>SOBRE O GEPESEC</b>	<b>253</b>
<b>OUTROS VOLUMES DA COLEÇÃO SEXUALIDADE &amp; MÍDIAS</b>	<b>255</b>

## APRESENTAÇÃO

George Miguel Thisoteine  
Leilane Raquel Spadotto de Carvalho

O 15º Volume da **Coleção Sexualidade & Mídias**, “*Leituras sobre a Sexualidade: diálogos possíveis*” possui 14 capítulos, escritos em sua maioria por alunos e alunas que cursaram a Disciplina “Desenvolvimento e Educação Sexual”, oferecida no Curso de Psicologia da Faculdade de Ciências da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”- UNESP, *campus* de Bauru, sob a responsabilidade da prof.<sup>a</sup> Assoc. Ana Cláudia Bortolozzi, com a monitoria de Brenda Sayuri Tanaka, Débora de Aro Navega e George Miguel Thisoteine (no ano de 2021). Além disso, constam dois capítulos feitos por colaboradores do Grupo de Estudo e Pesquisa em Sexualidade, Educação e Cultura (GPESEC – UNESP Bauru).

Nesta disciplina, as questões teóricas são lidas e discutidas em aulas teóricas e aprofundadas em atividades práticas de análise de filmes e materiais midiáticos, cujos resultados se encontram nesta obra.

O volume reúne capítulos com foco em questões de sexualidade, desenvolvimento humano e várias outras temáticas que se entrelaçam, tais como: gênero, relações étnico-raciais, prazer, relacionamentos, repressão sexual e transgeneridades.

O primeiro capítulo, **Elementos disfuncionais da masculinidade na série Homens?**, de Caique Person Servollo, aborda a partir do desenvolvimento o tema da

masculinidade tóxica. Desenvolve quais seriam as consequências desse fenômeno para a sexualidade dos homens, trazendo discussões sobre patriarcado, machismo e como a masculinidade performa modelos de excessiva competitividade e violência.

O Capítulo 2, ***Requiem for a dream: quando a busca pelo prazer subjuga a sexualidade***, dos autores Vitor Hugo Rossetti Canasiro, George Miguel Thisoteine e Andre Gellis, apresenta uma discussão sobre a constituição da sexualidade por meio de fatores que incluem tanto o prazer, como o desprazer. Ainda, a discussão permite pensar como se dá o abuso de substâncias em nossa sociedade capitalista, de forma não naturalizante e atrelada à sexualidade.

O Capítulo 3, ***O mau exemplo de Cameron Post: o controle de corpos nas terapias religiosas de conversão sexual***, de Amanda Guedes Sakuragui, Helena Nogueira Marques e Noelle Lima Berteli, aborda a compreensão de reversão de orientação sexual e problematizam como os discursos, saberes, instituições, leis e moralidades enfatizam e produzem a normatização das identidades sexuais e de gênero, subjugando-as a modelos cisheteronormativos e cristãos.

Monaliza Cristina Evangelista de Oliveira e Pedro Henrique de Moraes Franco da Silva, autores do Capítulo 4, ***O desenvolvimento da personagem Jules de Euphoria: um olhar sobre gênero e sexualidade em um drama adolescente***, apresentam uma reflexão sobre a formação psicossocial do gênero e sua importância para o desenvolvimento humano, principalmente vista no período da juventude e puberdade.

O Capítulo 5, **Representações do homem em Homem-Aranha: a hierarquia das masculinidades em Peter Parker**, de André Abdalla Saad, Félix Esteves de Souza e Sergio Isler Junior, trata de aspectos que determinam as formas presentes de masculinidade no protagonista da série *Spider-man*, criticando as formas hegemônicas como única maneira de observar o masculino e oferecendo um novo olhar pela proposta de um fenômeno plural.

No capítulo 6, **“The race grows sweeter near its final lap”**: **sexualidade, velhice e luto em *Modern Love***, de Gustavo Fernandes Scalvi, considerando os fatores culturais e históricos, trata dos desdobramentos da sexualidade no envelhecimento. Já Julia Maria Alves Lemos e Victor Bastos Ventura, no Capítulo 7, ***Moonlight* - sob a luz do luar: trabalhando a intersecção entre sexualidade, identidade étnico racial e masculinidade periférica no contexto da educação sexual**, fazem reflexões a partir de um olhar interdisciplinar sobre a construção da sexualidade por fatores determinantes para o desenvolvimento humano à luz da análise do comportamento, trazendo uma visão não hegemônica e sistemática e, por isso, fundamental para pensar a educação sexual.

No Capítulo 8, ***Nossas noites: a persistência do desejo no envelhecimento***, de Gabriel Câmara Branco e Richard Hideyuki Ueno, os autores sem ignorarem fatores biológicos e ao não aceitarem a naturalização do envelhecimento, vão em defesa através de um diálogo entre a psicanálise e o existencialismo (de Simone de Beauvoir) – de uma crítica ao estigma da sexualidade no idoso.

O Capítulo 9, **Shiva Baby: um olhar para as questões de gênero e sexualidade a partir da análise do comportamento**, de Emilyn de Oliveira Silva e Fernanda Pinto Freire, a partir da análise do comportamento e das ciências sociais, elabora reflexões e críticas aos determinantes sociais, que envolvem as dimensões de controle e contracontrole, ligados a formação do gênero e da sexualidade.

Carolina Busato Heiderich Okamoto e Roger Lai, que escreveram o Capítulo 10, **Como defender um assassino: análises a partir do recorte sexualidade, gênero e raça**, partindo de uma discussão decolonial que traz Franz Fanon, fazem uma análise de como marcas sociais dão significado para os corpos e suas sexualidades. Assim, o capítulo desenvolve uma análise que traz elementos, inclusive imagéticos, que aborda racismo, relacionamentos e existências em solidão.

O capítulo 11, **Adolescência e sexualidade: uma análise do episódio “sou...? Talvez esse teste me diga” e a construção da identidade no mundo digital**, de Débora Cristina Menegon Cherubin, Julia Leite Ruybal e Juliana Baptista de Almeida, aborda como a busca pela identidade de gênero é fundamental para a sexualidade e o desenvolvimento na adolescência. Porém, haveria algo de novo que se colocaria nessa busca frente ao anonimato que se apresenta como possibilidade no mundo virtual? Essas são questões desenvolvidas neste capítulo.

Os últimos capítulos reúnem a temática das identidades e transgeneridade, apresentando conceitos de desenvolvimento, problematizando a normatização social da expressão e vivência da sexualidade, incluindo

e dialogando com as construções acerca do gênero ligadas principalmente a feminilidade, cultura e transgeneridades. Essas questões são abarcadas no Capítulo 12, **Cisne negro: a repressão sexual na passagem da dicotomia à ambiguidade**, de Ana Laura Rossin Souza, Francisco Andrada Guilherme Raymundo e Mariana Rodrigues de Oliveira; no Capítulo 13, **Kakegurui: retratos midiáticos da adolescência**, de George Miguel Thisoteine, Brenda Sayuri Tanaka, Ana Cláudia Bortolozzi e Andre Gellis e no Capítulo 14, **Discussões sobre transgeneridade a partir da série Sense8**, de Gabriel Filipe Duarte Amaral, Matheus Cascone Campos Dias e Tainara Miranda de Araujo.

Esperamos que esse livro seja ferramenta que possibilite a abertura para reflexões e diálogos nas temáticas da sexualidade. Boa leitura a todas, todes e todos!



# Capítulo 1

## ELEMENTOS DISFUNCIONAIS DA MASCULINIDADE NA SÉRIE HOMENS?<sup>1</sup>

Caique Person Servollo

### Introdução

#### *Contexto Histórico relacionado*

Define-se a masculinidade tóxica, tema no qual circundam as principais questões trabalhadas no vigente capítulo, como uma construção social que pauta um compilado de regras que ditam comportamentos esperados do sexo masculino. Tais comportamentos envolvem, entre outros temas, excessiva competitividade, violência e enxergar emoções como fraquezas. Além disso, são marcados por gerar déficits na saúde e relações das pessoas na atualidade, como aponta Nigro (2018)

Apesar de não existir uma fórmula imutável e exata de como ser homem e mulher, Kehl (2008) diz que existe uma série de atributos, uma espécie de “código, que é imposto e que varia de acordo com o contexto sociocultural ao qual os indivíduos pertencem e, embora possa ser menos rígido em algumas culturas, sempre delimita o que compõe a “identidade feminina” e a “identidade masculina” de forma distinta. Entretanto, este “código de conduta”, por si só, não é capaz de extinguir e/ou recalcar as pulsões de cada indivíduo, que ao lutar para enquadrar-se nos moldes do que é socialmente aceito, adocece (NIGRO, 2018, p.3)

---

<sup>1</sup> A elaboração da versão original desse trabalho teve a contribuição do autor Vitor Marques Margini.



Buscando abordar com mais profundidade nosso tema, que aborda a construção social da masculinidade atrelada aos comportamentos nocivos ao bem estar psicológico tanto dos homens quanto das mulheres, faz-se necessário entender como esse dimensionamento foi sendo consolidado. Nigro (2018) ressalta uma especificidade importante no esperado dos homens já na Grécia antiga, com as elevadas posições de atividade política, filosófica e artística.

Outro ponto importante no contexto histórico, interessante para iniciar a elaboração é o referente ao período medieval, a partir do qual Nigro (2018) ressalta o fortalecimento de elementos como competência, probidade, coragem e bravura na formação de um ideal de masculinidade. Para exemplificar os elementos de tal *zeitgeist* a partir de tradições da época, tal contexto histórico contava com os chamados “duelos pela honra”, no qual estavam em jogo a dignidade e reputação do indivíduo.

Como a autora afirma, as tradições acabam por impactar os indivíduos dando um reflexo distorcido para os mesmos. Então, a partir dos incentivos recebidos, tem sido construído um ideal do que constitui ser um homem e isso se reflete em comportamentos vistos na atualidade que se iniciam desde a infância e constituem a chamada “masculinidade tóxica”, como aponta a autora (NIGRO, 2018, p.7)

O impacto desse comportamento medieval em defesa da honra pode ser verificado na atualidade através do que podemos chamar de masculinidade tóxica, na qual são incentivados (e até justificados) comportamentos violentos, repressão de sentimentos afetivos (que são vistos como fraqueza, “coisa de mulherzinha”, de “bicha”)

Na modernidade observou-se um fortalecimento desses ideais de masculinidade mais motivados por elementos políticos e religiosos. Outra tendência mais

adiante na contemporaneidade, como aponta a autora, foi a ascensão do militarismo e a consequente necessidade de unir esse aspecto de bravura com a faceta mais comedida do homem burguês.

Junto a isso, temos também o período pós Revolução Francesa sendo importante na concepção dos ideais de amor, sexo e família, consolidando ainda mais o papel do homem como provedor obrigatório, de forma que um cumprimento não satisfatório aos padrões desse papel afrontaria o ideal de masculinidade vigente.

Conectando com o contexto contemporâneo, pode-se então afirmar que os incentivos dados a tais traços, como competitividade e afirmação, acabaram por deixar os indivíduos do sexo masculino dependentes de tais elementos para conseguirem afirmarem sua identidade masculina, como ressalta De Paula (2019, p.86).

Partindo do contexto histórico apresentado, é possível notar que o homem sempre recebeu estímulos para contornar suas emoções e, por vezes, expressar emoções negativas, e poucos foram os momentos em que as emoções positivas fizeram parte de sua educação sobre como ser homem. Os traços construídos de competitividade, agressividade e liderança certamente fazem com que ele experimente satisfação e alegria quando alcança uma vitória a qual almejava ou quando sua masculinidade é reafirmada. No entanto, acredita-se que em boa parte desses momentos a alegria e a satisfação vivenciadas por ele se deu à custa do sofrimento de alguém.

O desconforto gerado nos tempos atuais, segundo De Paula (2019), se dá muito também a partir do momento que os papéis entre os sexos começam a ser repensados ao longo do século XX e o homem acaba se vendo com uma abrangência maior de sentidos para dar à sua vida, indo além do “script” que corrobora os traços citados e reforçados ao

longo da existência. Um exemplo disso está na mudança de posto de único pilar provedor da família.

Uma parte do adoecimento, então, estava intrinsecamente conectada com esses valores que motivam o homem para sua afirmação, influenciando negativamente questões que deveriam ser levadas com mais leveza no dia a dia. Um exemplo, que será exposto com mais detalhes na elaboração sobre os acontecimentos do seriado que será analisado, é o sexo. Ao ver o sexo como um ato de afirmação, muitas vezes sob a ótica da conquista, o homem acaba tendo uma postura de cobrança ao invés de se entregar ao momento e fazer com que ele e sua parceira obtenham o maior prazer possível do momento em questão.

### ***Termos chave***

Abordando termos chave usados na série, além da masculinidade tóxica já mencionada, temos um outro que dialoga com essa e se insere em uma relação de retroalimentação, sendo que um aspecto acaba fortalecendo o outro. Tal conceito seria o de masculinidade frágil.

A masculinidade frágil se dá no melindre com questões que em teoria colocam a masculinidade em cheque, o que se daria em atitudes que o senso comum afasta do polo masculino. Pode-se notar tais questões em sentidos populares de que homem não pode chorar, não pode levar desaforo para casa, não pode usar determinada cor, não pode demonstrar vulnerabilidade e emoções, entre outros elementos. O diálogo com a masculinidade tóxica vem quando tais melindres levam a tais comportamentos disfuncionais.

Relaciona-se aqui, também, o conceito de masculinidade hegemônica, que como pontua Costa (2003), se apoia na defesa de elementos como virilidade, heterossexualidade, competitividade e iniciação sexual para moldar uma postura para moldar uma forma de se portar

como homem na sociedade, trazendo aqui um pressuposto de inferiorização do que esteja distante disso.

Segundo Santos (2010), a contemporaneidade ressaltada no contexto histórico abordado anteriormente acabou sendo importante no processo de expor tal conceito. As conquistas femininas acabaram por fazer com que o homem perdesse o controle da simbologia de ampla dominância remetida ao masculino e refletisse cada vez mais sobre a amplitude dos papéis sociais e relacionais.

Nesse contexto, temos o conceito de sociedade patriarcal operando dentro das dinâmicas entre os personagens e situações da série. Segundo Folter (2021), a melhor definição de patriarcado seria a de uma sistemática pautada em elementos culturais e relacionais que vão privilegiar o homem branco e heterossexual.

Na sociedade patriarcal, prevalecem as relações de poder e domínio dos homens sobre as mulheres e todos os demais sujeitos que não se encaixam com o padrão considerado normativo de raça, gênero e orientação sexual. Por essa perspectiva, se o mundo fosse avaliado como uma escada de privilégios, o homem branco cisgênero e heterossexual seria o que mais acumula benefícios e que estaria no topo dos degraus. Logo, todos aqueles que não possuem alguma(s) dessas características, em relação ao gênero, raça ou orientação sexual, estariam abaixo nessa escada. O patriarcado é um sistema social baseado em uma cultura, estruturas e relações que favorecem os homens, em especial o homem branco, cisgênero e heterossexual (s/p).

Abordando outro conceito chave do estudo em questão, temos o machismo como um ponto de influência como um conseqüente da referida sociedade patriarcal, produzindo conseqüências que afetam em diversos níveis a relação entre os sexos. Dentro do seriado, um válido exemplo dessa manifestação se dá nas conversas entre os

personagens principais e como suas mentalidades refletem nas questões que vemos na narrativa.

O machismo é um preconceito, expresso por opiniões e atitudes, que se opõe à igualdade de direitos entre os gêneros, favorecendo o gênero masculino em detrimento ao feminino. Ou seja, é uma opressão, nas suas mais diversas formas, das mulheres feita pelos homens. Na prática, uma pessoa machista é aquela que acredita que homens e mulheres têm papéis distintos na sociedade, que a mulher não pode ou não deve se portar e ter os mesmos direitos de um homem ou que julga a mulher como inferior ao homem em aspectos físicos, intelectuais e sociais (MAYA, 2019, s/p).

Definindo o machismo, então, pode-se dizer que se trata de um compilado de noções que naturalizam um ideal superior do homem em relação à mulher, como afirma Duarte (2008). Segundo a autora, tais concepções são reforçadas até mesmo por setores centrais da vida em sociedade, como poderes estatais e religiosos, e também acabam sendo reproduzidas até mesmo por alguns membros do sexo feminino, tamanho grau de naturalização.

Também, é ressaltado que uma das principais formas de manutenção do discurso machista é justamente um dos modos que será relacionado à reprodução desse fenômeno, pautado em comentários que ajudam a disseminar estereótipos. E pode-se dizer que tais estereótipos que acabam limitando a perspectiva do indivíduo e gerando limitações no modo de lidar com a outra parte e consigo próprio nas dinâmicas intra e inter-sexos. Essa imposição acarreta pensamentos, crenças e discursos machistas, não só por parte dos homens, mas das próprias mulheres que mesmo sem perceber reproduzem os ensinamentos sociais aprendidos desde a mais tenra idade (PINHO, 2018).

## Material Analisado

Tipo de Material	Série
Título Original	Homens?
Nome Traduzido	Não há
Gênero	Comédia
Ano	2019
Local de lançamento e Idioma original	Brasil – Português
Duração	Ep. 1 - 27min / Ep. 3 - 28min / Ep. 6 - 27min
Direção	Johnny Araújo

A série *Homens?* acompanha a relação de 4 amigos Alexandre, Pedrinho, Pedro e Gustavo, que se reúnem para resolver o problema de ereção do primeiro, porém, no decorrer da trama, eles se veem em um processo de desmistificação, quebra de paradigmas e ressignificação de sua masculinidade tóxica.

No presente estudo serão analisados dois episódios da primeira temporada. O primeiro diz respeito ao episódio inicial da série, onde a trama principal é apresentada. Alexandre chama seus amigos para uma reunião (a contragosto) com o intuito de pedir ajuda, pois está “broxa”. Durante a reunião, ele conta que “brochou” 23 vezes, e conta que isso tudo começou quando mostrou seu pênis a uma garota que ele estava com interesse durante sua festa de aniversário, 1 ano antes da reunião atual. Após o relato, Pedro sugere que Alexandre procure um psicólogo, mas a ideia é rechaçada pelos demais, que sugerem que ele vá em um “puteiro” (casa de prostituição).

Chegando no “puteiro”, seus amigos o levam até a prostituta, chamada Tainá, porém, Alexandre conta para ela o ocorrido, fala de seu histórico como “comedor”, que “comia” todo mundo, mas que atualmente não tinha relações sexuais com mais ninguém. Após uma discussão

com Tainá, que procura entender o que Alexandre queria, ele “brocha” com ela também, o que causa revolta em seus amigos, em especial, Gustavo.

Outro episódio que serve de referência para este estudo é o terceiro da primeira temporada. O relato do episódio será apenas referente aos assuntos discutidos sobre Alexandre e Pedrinho.

Primeiramente Alexandre fica surpreso ao perceber que sua mãe ainda é ativa sexualmente, demonstrando insatisfação com essa situação. Logo depois, corta para uma cena dos amigos no bar, onde Pedro transa com uma garota, enquanto conta uma versão irreal de seu acidente que o deixou cadeirante.

Tainá, que desde o segundo episódio virou uma espécie de “psicóloga” para Alexandre - numa jornada de resignificação e reflexão sobre a masculinidade - faz uma reflexão com o protagonista sobre a sexualidade de sua mãe e das mulheres no geral.

No que diz respeito a Pedrinho, ele é chamado, assim como outras pessoas, como testemunha para investigação de um assédio na empresa em que trabalha. Após desacreditar a vítima, em favor do seu chefe, ele muda de opinião quando uma mulher (Cris) próxima a ele, com quem ele tem relações sexuais, diz que passou pela mesma situação.

Voltando para Alexandre, ele questiona, em conjunto com outros membros da empresa em que ele trabalha, se a peça publicitária que ele fez não era machista, porém, ele é rechaçado pelos demais. Posteriormente, vemos a repercussão negativa da divulgação dessa publicidade, sendo um evento gerador de insatisfação no protagonista.

O último episódio para análise neste trabalho é o sexto, onde será relatado apenas a perspectiva de Pedrinho e o assédio sofrido no trabalho. Primeiramente, faz-se necessário contextualizar outros episódios não relatados. Após a investigação mencionada no terceiro episódio, o

chefe de Pedrinho é demitido em detrimento de uma nova comandante mulher. Porém, ela começa a assediar Pedrinho e insinua que ele será promovido se fizer sexo com ela. Com a ambição de ser promovido, ele começa a ter relações sexuais com sua nova chefe, Simone.

Chegando no trabalho, há uma inversão de papéis no que ocorria anteriormente, quando as relações de poder pendiam para os homens, sendo representado pelo chefe. Assim eles se sentiam à vontade para fazer objetificar e sexualizar todas as mulheres do ambiente laboral. Mas, agora o objetificado era Pedrinho, sendo objetificado da mesma forma com que fazia antes.

## **Análise Crítica**

A série *Homens?* (2019) aborda diversos temas oriundos do cotidiano masculino. Acompanhando 4 amigos em uma viagem de autoconhecimento, desconstrução de paradigmas, questões de gênero, assédio, monogamia e alguns estereótipos variados de nossa sociedade.

A trama se inicia com Alexandre chamando seus amigos para uma reunião (a contragosto) com o intuito de pedir ajuda, pois está “broxa”. A série já começa colocando em xeque a masculinidade tóxica do protagonista, pois, esse tipo de masculinidade está calcado na questão da dominância, da conquista, ou seja, a incapacidade de manter uma ereção, tem como consequência, a perda da subjetividade por parte do sujeito configurado como homem. Inclusive, nisso há uma consonância interessante no conflito da desconstrução da masculinidade tóxica de Alexandre, com a masculinidade de seu pai, que literalmente diz que prefere morrer a perder a ereção e nunca mais poder “comer” ninguém, ou seja, ambos apresentam como questões centrais de sua existência, o sexo. Esse trecho faz um paralelo com o que é exposto por Bourdieu na seguinte passagem:



"possuir" (ao passo que resistir à sedução é não se deixar enganar, não se deixar "possuir"). As manifestações (legítimas ou ilegítimas) da virilidade se situam na lógica da proeza, da exploração, do que traz honra. E, embora a extrema gravidade de qualquer transgressão sexual proíba de expressá-la abertamente, o desafio indireto à integridade masculina dos outros homens, que encerra toda afirmação viril, contém o princípio da visão agonística da sexualidade masculina (BOURDIEU, 2012, p. 29).

O trecho acima também pode ser interpretado na explicação do personagem sobre sua impotência. Pois, ele diz que tudo começou quando ele assediou uma mulher por quem ele estava interessado. Isso entra em conformidade com a passagem acima, pois Bourdieu (2012) coloca, de certa forma, que para manter sua virilidade, o homem precisa demonstrá-la, sendo essa demonstração legítima (quando Alexandre diz que é o comedor e que precisa comer todo mundo) ou ilegítima (como no caso do assédio relatado acima).

A reunião ocorre e, após Alexandre contar aos seus amigos a origem e o histórico do problema, eles decidem ajudá-lo. Depois de diversas sugestões, os amigos entram em consenso. O protagonista deveria ir no puteiro e tentar ter relações sexuais com uma prostituta, pois, segundo eles, Alexandre estaria sentindo muita pressão de não poder brochar com uma mulher que ele teria que conquistar, com uma prostituta ele ficaria mais tranquilo, não sentindo toda essa pressão, o que poderia ajudar o seu caso.

Chegando no "puteiro", seus amigos o levam até a prostituta, chamada Tainá, porém, Alexandre conta para ela o ocorrido, fala de seu histórico como "comedor", que transava com todo mundo, mas que atualmente não faz sexo com mais ninguém. No decorrer do diálogo com Tainá, Alexandre diz a seguinte frase: "*Você pode não comer, mas eu tenho que comer todo mundo*", questionado sobre o porquê desse pensamento, ele responde que isso é

influenciado pelos amigos, pessoal do trabalho, ou seja, acaba sendo uma demanda social, reforçada pela sociedade patriarcal e machista onde vivemos.

No que diz respeito a essa pressão sentida por Alexandre, cabe a reflexão de isso ter se originado em sua adolescência, como uma demanda social e ter se estabelecido em sua vida adulta, sendo um comportamento mantido por pares, conforme exposto por Santos *et al.* (2015), que aponta a influência de fatores culturais na iniciação sexual de jovens, uma vez que estes têm que provar sua masculinidade desde cedo, devido a uma forte pressão social. O personagem principal da série é um exemplo disso, uma vez que foi levado em um puteiro na adolescência, para que perdesse sua virgindade, mesmo contra sua vontade, o que acarretou numa experiência ruim para ele.

Para finalizar, ele brocha com Tainá também, o que causa revolta em seus amigos, em especial, Gustavo que a questiona sobre o porquê dela não ter conseguido fazer o pau do Alexandre levantar. Encerrando o episódio, ela responde com a frase abaixo:

*Eu acho triste vocês acharem que uma garota de programa vai solucionar um problema que está na cabeça de vocês. E quem está com problema é ele, mas todos vocês estão no mesmo barco. E que se não pararem de agir feito uns idiotas, "broxar" vai ser só a primeira coisa antes de tudo desabar.*

A frase acima é o ponto de virada da série, que após um primeiro episódio recheado de comportamentos tóxicos, diz a que veio, visto que indica a necessidade de uma mudança.

Sacramento (2005) aponta que mediante um quadro dominante de normas e valores que informa a identidade de gênero masculina, as diferenças fisiológicas e metabólicas entre os sexos são utilizadas para justificar e validar uma dominação masculina. Assim, conforme apontado por Bourdieu,

A força particular da sociodicéia masculina lhe vem do fato de ela acumular e condensar duas operações: ela legitima uma relação de dominação inscrevendo-a em uma natureza biológica que é, por sua vez, ela própria uma construção social naturalizada (BOURDIEU, 2012, p.33).

Isso aparece na série na forma de uma antropomorfização do “pau” de Alexandre, sendo este um personagem constante da série, que aparece para trazer à tona esse “lado primitivo”, como em várias vezes os homens usam isso como “desculpa” para justificar atitudes tóxicas.

Antes de analisar o conteúdo do último episódio aqui referenciado, cabe discutirmos o conceito de masculinidade hegemônica. Costa (2003) aponta esse conceito como parte de um processo, construído socialmente, a partir das relações de gênero, onde configura-se a dominação e a legitimidade do patriarcado. Abaixo estão as características constitutivas de um modelo de masculinidade hegemônica.

Elementos que aparecem associados a um modelo hegemônico de masculinidade são: virilidade (vigor e energia); sustento dos filhos; autonomia e autoridade em relação às mulheres; iniciativa sexual; prescrição de força e disputa; heterossexualidade; associação com a esfera pública (COSTA, 2003, p.81).

Nos episódios seguintes, orientado por Tainá, a desconstrução de Alexandre começa. Primeiro é repensado a relação do protagonista com as mulheres de sua vida e, ele percebe, que não tem nenhum tipo de relação amistosa com ninguém do sexo feminino, uma vez que sempre pensou nas mulheres pela ótica sexual, não conseguindo criar vínculos de outra forma, sendo essa uma característica da masculinidade hegemônica citada acima. Em paralelo a problemática de Alexandre, Pedrinho e Pedro também enfrentam questões delicadas em sua vida. na ótica do

primeiro, está mais uma grande sacada da série, pois discute a questão do assédio no trabalho fazendo uma inversão de papéis, colocando o homem como o assediado, objetificado. Porque, dessa forma, consegue mostrar, para quem minimizar essa questão (em especial o homem machista), o quão grave é o assédio.

Nos contextos de trabalho de predominância masculina, as interações tornam-se sexualizadas e o assédio é frequente. Tal resulta, em parte, da prevalência de uma cultura masculina, supostamente viril, inerente a estes empregos. A capacidade de as mulheres conquistarem a sua própria autoridade depende da habilidade para gerirem não só o assédio dos seus supervisores, mas também dos seus subordinados do sexo masculino. Nestas organizações, a diversidade de género nos locais de trabalho tende a ser referida, como forma de reduzir as tentativas de assédio masculino (DIAS, 2008, p.15).

No caso da série, ocorre justamente isso, uma ruptura de predominância masculina nos cargos de liderança da empresa, mudando o foco, saindo do assédio moral acometido pelos homens, que objetificavam e sexualizavam as colegas de trabalho a todo instante, que levava seus clientes para reuniões em casas de prostituição, para convidar o telespectador, a fazer o exercício inverso, como se eles se sentiriam se ocorresse o contrário? o próprio Pedrinho colocou em descrédito uma funcionária que denunciou seu chefe por assédio sexual, mas, quando os papéis se inverteram e ele passou a ser vítima desse assédio, pela nova chefe, ele se sentiu mal. O que é corroborado por uma cena do episódio X, em que ele chega na empresa e começa a ouvir diversos comentários sobre si, o objetificando, da mesma forma que ele fazia com as mulheres.

Voltando ao personagem do Alexandre, assim como os diversos ambientes de sua vida, seu trabalho também é um ambiente machista e tóxico, o que acaba gerando um

sentimento ruim no protagonista. Ao refletir sobre suas atitudes, ele percebe que as coisas estão erradas também em seu trabalho, reforçador de estereótipos e preconceitos. Alexandre havia criado uma peça machista, e, depois das reflexões aqui expostas, ele percebe que a propaganda criada não era boa, mas mesmo assim foi forçado a publicá-la, pelos seus superiores e pelos clientes contratantes da criação publicitária. Durante a discussão que ele tem com seus colegas de trabalho, podemos verificar a manutenção do discurso machista por parte de uma mulher, a personagem Raquel, onde ela reforça um estereótipo de gênero, dizendo que mulheres estacionam mal (em referência a peça publicitária, que mostrava várias mulheres tentando fazer uma baliza, mas só conseguindo após a ajuda do carro com essa função).

Oliveira (2016), aponta que isso acontece mediante a uma construção social de identidade calcada em aspectos sociais, culturais e políticos, que atuam influenciando pensamentos, crenças e discursos machistas. (Pinho, 2018). Ou seja, como apontado por Connel e Messerschmidt (2013), a masculinidade hegemônica tem sua efetivação a partir da cumplicidade de mulheres que propagam esse discurso, tomando para si, através de fatores culturais, sociais e ideológicos.

Homens que receberam os benefícios do patriarcado sem adotar uma versão forte da dominação masculina podem ser vistos como aqueles que adotaram uma cumplicidade masculina. Foi em relação a esse grupo, e com a complacência dentre as mulheres heterossexuais, que o conceito de hegemonia foi mais eficaz. A hegemonia não significava violência, apesar de poder ser sustentada pela força; significava ascendência alcançada através da cultura, das instituições e da persuasão (CONNEL; MESSERSCHMIDT, 2013, p.245).

Ainda no terceiro episódio, Tainá demonstra para Alexandre, que estava se sentindo mal por saber que a mãe ainda é sexualmente ativa, o quanto que esse discurso de masculinidade hegemônica contribui para a dominação feminina, pois questiona a idealização do papel de mãe como uma “virgem maria”, através do seguinte excerto: *“Só não tem virgem Maria, que é um folclore escroto que os homens inventaram para castrar a mulher”*.

Para finalizar, a primeira temporada da série “Homens?” (2019) é muito importante, ao questionar a hegemonia masculina e os fatores culturais, sociais e históricos por trás dessas normativas, zombando e mostrando que uma ruptura com essa hegemonia é possível.

### **Considerações Finais**

Refletindo sobre o conteúdo da série, em consonância com os assuntos que visamos trabalhar no vigente capítulo, ressalta-se a influência das mudanças notadas nos tempos atuais como um canal de maior consciência dos elementos constituintes da dinâmica entre os sexos e também da dinâmica mais subjetiva da relação do homem com sua masculinidade.

Um exemplo disso está na ascensão das mulheres em importantes campos da vida em sociedade e o que acaba decorrendo disso nas relações. No caso da série, um personagem acaba refletindo sobre sua atitude em relação às mulheres quando sua chefe o objetifica sexualmente. Essa inversão de um *script* clássico da sociedade elucida um contraste que é importante para que novos paradigmas reflexivos possam emergir.

Outro ponto essencial é a questão do alerta para a implicância dos entendimentos e atitudes errôneas decorrentes desse modo disfuncional de observar a masculinidade. Quando o protagonista apresenta um

problema de disfunção erétil, fica evidente como tais elementos podem ser nocivos, gerando decorrências que vão além do desconforto psíquico.

Uma das mais importantes ferramentas, nesse contexto, mostra-se o diálogo. Quando se expõe o não-falado, tanto entre os homens entre si, quanto quando se fala dos homens com as mulheres, uma barreira é quebrada na direção de um olhar mais compassivo para os vícios presentes nas relações intra e interpessoais do nosso dia a dia. O que de certa forma é um ato de coragem: homens não foram historicamente incentivados a expor suas vulnerabilidades.

Então, o seriado em questão mostra que uma das mais importantes se dá em quebrar essa “casca” que compõe o arcabouço filosófico que compõe alguns pontos disfuncionais da masculinidade como um todo. Como é visto, quando os personagens começam a se abrir e refletir é iniciado um processo de reflexão e evolução.

Ao invés de remeter rigidamente à um ser que deve sempre performar e jamais pode falhar com o que se espera do pólo masculino, é interessante dar luz a esses pontos para que a masculinidade seja exercida de modo mais saudável e gere uma convivência mais pacífica, saudável e justa com seus iguais, com os diferentes e, o mais importante, do indivíduo consigo mesmo.

## Referências

BOURDIEU, P. **A Dominação Masculina**. 11. ed. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2012.

CONNELL, R W.; MESSERSCHMIDT, J. W. Masculinidade hegemônica: repensando o conceito. **Revista Estudos Feministas [online]**. 2013, v. 21, n. 1, pp. 241-282. Disponível

em: <<https://doi.org/10.1590/S0104-026X2013000100014>>. Acesso em: 10 mar. 2022.

COSTA, R. G. Saúde e masculinidade: reflexões de uma perspectiva de gênero. **Revista Brasileira De Estudos De População**, v. 20, n.1, p. 79–92. Disponível em: <<https://rebec.org.br/revista/article/view/305>>. Acesso em: 10 mar. 2022.

DE PAULA, R. C. M.; DA ROCHA, F. N. Os Impactos da masculinidade tóxica no bem estar do homem contemporâneo: uma reflexão a partir da Psicologia Positiva. **Revista Mosaico Suplemento 2**. Vassouras, v. 10, n.2,, p.82-88, 2019. Disponível em: <<https://doi.org/10.21727/rm.v10i2Sup.1835>>. Acesso em: 10 mar. 2022

DIAS, I. Violência contra as mulheres no trabalho: o caso do assédio sexual. **Sociologia, problemas e práticas**, Lisboa, n.º 57, 2008, p.11-23, 2008. Disponível em: <<https://repositorio.iscte-iul.pt/handle/10071/1201>>. Acesso em: 10 mar. 2022.

DUARTE, D. da S. O machismo e sua influência nas crenças centrais femininas. **Cadernos de Psicologia**, Juíz de Fora, v.2, n.4, p.463-481, 2020. Disponível em: <<https://seer.uniacademia.edu.br/index.php/cadernospsicologia/article/view/2850/1926>>. Acesso em: 10 mar. 2022.

FOLTER, R. O que é patriarcado?. **Portal Politize**, 29 jun 2021. Disponível em: <<https://www.politize.com.br/patriarcado/>>. Acesso em: 10 mar. 2022.

MAYA, I. Machismo: você entende mesmo o que significa?. **Portal Politize**, 09 jul 2019. Disponível em: <<https://www.politize.com.br/o-que-e-machismo>>. Acesso em: 10 mar. 2022.

NIGRO, I. S. Masculinidade: preciosa como diamante, frágil como cristal. **Revista Científica Eletrônica** - Faculdade de Ensino Superior e Formação Integral (FAEF). v.30, n.1, p.4-19, mai. 2018 . Disponível em: <[http://faef.revista.inf.br/imagens\\_arquivos/arquivos\\_destaque/nNirdcsu8KLocso\\_2019-3-8-17-21-47.pdf](http://faef.revista.inf.br/imagens_arquivos/arquivos_destaque/nNirdcsu8KLocso_2019-3-8-17-21-47.pdf)>. Acesso em: 10 mar. 2022.



OLIVEIRA, M. M. E. R. Você tentou fechar as pernas? - A cultura machista impregnada nas práticas sociais. **Polêmica**, v. 16, n.3, p. 01-18, jul-ago-set. 2016.

PINHO, A. R.; **O discurso machista na fala de mulheres nas redes sociais: caso Bruna Marquezine**. Unilab, 2018. Disponível em: <[repositorio.unilab.edu.br/handle/123456789/1611](http://repositorio.unilab.edu.br/handle/123456789/1611)>. Acesso em: 15 out. 2020.

SACRAMENTO, O. J. R. **Os clientes da prostituição abrigada: a procura do sexo comercial ma perspectiva da construção da masculinidade**. 2005. Dissertação (mestrado em Sociologia) - Instituto de Ciências Sociais, Universidade do Minho, Minho, 2005. Disponível em: <<http://repositorium.sdum.uminho.pt/handle/1822/37019>>. Acesso em: 10 mar. 2022.

Santos, A. L. S. **A mulher na sociedade patriarcal capitalista: estranhamentos, desigualdade de gêneros e violências subjetivas**. Trabalho de conclusão de curso (Bacharelado em Serviço Social) - Instituto de Ciências Sociais Aplicadas, Universidade Federal de Ouro Preto, Mariana, 2022. Disponível em: <[https://www.monografias.ufop.br/bitstream/35400000/3778/1/MONOGRAFIA\\_MulherSociedadePatriarcal.pdf](https://www.monografias.ufop.br/bitstream/35400000/3778/1/MONOGRAFIA_MulherSociedadePatriarcal.pdf)>. Acesso em: 10 mar 2022.

SANTOS, S. C. M. dos. O modelo predominante de masculinidade em questão. **Rev. Pol. Públ.**, São Luís, v. 14, n. 1, p.59-65, jan./jun. 2010. Disponível em: <<https://www.redalyc.org/pdf/3211/321127307006.pdf>>. Acesso em: 10 mar. 2022.

SANTOS, T. M. B.; ALBUQUERQUE, L. B. B. de; BANDEIRA, C. da F.; COLARES, V. S. de A. Fatores que contribuem para o início da atividade sexual em adolescentes: revisão integrativa. **Revista de Atenção à Saúde**, v. 13, n. 44, p.64-70, 2015. Disponível em: <<https://doi.org/10.13037/ras.vol13n44.2668>>. Acesso em: 10 mar. 2022.

## Capítulo 2

### REQUIEM FOR A DREAM: QUANDO A BUSCA PELO PRAZER SUBJUGA A SEXUALIDADE

Vitor Hugo Rossetti Canasiro  
George Miguel Thisoteine  
Andre Gellis

#### Introdução

O que as pessoas atribuem de valor às suas vidas? É com esse questionamento que Sigmund Freud (2011) inicia sua reflexão sobre a infelicidade em *O mal-estar na Civilização*. Poder, sucesso, riqueza e admiração são elementos normalmente tributários de prestígio e, para muitos, como objetivo de vida. Mas se consideradas as reflexões psicanalíticas, é preciso ir além.

Em *O Mal-estar na Civilização*, Freud (2011) trata tanto da repressão da sexualidade como da agressividade. Ambos os temas são complementares e estão ligados à formalização da primeira tópica das pulsões, onde há uma divisão da libido, energia que forma o inconsciente, em pulsão sexual e pulsão de autopreservação (ego). Essa divisão, apesar de anterior à formalização da segunda tópica freudiana, onde elas se apresentam como pulsão de vida e de morte (LAPLANCHE; PONTALIS, 1991), permite certas considerações que aproximam da discussão sobre a infelicidade e a sexualidade.

Assim, ao considerar a primeira tópica, atribui-se ênfase sobre essa questão de modo que permite localizar a repressão sexual e a agressividade nos domínios econômicos da vida pulsional. Uma vez que a pulsão sexual

sofre constantemente a repressão dos seus objetivos pela pulsão de autoconservação, o que implica em uma agressividade que advém do direcionamento da repressão sobre a própria sexualidade, bem como ao desejo do sujeito. Nesse sentido, a sexualidade individual não se manifesta apenas como a expressão de uma necessidade orgânica, mas um complexo jogo de forças, de disputa, entre a busca pelo prazer e a luta contra o desprazer (FREUD, 2011).

Essa disputa exige uma constante regulação da vida sexual do indivíduo, a qual é ordenada por dois princípios: princípio de realidade e princípio de prazer. O primeiro, o *princípio de realidade* (LAPLANCHE; PONTALIS, 1991), tem o impacto de restringir a atividade de prazer, uma vez que nem sempre é possível atingi-lo ou mesmo para ressignificar a necessidade que se apresenta de forma momentânea. O *princípio de prazer* (LAPLANCHE; PONTALIS, 1991), por sua vez, busca a realização e é perigoso para o próprio psiquismo, pois se funcionasse livremente levaria a uma descarga total; no entanto, o princípio de realidade impõe ao princípio de prazer apenas uma realização parcial e assim mantém segura as atividades mentais.

Com isso Freud cria uma condição que alguns chamam de pessimista (FIGUEIREDO, 2014), porém, que representa também a condição humana tal qual caracterizada pela obra: a busca pelo prazer na evitação do desprazer. Assim diz Freud (2011, p.28) que é impossível alcançar todos os desejos, pois

O programa de ser feliz, que nos é imposto pelo princípio de prazer, é irrealizável, mas não nos é permitido - ou melhor, não somos capazes de - abandonar os esforços para de alguma maneira tornar menos distante a sua realização. Nisso há diferentes caminhos que podem ser tomados, seja dando prioridade ao conteúdo positivo da meta [pulsional], a obtenção de prazer, ou ao negativo, evitar o desprazer.

Porém, para Freud, isso não ocupa um papel negativo. Em verdade, é porque a sociedade impõe ao indivíduo a necessidade de abdicação de sua satisfação total que a civilização pode prosperar. Um verdadeiro tesouro para a sociedade que traz para os sujeitos tantas formas de satisfação parciais quanto possíveis: imagináveis e produzíveis. Essa condição cíclica de prazer-desprazer-prazer-desprazer, leva a uma nova forma de ver a sexualidade.

De fato, desde os primórdios das reflexões freudianas, o prazer e o desprazer são elementos constitutivos da sexualidade humana (FREUD, 1996a, 1996b). Entretanto, entre 1920 e 1930, será teorizada uma nova relação entre prazer-desprazer e sexualidade. Nesse momento ulterior da elaboração psicanalítica há vários novos elementos, dos quais aqui se destacam as considerações específicas acerca da primeira tópica, que permitem enxergar a sexualidade de outro modo, mas não excludente, daquele que faz uma figuração de uma outra cena ou da repetição de um pensamento inconsciente. Assim, a dimensão de controle do prazer e do desprazer psíquicos se torna uma questão axiológica para compreender a dimensão da sexualidade.

Como está em questão considerar a sexualidade constituída por múltiplos fatores que geram na história e, mesmo imediatamente, no indivíduo aspectos de prazer e desprazer em sua vida mental, torna-se possível aproximar a conceitualização de educação sexual, como proposta pelos pesquisadores Maia e Ribeiro (2011, p.76), de onde

atitudes e valores, comportamentos e manifestações ligados à sexualidade que acompanham cada indivíduo desde o seu nascimento constituem os elementos básicos do processo que denominamos educação sexual. Tem um caráter não intencional e existe desde o nascimento, ocorrendo inicialmente na família e depois em outros grupos sociais. É o modo pelo qual construímos nossos valores sexuais e morais, e se constitui de discursos religiosos, midiáticos, literários etc.

Logo, a atitude que advém de uma educação sexual, seja ela formal ou informal é constituinte também do processo social, cultural, político e discursivo que constitui a sexualidade enquanto fenômeno humano. Ainda, poderia se adicionar um outro fator a essa lista: a solução para a ausência de resolução da tensão, ou seja, a falta de prazer. A isso, indica Freud (2011, p.20)

O sofrer nos ameaça a partir de três lados: **do próprio corpo**, que, fadado ao declínio e a dissolução, não pode sequer dispensar a dor e o medo, como sinais de advertência; **do mundo externo**, que pode se abater sobre nós com forças poderosíssimas, inexoráveis, destruidoras; e por fim, **das relações com outros seres** humanos. (grifos nossos)

Três aspectos que de formas diferentes podem ser relacionados com questões sociais, como o uso de drogas e a intoxicação. Para Freud, esse é um aspecto importante, pois ele muda as condições de pressão que o princípio da realidade possui sobre o princípio de prazer (FREUD, 2011). O uso de drogas como forma de alívio da infelicidade, ou do mal-estar, encontra o seu papel à medida que ela torna o corpo uma fonte de desprazer pela falta que a própria droga pode gerar, a medida que é o corpo que sedia o prazer do uso; submete o indivíduo a situações positivas e a toda sorte de desventuras no mundo e nas relações para a obtenção do próximo prazer, condicionado à próxima intoxicação, ou seja, do uso em si.

As drogas estão presentes em diferentes momentos históricos, de diferentes formas, mas em todas as sociedades (FREUD, 2011). Apesar do fato de as sociedades se encontrarem providas da questão do uso das intoxicações, é no capitalismo que elas encontram uma forma voltada para a reprodução do gozo e não apenas do prazer particular (SOLLER, 2016). O gozo, é aquela forma de obtenção de prazer que é preterida do prazer, e

acompanhada do desprazer, mas também que pode levar à repetição da forma(ula). Essa repetição, no caso da droga, se faz evidente e idiossincrática ao sentido dado na busca pelo prazer de cada indivíduo. É somente porque os indivíduos precisam reviver a situação de prazer, como a completude exemplificada por Freud (2011) pelo sentimento oceânico, que eles reiteradamente se prendem à condição de intoxicação e por isso se aproxima do comportamento de consumo, principalmente aquele executado pelas massas no capitalismo (ADORNO; HORKHEIMER, 1985).

Uma abordagem que busque evitar os estigmas acerca do uso de drogas necessita ser crítica. A abordagem de Sigmund Freud acerca da relação das drogas e da sexualidade é uma forma crítica e não naturalizante de compreender essa relação. Pelo contrário, Freud revela contradições e padrões sociais, problemas fundamentais sobre o desenvolvimento sexual humano que dão origem a comportamentos sociais complexos, como o uso de drogas. Consumo e intoxicação, portanto, são elementos fundamentais para se pensar também na construção da sexualidade a partir da psicanálise ou, pelo menos, das consequências oriundas do desenvolvimento. Ou ainda, como aponta Maia (2012), de uma *educação sexual formal* ou *informal*, mesmo que com isso sejam ressaltados aspectos disfuncionais.

Além dos apontamentos levantados até aqui, a perspectiva em questão permite uma crítica à própria condição contemporânea da busca pelo prazer. A psicanálise reconhece a importância da trilha que cada um realiza em busca do desejo, mas não se precipita em dizer que a solução para as neuroses seria que cada neurótico encontrasse individualmente a melhor maneira para satisfação de sua sexualidade. O que faz imponente às palavras do filósofo Slavoj Žižek (2010) ao dizer “*We are allowed not to enjoy*”, isto é, “Nessa situação, a psicanálise é o único discurso em

que você tem permissão para não gozar - você não é proibido de gozar, apenas é libertado da pressão para fazê-lo” (p.128).

Essa alternativa da psicanálise permite questionar de forma não tradicional o uso de drogas, além de relacionar a questão do consumo com a sexualidade e os padrões sociais. Desse modo, essa análise busca constatar como no filme *Requiem for a dream* estão presentes elementos importantes que dialogam com as teses freudianas levantadas.

### Material Analisado

Tipo de Material	Filme
Título Original	<i>Requiem for a dream</i>
Nome Traduzido	Réquiem para um sonho/ A vida não é um sonho
Gênero	Drama
Ano	2000 (EUA) / 2001 (BR)
Local de lançamento e Idioma original	EUA e Inglês
Duração	1h 42m
Direção	Darren Aronofsky

*Requiem for a Dream* é um drama psicológico norte-americano dos anos 2000 – estreado no Brasil em 2001 –, dirigido por Darren Aronofsky e baseado no livro homônimo de Hubert Selby Jr. O longa foi um sucesso ao tratar sofisticadamente, com a coordenação de recursos fotográficos e sonoros, da temática do consumo de drogas. Grande parte dessa inovação adveio da crítica não reducionista às substâncias ilícitas e direcionada ao público jovem, mas abrangente quanto às substâncias lícitas, vícios de comportamento e público alvo. O legado da obra permanece consolidado em razão do registro de sua época, mas se mantém atual quanto às questões levantadas.

O filme retrata as jornadas de quatro personagens em busca da realização de seus sonhos que, embora sejam

entrelaçados pelo consumo de drogas, destinam a cada um deles singulares formas de prazer e desprazer e onde por fim seguem caminhos distintos. Tais personagens, apesar de individualmente relevantes e de equivalente aprofundamento, acabam por corresponder aos vínculos afetivos que convergem na figura central de Harry Goldfarb (Jared Leto) – jovem adulto, sem atividade profissional e dependente químico –, nos quais Sara Goldfarb (Ellen Burstyn) é sua mãe, Marion Silver (Jennifer Connelly) sua namorada e Tyrone C. Love (Marlon Wayans), seu melhor amigo. Tendo em vista essas condições, impostas pela busca do melhor aproveitamento das personagens, a narrativa se desenvolve sob duas principais ópticas, uma delas direcionada à Sara e a outra aos jovens amigos.

Durante a trajetória de Sara, acompanha-se uma idosa, viúva, solitária, viciada em programas de auditório e mãe de um usuário de drogas agressivo, fato que a expõe a diversas situações de violência. Essa realidade introspectiva, monótona e desprazerosa é confrontada quando recebe a notícia de que irá aparecer em seu programa de televisão favorito, um espetáculo de auto-ajuda. A nova realidade oferece um prestígio entre as vizinhas e a oportunidade de reviver um momento de prazer; contudo, também impõe à Sara a preocupação estética com seu peso, o qual a insatisfaz pois não possibilita usar seu vestido favorito.

Em busca de uma solução que oferecesse os resultados esperados e afastasse os desprazeres, opta pelo uso de remédios para emagrecimento. Entretanto, as substâncias, pelo uso contínuo, vão perdendo seu efeito inicial e tornam-se insuficientes para combater o mal-estar de Sara, situação combatida pelo aumento irresponsável da dosagem. As consequências são tamanhas que as estruturas cognitivas de Sara são comprometidas, levando-a à invalidez.

Sob a óptica dos jovens, acompanha-se três adultos desempregados que vivem às custas dos pais e de pequenos



golpes. Os sonhos deles destoam muito das realidades que vivem, menos em relação ao uso de drogas. Tal situação os leva, visando o cotidiano consumo de drogas e o enriquecimento para mudar de vida, a vender drogas. O esquema dos jovens trata de diluir a heroína de alta quantidade e revender nas ruas.

Inicialmente, todos vivem um período próspero de enriquecimento e prazer, no qual a realização dos sonhos se torna mais concreta. Harry e Marion tornam-se mais íntimos, dando prosseguimento à abertura da desejada loja de roupas, enquanto Tyrone se realiza comprando mobílias. O sonho é interrompido pelo desabastecimento de heroína e a prisão de Tyrone, causando a perda do dinheiro e a escassez da droga. O mal-estar torna-se tamanho que o amor entre Harry e Marion é questionado em virtude da necessidade de consumir a droga, levando a situações de abuso.

### **Análise Crítica**

A análise parte da noção de *sentimento oceânico*. Essa ideia é levantada por Freud (2011) para dizer acerca da necessidade de completude, que tem origem nas primeiras experiências do indivíduo e remete a uma mitológica satisfação que nunca mais poderá ser revivida. Isso não impede a existência de uma marca que sobra no indivíduo e como isso o afeta em busca de outras formas de satisfação, ou das consequências de desprazer que essa busca também gera.

Nesse sentido, o *sentimento oceânico* está em relação com as modalidades de prazer-desprazer e a questão da intoxicação dá destaque para essa noção (FREUD, 2011; LAPLANCHE; PONTALIS, 1991). Muitas vezes o usuário de uma droga, busca uma completude, relaxamento ou apenas o prazer do uso; em todo caso, parece ser a tentativa de cessar o princípio de realidade o principal objetivo, o mesmo que está em jogo na ideia do *sentimento oceânico*.

Por conta da ênfase que será dada para essa noção em prol de explorar a questão da intoxicação e do desenvolvimento psicosexual, esta análise será pautada nos personagens de Sara Goldfarb, Harry Goldfarb e sua namorada Marion. E, desse modo, o personagem Tyrone, que apresenta questões voltadas diretamente para a sua personalidade e a sua história edípica (sua formação como pessoa e a relação com sua mãe), não será abordado.

### ***Sara Goldfarb: estética e sexualidade do excesso***

No início do filme, é possível visualizar as relações sociais e mesmo a economia libidinal envolvendo Sara Goldfarb. Tanto em relação ao seu filho, Harry, quanto às suas vizinhas – únicas interações de Sara –, a personagem se posiciona de modo passivo do fluxo de libido. É objeto da agressividade do filho, quando esse não dispõe de recursos para financiar seu vício em heroína, e da indiferença das pseudo-amigas. Tal rede desprazerosa de interações favoreceu a ocorrência de um processo de introspecção da personagem, seguido pela formação de um **Eu-de-prazer**<sup>1</sup>, no qual passa a restringir suas fontes de prazer a assistir na televisão o *Tappy Tibbons Show* – programa, apresentado pelo produtivo e alimentariamente disciplinado Tappy Tibbons (Christopher McDonald) que, com a premissa de vencer na vida, atrai pessoas a perder peso – e devanear um futuro próspero para Harry.

Outro fator contribuinte para essa construção do Eu-de-prazer de Sara é a perda prematura de seu marido, Seymour. Não se desenvolve muito sobre esse personagem, não é explicado o motivo e a localização temporal de seu

---

<sup>1</sup> Freud (2011, p.10): "Surge a tendência a isolar do Eu tudo o que pode se tornar fonte de tal desprazer, a jogar isso para fora, formando um puro Eu-de-prazer, ao qual se opõe um desconhecido, ameaçador 'fora!'."

falecimento, mas ele se faz presente, ao longo do filme, nos discursos lúcidos e não-lúcidos de Sara. A figura de Seymour<sup>2</sup> na psique de Sara, normalmente associada à recordação da formatura de Harry e o vestido vermelho que usava nessa situação, provoca sentimentos de saudade desse passado não solitário e de culpa e responsabilidade pelo filho. Essa sensação de exigência, perante o falecido marido, e de solidão da personagem é comprovada pela fala: *"Seu pai ficaria tão feliz, se pudesse ver o que está fazendo por sua mãe. Está vendo, Seymour? Está vendo como seu filho é bom? Sabe como é duro para sua mãe viver completamente só. Sem ninguém que a visite"*.

A estruturação do Eu-de-prazer de Sara conseguiu proporcionar estabilidade à senhora, mesmo com as eventuais turbações causadas por Harry, as quais passaram a ser tratadas com naturalidade. Essa é a situação da psique e das relações de Sara que se apresentam primeiramente no longa. Contudo, essa constância é abalada por dois eventos: a saída permanente de Harry da casa de sua mãe, para abrir um negócio com Marion, e a ligação da organização do "Tappy Tibbons Show" a convidando para participar do programa.

O convite mudará completa e permanentemente as condições sociais, corporais e psíquicas de Sara. Instaure-se, inicialmente, um sentimento de prazer e, guiada pelo princípio de prazer, vai contar a uma de suas vizinhas. Imediatamente, recebe um aumento de seu status pelo reconhecimento da vizinha, mas logo é defrontada pelo princípio da realidade, que a provoca sofrimento em virtude das atuais qualidades de seu corpo<sup>3</sup> – não conseguir usar seu vestido vermelho. Essa angústia da personagem, ao posicionar com relevância um objeto específico de um

---

<sup>2</sup> Freud (2011, p.15): "A conservação do passado na vida psíquica é antes regra do que a surpreendente exceção".

<sup>3</sup> Remete à citação do Freud sobre as modalidades de sofrimento humano.

momento específico de seu passado – a formatura de Harry, na qual era jovem, magra e casada – coloca em evidência a fundamentalidade dessas lembranças para suportar sua realidade. A referência de felicidade para Sara encontra-se tão longinquamente no passado que se torna essencial, para viver um prazer semelhante, retomar o máximo das condições existentes em seu passado.

A chegada, pelo correio, de um formulário para participar do show altera a forma como outras vizinhas a viam, tanto que lhe é oferecido o melhor lugar para tomar sol em frente ao prédio – manifestação desse reconhecimento. Contudo, novamente, parte de um momento de prazer para outro de desprazer, quando fazem piadas sobre a cor de seu cabelo e a dieta alimentar adotada pela personagem. Mesmo com comentários desagradáveis, Sara permanece na conversa, a qual caminha para o compartilhamento de angústias alimentares, e demonstra interesse pela recomendação de um médico e remédio "milagrosos" que prometem, com três pílulas diárias, eliminar o desprazer da restrição alimentar, ou seja, causando a desnecessidade de satisfazer tal impulso instintual selvagem.

Após as primeiras doses, há um novo domínio do princípio de prazer em detrimento do princípio de realidade, estabelece-se um **Eu-de-prazer artificial**. Essa forma de Eu-de-prazer é identificada singularmente pela presença da substância química, a qual permite o afastamento dos desprazeres da não saciedade dos instintos naturais. Dessa vez não somente introspectivo e restrito às atividades favoritas, mas capaz de suprimir impulsos instintivos – por exemplo, a fome, exaustão e insônia. Essa satisfação química da compulsão pelo alimento, que inclui alucinações com os objetos de prazer, desloca o desejo para o campo visual, aumentando sua dependência da televisão e das imaginações de sua participação no show.

Após o uso frequente dos medicamentos e o aumento de seus desejos alimentícios, constitui-se, em razão da realidade ausente de prazeres, uma nova situação de desprazer, a qual é combatida com o aumento, sem indicação médica, da dosagem. Sara passa a estabelecer inimizade<sup>4</sup> com sua realidade, já que a associa com o sofrimento desse recalque alimentício, o envelhecimento e a solidão. Enquanto isso, condensa na nova realidade química a suspensão dos desprazeres, a promessa estética e a visibilidade. Desse modo, a personagem decide permanecer quase que constantemente sob o efeito da droga<sup>5</sup>.

Com o uso descontrolado da medicação, Sara mergulha completamente em sua realidade artificial. Desloca o desejo, até então limitado ao ver, para o ser vista, comprovada pelo delírio, no qual se vê dentro do programa de televisão e interagindo com o apresentador, sua versão mais jovem usando o vestido, a plateia e a produção do show. Nessa interação, aspectos do subconsciente de Sara são explicitamente apresentados.

A repulsa por sua realidade é destacada, na ilusão, pelas ofensas e piadas feitas pelo apresentador e por sua versão mais jovem, as quais focam na estética e qualidade da casa de Sara. Além disso, sua versão mais jovem, durante as ofensas, beija o apresentador, revelando uma possível objetificação sexual deste pela personagem, uma provável associação de Tappy Tibbons com o falecido esposo, ou uma forma simbólica de expressar sua compulsão alimentar.

---

<sup>4</sup> Freud (2011, p.25): “Mais energético e mais radical é um outro procedimento, que enxerga na realidade o único inimigo, a fonte de todo sofrimento, com a qual é impossível viver e com a qual, portanto, devem-se romper todos os laços, para ser feliz em algum sentido.

<sup>5</sup> Freud (2011, p.22): “O serviço dos narcóticos na luta pela felicidade e no afastamento da miséria é tão valorizado como benéfico, que tanto indivíduos como povos lhes reservam um sólido lugar em sua economia libidinal. A eles se deve não só o ganho imediato de prazer, mas também uma parcela muito desejada de independência em relação ao mundo externo.

Independente dos motivos que transformaram a figura do apresentador em um objeto sexual, é cabível apontar a ocorrência de um novo deslocamento, do ser vista para o ser desejada, que, mesmo não explícito, sempre esteve presente e impulsionando as transações libidinais da personagem.

O delírio, talvez pela lesão das estruturas neurológicas provocada pela droga ou pela dor do dano psicológico causado pelo conflito entre o real e o irreal, toma o controle da psique de Sara. Esse dano permanente incapacita a personagem de forma a não conseguir mais estabelecer uma comunicação com outros indivíduos. Fato que, aliado a agentes sociais – transeuntes, policiais, médicos e enfermeiros – desinteressados em procurar entender o sofrimento e aplicar o tratamento devido, ou somente conformados com o mal-estar da civilização, leva Sara a tratamento de choque e, posteriormente, a completa invalidez – a formação de um **Eu-de-prazer delirante** – em um hospital psiquiátrico. A manifestação dessa outra forma de Eu-de-prazer advém do comprometimento das estruturas psíquicas de Sara, a qual mesmo sem os medicamentos não consegue abandonar o delírio que a liga a uma dimensão de completude psíquica, afastando todas as formas de desprazer da realidade.

### ***Harry e Marion: da paixão ao evitamento do amor***

Harry Goldfarb e Marion Silver no filme estão inicialmente em um relacionamento amoroso heterossexual e em prática monogâmico. Não é explícito o tempo que tal relação se prolonga, mas a elevada intensidade dessa união revela o real envolvimento emocional das personagens. Mais especificamente, os fluxos da economia libidinal dessa relação formam uma complexa rede, na qual os pais de ambos e Arnold (Sean Gullette) – homem, economicamente bem-sucedido, considerado pelos pais de Marion um bom

pretendente para ela – assumem posições de poder e restritora das vontades do casal. Além disso, outro elemento presente, nesse sistema libidinal, é o consumo de heroína, que se manifesta como atividade de prazer, primeiramente não prejudicial. Contudo, mesmo com essas influências externas, o amor sexual e a eloquência da juventude garantiram essa conexão.

A alteração desse sistema libidinal se delinea com o plano econômico<sup>6</sup> de Harry e Tyrone de traficar heroína para ascender socialmente e sustentar os vícios de ambos. Outros fatores que influenciaram a adesão à prática criminosa por Harry foram: a culpa pelo tratamento agressivo com sua mãe nos momentos de abstinência e o desejo de sua namorada não depender mais do suporte financeiro dos pais e de Arnold.

Quanto à organização, Tyrone ficou encarregado de comprar a heroína pura, fato que o leva a estabelecer contatos com outros traficantes, e distribuir, enquanto Harry adultera o produto e também distribui. Marion se insere como um elemento secundário nessa relação comercial, ajudando em algumas atividades e se beneficiando do acúmulo de capital e da disponibilidade da droga.

Com base na teoria da energia psíquica<sup>7</sup> de Freud, homens e mulheres assumem papéis libidinais distintos na sociedade, sendo esses voltados ao trabalho da cultura e estas aos interesses da família e da vida sexual<sup>8</sup>. Embora essa

---

<sup>6</sup> Harry: “Esta é a nossa chance de nos darmos bem. Se tivermos cabeça, poderemos obter meio quilo da pura. Mas se usarmos, poremos tudo a perder”.

<sup>7</sup> Freud (2011, p.49): “Como um indivíduo não dispõe de quantidades ilimitadas de energia psíquica, tem que dar conta de suas tarefas mediante uma adequada distribuição da libido”.

<sup>8</sup> Freud (2011, p.49): “As mulheres representam os interesses da família e da vida sexual; o trabalho da cultura tornou-se cada vez mais assunto dos homens; coloca-lhes tarefas sempre mais difíceis, obriga-os a sublimações instintuais de que as mulheres não são muito capazes”, uma vez que a

teoria freudiana não seja igual ao quadro apresentado pelos paradigmas da pós-modernidade, uma vez que se tratava de uma sociedade mais machista e conservadora, seu uso possibilita, no filme, não somente o entendimento analítico das relações de economia libidinal, mas também a melhor identificação das situações de abusos sofridas por Marion e, posteriormente, uma crítica à própria estrutura patriarcal como desvantajosa libidinalmente às mulheres.

Dessa forma, retomando a obra, cabe destacar que, nessa nova sistematização econômica, estabelecem-se novos papéis libidinais de gênero. Harry, antes dependente dos recursos financeiros e libidinais de sua mãe, assume o papel do homem, responsável pelo trabalho cultural e consumidor da libido familiar proporcionada por Marion, que, por sua vez, torna-se livre da relação com seus pais e Arnold. O novo sistema recorta a rede de fluxos e conecta exclusivamente Harry e Marion em uma união, semelhante à família, que busca não dissipar energias psíquicas.

O negócio de Harry e Tyrone prospera, levando-os a acumular capital suficiente para gastos pessoais. Harry e Marion investem na desejada loja de roupa, a qual, futuramente, seria capaz de removê-los da prática criminosa e os regulamentar na vida laboral. A loja, seja explícita ou simbolicamente, não recebe um aprofundamento no filme, contudo é possível afirmar que nela tenha ocorrido a condensação dos mais puros afetos do amor sexual do casal e, será através do deslocamento do desejo, prioritário, pela loja para a droga que se torna evidente a subjugação da sexualidade pela busca do prazer.

A prosperidade é interrompida por uma crise de desabastecimento de heroína na cidade dos três jovens. Tal conjuntura, além de impossibilitar a continuidade da

---

sociedade não permite reconhecimento de formas de sublimação iguais para homens e mulheres.



atividade econômica ilegal, expõe Tyrone a conflitos entre policiais e traficantes, levando-o à prisão. A fiança do amigo custou às últimas reservas financeiras do grupo.

Sem dinheiro e sem heroína, Harry inviabiliza o fluxo libidinal, uma vez que não consegue mais proporcionar o retorno à Marion. A subversão dos valores amorosos e regras de relacionamento – sintetizados pela loja de roupa – começa neste contexto, quando Harry pede para que Marion consiga dinheiro de Arnold, independente se tiver de realizar atos sexuais com esse, e promete para ela que, caso consiga, ele será capaz de retomar os investimentos para a loja e a heroína, nesse momento já o elemento de maior importância para o casal. Essa nova reorganização da economia da libido desregula o sistema do casal, pois Harry passa a somente receber, enquanto Marion entrega duplamente, ao enfrentar o desprazer de uma relação sexual não desejada com Arnold e, posteriormente, entregar o produto disso, o capital, para Harry.

O relacionamento do casal sofre com esse desprazer sexual vivenciado por Marion, mas se apoia na proximidade entre os indivíduos e seus mútuos objetos sexuais e na esperança da recuperação das condições socioeconômicas e de prazer anteriores à crise. O ponto crítico e responsável pela completa deterioração da união entre as personagens é a falha de Harry em obter a droga, novamente se mostrando incapaz de sustentar o fluxo de energia. Tal falha é inconcebível para Marion, por conta do sacrifício de sexualidade e o não cumprimento da promessa de Harry. Sem alternativas e pressionado, o filho de Sara opta por dar a Marion o número de Big Tim (Keith David), traficante que somente troca a heroína por sexo com mulheres, e ir para outro estado em busca da heroína.

O afastamento dos objetos de prazer e a sucessiva troca do corpo de Marion por heroína impede completamente a manutenção do fluxo de energia entre as personagens. Harry é

mal sucedido em sua viagem, sendo preso e tendo seu braço amputado em virtude do uso compulsivo de droga injetável. Tal esgotamento físico, libidinal e financeiro de Harry impulsiona Marion a realizar mais um deslocamento de sua fonte de libido, dessa vez para os traficantes que irão satisfazer seu vício pelo consumo de seu corpo.

O ponto final da jornada dessas personagens que é apresentado, além de trágico para ambas as partes, é completamente oposto à situação inicial, na qual imperava o amor e a droga tratava-se apenas de mais um objeto de prazer. A medida que a busca pelo prazer químico e pelo enquadramento na sociedade capitalista passa a relativizar o amor, até mesmo a sexualidade desses, e a levá-los para a degradação de sua união, confirma-se a afirmativa de Freud (2011, p.51):

Há ocasiões em que acreditamos perceber que não somente a pressão da cultura, mas também algo da essência da própria função nos recusa a plena satisfação e nos impele por outros caminhos. Pode ser um equívoco, é difícil decidir.

### **Considerações Finais**

Desse modo, a análise pôde trilhar dois caminhos principais que redundam nos deslocamentos e metáforas em busca do prazer. Seja em cada novo objeto e objetivo de Sara Goldberg ou nos encontros e desencontros libidinais vividos pelo casal de protagonistas. Os novos objetos produzidos sempre culminaram em novas formas de desprazer, mas acima disso, em um apagamento da satisfação e até das subjetividades das personagens.

Se para o filme, as desventuras de Sara se iniciam no luto de seu marido e segue para a fixação pelos programas de televisão, em emagrecer para caber no seu vestido até a consumação de seu desejo no corpo do apresentador, nem

por isso ela pôde desvencilhar-se das dificuldades e desprazeres. De modo similar é o destino do casal Harry e Marion, que unidos possuíam uma dinâmica, mas que por necessidades e demandas externas foram subjugados a um novo quadro, onde seus corpos foram dominados pela lacuna de satisfação, mesmo sem abandonarem suas atividades sexuais, essas apenas não eram mais suficientes para nenhum dos dois.

Ambos os caminhos resultam da dominação do uso de substâncias sobre suas vidas, onde a busca por prazer apaga suas sexualidades. No entanto, seja Sara, Harry ou Marion todos estão cada vez mais próximos de suas angústias, o que lhes permite expressarem-se como seres psicosexuais de forma mais explícita. E, essa característica, traz a complexidade da trama e das relações entre sexualidade e prazer-desprazer.

## Referências

ADORNO, T. W.; HORKHEIMER, M. **Dialética do esclarecimento**: fragmentos filosóficos. Rio de Janeiro: Zahar, 1985.

FREUD, S. **O MAL-ESTAR NA CIVILIZAÇÃO**. Rio de Janeiro: Penguin, 2011.

FREUD, S. Projeto para uma psicologia científica. In: **Edição Standard das Obras Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro, Imago, v.I, 1996a.

FREUD, S. Três Ensaios para uma teoria da sexualidade. In: **Edição Standard das Obras Completas de Sigmund Freud**. Rio de Janeiro, Imago, , v. VII, 1996b.

FIGUEIREDO, L. C. M. **Matrizes do pensamento psicológico**. Petrópolis: Vozes, 2014.

LAPLANCHE, J.; PONTALIS, B. **Vocabulário de Psicanálise**. Rio de Janeiro: Zahar, 1991.

MAIA, A. C. B.; EIDT, N. M.; TERRA, B. M.; MAIA, G. L. Educação sexual na escola a partir da psicologia histórico-cultural. *Relato de experiência Psicol. Estud.*, 17 (1), marc. 2012.

SOLLER, C. **O que faz laço?** São Paulo: Escuta, 2016.

ZIZEK, S. **Como ler Lacan.** Rio de Janeiro: Zahar, 2010.



## Capítulo 3

### **O MAU EXEMPLO DE CAMERON POST: O CONTROLE DE CORPOS NAS TERAPIAS RELIGIOSAS DE CONVERSÃO SEXUAL**

Amanda Guedes Sakuragui  
Helena Nogueira Marques  
Noelle Lima Berteli

#### **Introdução**

O objetivo desta análise é investigar a compreensão de sexualidade pautado em uma terapia de reversão de orientação sexual no filme *O mau exemplo de Cameron Post* (2018). Para isso, cabe uma breve apresentação do conceito de sexualidade utilizado no presente trabalho, assim como uma recapitulação histórica e teórica sobre terapias de reversão.

A compreensão hegemônica e de senso comum coloca a sexualidade como algo natural, intrínseco a todos e que, embora seja uma questão particular, é vivida universalmente da mesma maneira. Contudo, existem formas diversas de construção e de vivência das identidades sexuais e de gênero. Isso se dá uma vez que a sexualidade não é dada naturalmente aos seres humanos, mas sim construída ao longo da trajetória dos sujeitos, constituindo-se não apenas de modo particular, mas também político e social (LOPES, 2000).

Nesse sentido, a sexualidade compõe-se a partir de uma rede implícita e explícita de discursos, de normatizações, saberes, instituições, leis e moralidade (FOUCAULT, 1993). Portanto, a partir de suas múltiplas dimensões culturais, é uma invenção humana, ou melhor, é um “dispositivo

histórico” (FOUCAULT, 1988). Inseparável da sexualidade como construção cultural, temos o corpo. Esse não é um mero aglomerado de fluidos biológicos, mas sim uma fonte de símbolos, constituindo-se como um espaço onde o sujeito produz e expressa diferentes sentidos, além de experimentar as representações e incidências que são feitos sobre sua própria corporeidade (LEMOS, 2011).

Um desses principais discursos sobre o corpo e a sexualidade é o da tradição cristã. Como afirmado em Coríntios 6:19, o corpo humano é templo do Espírito Santo, ou seja, a posse do corpo não é da própria pessoa, mas sim de Deus. A alma humana - espírito - é imortal e o corpo - carne - seu revestimento temporário e supérfluo (LEMOS, 2011). A alma ganha, portanto, primazia. Enquanto que o corpo é secundarizado e até mesmo condenado: os prazeres carnis mantêm o espírito prisioneiro do corpo, distante de Deus. Isso impõe que vivenciar o corpo em desacordo com os preceitos religiosos é um pecado.

Nesse sentido, o corpo na ideologia cristã transita por dois significados (LEMOS, 2011 *apud* CORBIN *et al.*, 2008). É exaltado e venerado quando se trata do corpo de Cristo, o qual se sacrificou para salvar a humanidade dos pecados. Mas é repreendido e humilhado como o lugar das tentações carnis. Sobre isso, a autora guarani Geni Núñez (2021, p. 3), a partir de uma perspectiva decolonial, coloca:

Para compreender melhor as raízes desse pensamento no cristianismo, Nietzsche (2009) relembra a influência do platonismo nessas lógicas. Segundo ele, o cristianismo empresta do platonismo a ideia de dois mundos, um real e outro ideal, a ideia do corpo como oposição do espírito, a noção de uma vida imperfeita (terrena) e uma vida perfeita (celeste). O corpo, nessa perspectiva, torna-se algo a ser combatido, um território inimigo da alma.

Portanto, dentro dessa tensão, a elevação da alma ocorre por meio de um controle dos desejos e vícios materiais, ou seja, do corpo. Conseqüentemente, a própria sexualidade é alvo de controle e punição, pois pode ser vivida apenas da maneira legitimada pela concepção cristã. Sendo assim, a sexualidade é autorizada dentro do casamento heterossexual monogâmico, de preferência voltada para a reprodução humana, pois satisfações de prazer físico associam-se ao pecado da luxúria. Nesse sentido, a família constitui-se como unidade central, uma vez que é “o lugar legítimo para a procriação e para os afetos, ou seja, para dar significado e sentido às existências corporais dos seres humanos” (LEMOS, 2011, p. 296).

A partir desse princípio, justificam-se os preconceitos e discriminações contra aqueles que vivenciam sua sexualidade desviando-se da moralidade cristã, como de forma homoafetiva e/ou com diferentes parceiros. A norma é, portanto, o homem cis branco heterossexual e cristão. As tantas possibilidades de existência para além dessa referência são marcadas como os “outros” (LOPES, 2000). Nessa concepção, o controle dos corpos e sexualidades desviantes é legitimado, especialmente das mulheres, as quais seriam pouco capazes de cuidar delas mesmas, arriscando a salvação da alma de todos (LEMOS, 2005).

É baseando-se nisso que terapias de conversão e terapias de reversão da orientação sexual são criadas e fortalecidas. Ao determinar a homossexualidade como pecado, são usadas estratégias religiosas para “curá-la” - como o exorcismo - assim como terapias grupais, tendo muitas vezes autointitulados “ex-homossexuais” como seus principais propagadores. Ao definir a homossexualidade como uma doença/pecado a ser tratado, esses grupos de base religiosa reforçam a estigmatização da homossexualidade e vem sendo denunciados como espaços



de manipulação emocional e de violação de direitos humanos (GARCIA; MATTOS, 2019).

A homossexualidade não é mais considerada uma patologia pelo DSM desde 1973. Contudo, grupos religiosos fundamentalistas e políticos da extrema direita aliam-se em defesa da legalização das terapias de conversão. Essas mobilizações reacionárias contam com o apoio de autointitulados “psicólogos cristãos”, os quais pautam seu direito de oferecer o serviço de reversão da orientação sexual. Todavia, o Conselho Federal de Psicologia (CFP) tem mantido - por meio de muita disputa interna nos conselhos e mobilizações políticas do movimento LGBTQIA+ - a Resolução nº001/1999 que define que os profissionais da Psicologia não podem desenvolver nem contribuir com ações que patologizam as homossexualidades ou oferecer tratamentos de cura (CFP, 1999). (GARCIA; MATTOS, 2019)

Sendo assim, é a partir desse acúmulo teórico que analisaremos o filme *O Mau Exemplo de Cameron Post*. Considerando que essa é uma obra ilustrativa de como a sexualidade é construída e se expressa em espaços da religiosidade cristã.

## Material Analisado

Tipo de Material	Filme
Título Original	<i>The Miseducation of Cameron Post</i>
Nome Traduzido	O mau exemplo de Cameron Post
Gênero	Romance/Drama
Ano	2018
Local de lançamento e Idioma original	Estados Unidos, Inglês
Duração	1h31 min
Direção	Desiree Akhavan

O mau exemplo de *Cameron Post* (2018), dirigido por Desiree Akhavan, retrata a história de Cameron, uma adolescente que é flagrada pelo namorado transando com sua melhor amiga, Coley. Quando sua família descobre sobre o caso, a tia a envia para um acampamento religioso para curar-se da atração pelo mesmo sexo e aproximar-se de Deus. O local é administrado por dois irmãos, Rick e Dra. Lydia. Rick é um reverendo que afirma ter se curado da homossexualidade, sendo, portanto, uma prova viva e orgulhosa do método elaborado pela irmã.

Chegando lá, Cameron se depara com outros vários jovens passando por uma situação parecida com a sua. Alguns demonstram ter uma grande fé em Deus e querer “curar-se”, envolvendo-se nas atividades religiosas, como é o caso de Erin, colega de quarto de Cameron. Outro personagem marcante é Mark, que foi enviado pelo pai, por ser muito “afeminado”. Este passa por uma situação que impacta fortemente os outros jovens, principalmente Cameron e seus dois amigos, Jane e Adam, os quais também foram obrigados a estar ali e não possuem uma conexão espiritual com os dogmas cristãos e muito menos uma convicção ou desejo no método de conversão religiosa.

Com isso, os três amigos chegam a um nível insuportável de sofrimento no acampamento e não querem mais serem submetidos ao abuso psicológico, repressão de sua sexualidade e controle de suas vidas. Desse modo, o filme se encerra com os três fugindo do acampamento.

## **Análise Crítica**

Como evidencia-se pelo trabalho já citado de Garcia e Mattos (2019), as reações contrárias a Resolução nº 001/1999 do CFP, advém sistematicamente de grupos religiosos que insistem em poderem ofertar “terapias de conversão” aos desviantes daquilo que tomam como norma à sexualidade: a

orientação cisheterossexual. Suas proposições de “tratamento” mesclam práticas exclusivamente religiosas (como o exorcismo) e terapias grupais e grupos de mútua-ajuda, onde “grande parte dos disseminadores dessas terapias se autointitulam como “ex-homossexuais”, ou “ex-gays” (GARCIA; MATTOS, 2019, p. 56).

Neste ponto há grande convergência com o que é representado no filme. Apesar de não praticarem o exorcismo, a instituição Promessa Divina consiste em um retiro onde as atividades de debate sobre a sexualidade de seus discípulos (assim denominados os jovens ali confinados) são feitas majoritariamente em grupo, com propostas de dinâmicas e discussões alçadas no cristianismo. As atividades individuais circunscrevem-se aos moldes de uma sessão de terapia com os gestores da instituição. Outro ponto convergente à explicitação de Garcia e Mattos (2019) diz respeito ao personagem Rick, reverendo e um dos gestores do local. Já de início nos é explicitado que Rick é um “ex-gay” e dedica sua vida ao instituto, portando-se como um exemplo aos jovens de alguém que desviou-se do caminho do pecado, entregando-se a Deus.

Os autores também indicam que a estruturação desses grupos religiosos de “cura gay” tem sido sistematicamente denunciados como “espaços de manipulação de pessoas emocionalmente vulneráveis (em função do próprio estigma associado às homossexualidades)” (GARCIA; MATTOS, 2019, p. 56). Aqui cabe destacar a condição de Cameron em sua chegada e permanência no instituto que potencializa sua vulnerabilidade. De partida, destaca-se o modo como sua sexualidade foi descoberta: a partir de grande exposição pelo flagrante do namorado e denúncia à sua família, resultando em seu confinamento. Uma vez confinada, encontra-se afastada de sua família e rede de apoio, habitando um local totalmente desconhecido, com pessoas desconhecidas e cultura de invalidação de sua existência. A isso, soma-se a

desilusão amorosa que Cameron sofre ao descobrir que Coley, garota com quem mantinha relações, foi quem a expôs à sua família e decidiu por manter-se afastada.

Os autores destacam como esses ambientes reforçam a estigmatização da homossexualidade, reiteradamente elencada no filme como pecado e uma luta que os indivíduos devem travar para combater, demandando grande esforço e comprometimento, o que resulta, como podemos notar, em grande sofrimento. A crítica a esses espaços também circunscrevem-se à ineficácia do que propõem (GARCIA; MATTOS, 2019). Quanto a isso, destacamos a cena entre Cameron e Reverendo Rick após o incidente de Mark. Cameron denuncia o fato de Rick e Lydia estarem perdidos quanto ao que fazem ali, por não haver estruturação e consistência e apenas “*improvisarem enquanto acontece*”, segundo as próprias palavras de Cameron. Frente a esse confronto, notamos também a vulnerabilidade de Rick que chora copiosamente, evidenciando ao telespectador como o fato de estar sistematicamente atrelado ao ambiente, à cultura e à ideologia de invalidação ainda afeta e fragiliza o reverendo, teoricamente, “*ex-gay*” e exemplo de sucesso do tratamento ali proposto.

Estudiosos do campo da terapia de reversão, citados por Garcia e Mattos (2019), também denunciam a violação de direitos humanos dos indivíduos alocados nesses espaços. No filme, nota-se a restrição do ir e vir dos jovens, que saem do instituto apenas se autorizados ou acompanhados dos gestores; a liberdade sobre o consumo audiovisual dos “discípulos” também é controlada e restrita, bem como a comunicação com pessoas de fora, as vestimentas e penteados, e os pertencentes que podem adquirir em seus próprios quartos. Como evidencia a fala do próprio personagem Reverendo Rick, é preciso “*conquistar certos direitos na Promessa Divina*”, como a de decoração e correspondência.

Entretanto, quanto a essa violação de direitos, sobressai-se a cena entre Cameron e o supervisor que, após o incidente de Mark, vai à Promessa Divina inspecionar o local. O inspetor diz que está ali para investigar o cuidado fornecido pelos que administram o lugar, não a missão do instituto, a não ser que inclua abuso ou negligência. Neste momento, Cameron é incisiva: “*mas e o abuso emocional?*” e, a partir da questão do supervisor (“*está dizendo que sofre abuso emocional dos funcionários daqui?*”), tem-se a frase, talvez, mais emblemática do filme proferida por Cameron: “*Como programar as pessoas para se odiarem não é abuso emocional?!*”, fala que denuncia a homofobia que impera no local e, principalmente, o estímulo à homofobia autodirecionada, tópico a ser debatido adiante.

Mesmo frente a essa denúncia, o inspetor mantém a formalidade e diz apenas que tomou nota do que foi dito e que isto constará nos arquivos oficiais. A partir disso, podemos notar pela reação de Cameron (que simplesmente acena e, ao sair, defronta-se com Lydia, responsável pelo que ali se passa, tranquilamente seguindo seus afazeres) sua descrença quanto às medidas a serem tomadas contra o instituto, o que, somado ao sofrimento ali acumulado e estimulado entre os jovens, contribuem à decisão de fuga por parte da personagem e seus amigos.

Outro ponto que devemos destacar diz respeito à homofobia internalizada. Esta pode ser entendida como uma série de atitudes negativas, de discriminação, realizadas por indivíduos não-heterossexuais acerca de suas próprias orientações sexuais (HERNÁNDEZ, 2013 *apud* CERQUEIRA-SANTOS *et al.*, 2016). Rodrigues (2010 *apud* Cerqueira-Santos *et al.*, 2016) aponta que este fenômeno trata-se de um mecanismo de defesa, de blindagem da própria identidade, que marca um limite de separação simbólica do indivíduo em si e da minoria sexual da qual ele faz parte. E desta forma, estes sujeitos acabam aceitando o sistema de crenças

heterocisnormativas, “resolvendo” assim o conflito que existia entre a orientação sexual do indivíduo, e os padrões de valores e convicções de uma sociedade em que as minorias sexuais são patologizadas, e alvos de muitos preconceitos.

Neste sentido, como dito anteriormente, as religiões, principalmente as que possuem segmentos hegemônicos do cristianismo, estão vinculadas a discursos e visões bastante conservadoras, nos quais trazem a heterocisnormatividade como algo natural e puro, enquanto o que se diferencia disto é entendido como doença, pecado e impuro (NATIVIDADE, 2013). Estas crenças morais hegemônicas perpassam todas as instituições, como família, escola, igreja, trabalho e as relações que nelas existem, de modo que são continuamente reproduzidas no cotidiano. E assim, a heterossexualidade e a cisgeneridade compulsória acabam sendo muito comuns nos discursos religiosos, acompanhados de justificativas religiosas que condenam veemente as minorias sexuais e suas expressões como algo imoral, promíscuo, impuro e patológico, e que deve ser curado (NATIVIDADE; DE OLIVEIRA, 2009).

No filme, a personagem Erin ilustra, de maneira clara, a questão da homofobia internalizada. Quando Cameron chega no acampamento religioso, Erin já estava ali há um tempo, e as duas passam a ser colegas de quarto. Erin torna-se uma aliada de Cameron no processo de reversão de sua sexualidade, visto que está passando pelo mesmo processo há mais tempo, e já incorporou em seus discursos as crenças religiosas que negam e punem a sua orientação sexual. Assim, a mesma passa a acreditar e buscar esta “cura gay”. Contudo, uma cena que se mostra bastante interessante é quando Erin acorda Cameron no meio da noite, a beija, e a masturba. E quando a Cameron vai tocá-la, a jovem nega, afirmando que ela tinha “caído em tentação”, e que não poderia continuar pecando. Isto ressalta a questão da

homofobia internalizada, que faz com que Erin negue seus desejos e seu prazer, com a justificativa de que ao realizá-los, ela estaria cometendo um pecado, e indo em contramão com o seu processo de conversão sexual, seus valores e crenças religiosas.

Uma das consequências da homofobia internalizada é que ela pode ser considerada um dos fatores de risco para comportamentos autolesivos e de suicídio da população LGBTQIA+. O suicídio é um ato intencional de tirar a própria vida que é multifatorial. Este comportamento apresenta diversas manifestações e inclui pensamentos e ações que são classificadas em ideação, plano, tentativa suicida e o ato em si (VELOSO *et al.*, 2017 *apud* CARVALHO *et al.*, 2019). De acordo com Fraser *et al.* (2018 *apud* CARVALHO *et al.*, 2019) a taxa de tentativas de suicídio na população LGBTQIA+ é de duas a sete vezes maior do que o observado em indivíduos heterossexuais. Os fatores de risco que estão relacionados ao comportamento suicida podem ser divididos entre os de ordem social e os relacionais. Os primeiros englobam a falta de suporte social, as violências discriminatórias contra essa população e a insegurança escolar. Enquanto o segundo diz respeito aos relacionamentos interpessoais do indivíduo com a família, amigos e colegas nos diferentes ambientes que o mesmo convive, e também ao estado de saúde mental do sujeito (CARVALHO *et al.*, 2019).

No longa-metragem, esta realidade é representada com o personagem Mark. Nos é revelado durante o enredo que o mesmo está ali contra sua vontade, e foi obrigado pelo próprio pai a passar pelo processo de “cura”, pois o mesmo considera o filho muito afeminado. Desta forma, Mark se empenha no processo, a fim de conseguir a aprovação de seu pai, passando um longo período no acampamento. Ao finalizar o período estipulado pelos gestores do acampamento, e consequentemente estar “curado”, Mark aguarda a aprovação de seu pai, para que o mesmo pudesse

voltar para casa. Contudo o mesmo nega, justificando que Mark ainda é muito afeminado, e desta forma, tem que continuar em seu processo de reversão sexual. Como resposta a isso, Mark se automutila, cortando sua própria genitália, e é achado por seu colega de quarto todo ensanguentado, e levado ao hospital para ser socorrido. Esta sequência de cenas embora sejam fictícias, são exemplos bem comuns à realidade vivida pela população LGBTQIA+, e de como a discriminação e falta de apoio por parte do pai do personagem, e o ambiente hostil e violento que ele está, se somam como fatores de risco de comportamentos suicidas, e que acabam resultando na execução, de fato, do ato de mutilar o próprio corpo.

Diante do que foi exposto, é notável que a hetero cisgeneridade é esperada pelos familiares de um indivíduo e pela sociedade em geral, e que quando isto não é expresso, o mesmo é atingido por muitas repressões. Castañeda (2007) aponta que a postura heterossexista da sociedade impede que a população LGBTQIA+ realize o luto da heterossexualidade. Isto é, por termos sido - e sermos - criados dentro de um modelo heterocisnormativo, e tudo que o mesmo engloba como casamento heterossexual e constituir uma família - formada por esposa, marido e filhos -, o processo de compreender que isto não ocorrerá da forma que é imposta e esperada é, muitas vezes, lento e doloroso. Como uma perda, esse processo de “renunciar” a um projeto de vida que foi longamente preparado, e esperado, acaba trazendo muito sofrimento às minorias sexuais, que somados à falta de suporte social e familiar, homofobia internalizada, insegurança escolar, e situações de violências, se constituem como fatores de risco para o comportamento suicida.

Neste sentido, cabe aqui trazeremos algumas ações de prevenção ao suicídio da população LGBTQIA+. Costa (2019) aponta que são necessárias ações que incentivem e



fortaleçam as redes de apoio e enfrentamento destes indivíduos, seja com a família ou com os demais relacionamentos próximos que o indivíduo possa ter. A inclusão social destes sujeitos nos espaços que eles ocupam como escola, mercado de trabalho, universidade, entre outros, e a efetiva punição de crimes de homofobia também são elencados como ações político-sociais a serem expandidas e melhoradas. E ainda, a falta de políticas públicas efetivas que realmente amparem estas minorias sexuais se colocam como um grande empecilho para a promoção da saúde e qualidade de vida destes sujeitos. Desta forma, a criação e a ampla divulgação de campanhas de prevenção ao suicídio LGBTQIA+, que desestigmatize estes sujeitos, o uso de drogas e transtornos mentais que podem estar presentes nas realidades destes, acolha seus sofrimentos, os auxiliem neste momento em que estão mais vulneráveis, além de assistir no processo de identificação dos fatores e comportamentos de risco, se mostram essenciais.

Essas iniciativas devem ser realizadas como políticas públicas, sendo que sua implementação é uma responsabilidade do Estado. Contudo, como colocado no início do trabalho, o Estado brasileiro é muitas vezes o próprio precursor dessas violências. A manutenção da Resolução nº 01/99 (CFP, 1999) - a qual define que psicólogos não podem patologizar a homofobia em sua prática profissional - não se dá sem disputas, travadas em campo jurídico, midiático e político. Em setembro de 2017, o juiz federal Waldemar Cláudio de Carvalho, concedeu uma liminar parcial contra o CFP, em favor de uma Ação Popular requerida em 2016 que demandava a suspensão da Resolução do Conselho. Somente em 2019 o Supremo Tribunal Federal (STF) cassou tal liminar, reassegurando a validade da Resolução nº 01/1999 (CFP, 1999).

Também em 2019, o Projeto de Decreto Legislativo 539/2016 que “susta a resolução do Conselho Federal de

Psicologia (CFP) que estabelece normas de atuação para psicólogos em relação à questão de orientação sexual” (São Paulo, 2016) voltou a ser pauta e atualmente aguarda designação do relator na Comissão de Direitos Humanos e Minorias (CDHM). Tais propostas, em geral, são arquivadas, retiradas de tramitação ou, como exemplificado anteriormente, aguardam parecer de suas comissões, devido à pressão exercida pelo movimento LGBTQIA+, conselhos, como o próprio CFP, e entidades políticas e científicas em defesa dos direitos LGBTQIA+ (GONÇALVES, 2019).

A intersecção entre política e religião é facilitada pela existência no Congresso Brasileiro de uma bancada evangélica, que porta-se sempre em favor dos retrocessos quanto aos direitos sexuais, baseados numa moral conservadora, supostamente em defesa da Família, propagandeada por figuras públicas do setor evangélico atrelados, principalmente, ao Legislativo. Temos, então, uma confluência desses atores à extrema-direita brasileira, que elencam a liberdade individual como justificativa para defesa de práticas como a terapia de reversão, seja burocraticamente, seja nos discursos proferidos à imprensa.

## **Considerações Finais**

Embora o filme se passe na década de 90 nos Estados Unidos, o longa traz uma temática atual, nos lembrando que a história da humanidade é marcada por repetidas e sistemáticas violências contra essa população. Nesse sentido, embora a população LGBTQIA+ tenha tido conquistas muito importantes de lá para cá - como aprovação do casamento homoafetivo e criminalização da homofobia em diversos países - e suas pautas tenham ganhado maior visibilidade, esses avanços não estão garantidos. Retrocessos ainda podem acontecer e de fato

acontecem, sendo eventos do nosso próprio país um exemplo disso.

Sendo assim, o filme constitui-se como um material valioso de denúncia e de reflexão, mostrando como mesmo em regimes democráticos de um Estado laico, não estamos isentos de vivenciarmos repressões. Nesse contexto, as instituições do cristianismo são grandes propulsoras da normatização e do controle de corpos e sexualidades, expandindo sua influência com base na violência e apagamento das formas de existir que não estão de acordo com seus ideais.

Diante disso, que possamos refletir também sobre a própria Psicologia e seu papel nesse tema. A Psicologia, com suas diversas teorias e métodos de terapia, são frequentemente utilizados como forma de legitimar opressões, desenvolvendo práticas que reproduzem e fortalecem a homofobia e o machismo, sendo a própria “cura gay” uma expressão perversa dessa normatização. Sendo assim, é urgente que se consolide cada vez mais uma prática profissional alinhada com um compromisso ético de humanização, desenvolvimento e emancipação dos sujeitos. De modo que o trabalho profissional não intensifique o sofrimento daqueles que vivenciam uma sexualidade dissidente, mas sim amenize e contribua para que possam experimentar sua sexualidade, sua corporeidade e subjetividade livremente, em segurança e sem culpa.

## Referências

BÍBLIA. Português. **Bíblia sagrada**. Tradução de Padre Antônio Pereira de Figueredo. Rio de Janeiro: Encyclopaedia Britannica, 1980.

CARVALHO, K. G.; VELOSO, L. U. P.; FERRAZ, M. M. M.; MONTEIRO, C. F. de S.; BARBOSSA, N. S.; LIMA, A. C. de B. S.

Comportamento suicida em minorias sexuais: prevalência e fatores associados. **Revista Eletrônica Acervo Saúde**, v. 11, n. 14, 2019. Disponível em: <<https://doi.org/10.25248/reas.e867.2019>>. Acesso em: 9 mar. 2022.

CASTAÑEDA, M. A experiência homossexual. Explicações e conselhos para os

homossexuais, suas famílias e seus terapeutas. **A Girafa**, São Paulo, 2007.

CERQUEIRA-SANTOS, E.; CARVALHO, C. A. de S. G.; NUNES, L . M.; SILVEIRA, A. P. Homofobia Internalizada e Religiosidade entre Casais Homoafetivos. **Temas em psicologia**, São Cristovão, v. 25, n. 2, p. 691-702, 2016. Disponível em: <<http://pepsic.bvsalud.org/pdf/tp/v25n2/v25n2a15.pdf>>. Acesso em: 7 mar. 2022.

COSTA, T. G. A. **Comportamento suicida na população LGBTQI+**. TCC (Bacharel em Enfermagem) - Centro Universitário de João Pessoa. João Pessoa, p.21, 2019.

GARCIA, M. R. V.; MATTOS, A. R. “Terapias de Conversão”: Histórico da (Des)Patologização das Homossexualidades e Embates Jurídicos Contemporâneos. **Psicologia: Ciência e Profissão** [online], v. 39, n. spe3, 2019. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/1982-3703003228550>>. Acesso em: 10 mar. 2022.

GONÇALVES, A. O. Religião, política e direitos sexuais: controvérsias públicas em torno da “cura gay” **Dossiê Religião e Luta por Direitos**, v. 39, n. 02, p. 175-199, mai-ago. 2019. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/rs/a/nrZfVzmnrBv39cWBynCcHLw/?lang=pt>>. Acesso em: 10 mar. 2022.

LEMOS, C.T. Vida e medo: concepções de corpo e sexualidade na tradição cristã-católica. **Dossiê: Religião e Cultura**, Belo Horizonte, v. 9, n.21, p.284 - 305, abr./jun. 2011.

LOURO, G. L Pedagogias da Sexualidade. In: LOURO, G. L. (org). **O corpo educado: Pedagogias da sexualidade**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2000.

NATIVIDADE, M. T.; DE OLIVEIRA, L. Sexualidades ameaçadoras: religião e homofobia(s) em discursos evangélicos conservadores. **Sexualidad, Salud y Sociedad: Revista Latinoamericana**, Rio de Janeiro, n. 2, p. 121-161, 2009. Disponível em: <<https://www.redalyc.org/articulo.oa?id=293322969007>>. Acesso em: 5 mar. 2022.

NATIVIDADE, Marcelo Tavares. Homofobia religiosa e direitos LGBT: Notas de pesquisa. **Latitude**, v. 7, n. 1, p. 33-51, 2013. Disponível em: <<https://www.seer.ufal.br/index.php/latitude/article/view/1063>>. Acesso em: 5 mar. 2022.

NÚÑEZ, G. Monoculturas do pensamento e a importância do reflorestamento imaginário. **Revista ClimaCom: Diante dos Negacionismos**, ano 8, n. 21, 2021. Disponível em: <<http://climacom.mudancasclimaticas.net.br/monoculturas-do-pensamento/>>. Acesso em: 5 mar. 2022

SÃO PAULO. Projeto de Decreto Legislativo 539, de 6 de outubro de 2016. Susta a resolução do Conselho Federal de Psicologia (CFP) que estabelece normas de atuação para psicólogos em relação à questão de orientação sexual. Disponível em: <<https://www.camara.leg.br/proposicoesWeb/fichadetramitacao?idProposicao=2113432>>. Acesso em: 5 mar. 2022.

## Capítulo 4

# O DESENVOLVIMENTO SEXUAL DA PERSONAGEM JULES DE EUPHORIA: UM OLHAR SOBRE GÊNERO E SEXUALIDADE EM UM DRAMA ADOLESCENTE

Monaliza Cristina Evangelista de Oliveira  
Pedro Henrique de Moraes Franco da Silva

### Introdução

A sexualidade está presente desde o início do desenvolvimento humano e tem seu processo de formação centrado na infância e adolescência, constituindo características da personalidade do indivíduo na compreensão do eu e do outro (COSTA *et al.*, 2001). Vale aqui ressaltar que a adolescência é um fenômeno e processo sociocultural que varia de acordo com o ambiente e momento histórico ao qual o indivíduo está circunscrito, sendo geralmente associada a um período de descobertas, aprendizagem e relações instáveis (TRINDADE, 2005).

A chegada da puberdade e as diversas mudanças refletidas no físico traz à tona a necessidade do adolescente aprender a relacionar-se com esse corpo em transformação. Em uma sociedade predominantemente marcada por uma norma binária de compreensão do gênero, essa passagem se torna ainda mais difícil para quem não se enquadra nessa lógica. Ser um adolescente transsexual significa ter que lidar com o embate entre as características atreladas ao sexo biológico e atributos associados ao gênero ao qual se identifica, isso ao mesmo tempo em que convive com a pressão de ter que optar por uma das duas categorias impostas, tendo uma dificuldade de encontrar seu lugar

social (DIEGUEZ, 2016). Outrossim, há um esforço para cumprir com o que é esperado de um corpo masculino e um corpo feminino, sendo este mais cobrado a ter algumas características enfatizadas, assim como apontam Filho e Rocha-Coutinho (2013, p. 4),

Tradicionalmente espera-se que os corpos das mulheres devem ser carinhosos e passivos, dispostos a subordinar seus próprios desejos para agradar os dos homens, bem como sempre dispostos a cuidar das crianças. Portanto, os corpos das mulheres devem ser produzidos e sexualmente atraentes para os homens quando elas são jovens e maternos quando forem mais velhas.

Em meio ao exposto, a adesão a tratamentos hormonais e cirurgias plásticas acabam sendo alternativas para se adequar às construções de gênero, como forma de romper estigmas, de legitimação e de aceitação social e pessoal (FILHO; ROCHA-COUTINHO, 2013).

Assim sendo, é cabível aqui definir os conceitos de sexo biológico, identidade de gênero e orientação sexual. O sexo é definido por padrões médicos de características bioquímicas e físicas (macho ou fêmea), enquanto o gênero está envolto por questões sociais, existindo então uma designação de gênero, atribuído ao nascer (como “coisas de meninas” e “coisas de meninos”), e uma identidade de gênero, isto é, uma identificação com o gênero designado ao nascer ou não, sendo que quando coincide denomina-se cisgênero (cis) e quando não coincide denomina-se transgênero (trans) (FREITAS *et al.*, 2021). Por sua vez, a orientação sexual diz respeito à atração e desejo sexuais (OLIVEIRA; CARNEIRO, 2019). Dessa forma, é verdadeira a afirmação de que a transexualidade ultrapassa características observáveis, devendo ser considerada sob perspectiva psicossocial e desassociada de padrões cisnormativos e heteronormativos de gênero.

Nesse sentido, o presente trabalho visa analisar a personagem Jules da série *Euphoria* produzida pela HBO, mais especificamente o Episódio Especial nº2 intitulado *F\*ck Anyone Who's Not A Sea Blob*, onde são expostas diversas questões relacionadas à sexualidade de uma adolescente de 17 anos com identidade transexual e orientação bissexual, a fim de explorar os principais pontos que tangenciam os impasses envolvidos.

### Material Analisado

Tipo de Material	Série de TV
Título Original	<i>Euphoria</i>
Nome Traduzido	Não há.
Gênero	Drama adolescente
Ano	2019 -
Local de lançamento e Idioma original	Estados Unidos – Inglês
Duração	Em média de 40 min. cada ep.
Direção	Sam Levinson, Augustine Frizzell, Jennifer Morrison e Pippa Bianco.

*Euphoria* é uma série que acompanha a vida de um grupo de jovens e suas interações entre si e com o mundo. A série aborda temas como o abuso de drogas, abuso sexual, gênero, sexualidade, trauma, relações familiares, autoestima, entre outros temas mais marginalizados em séries para um público mais jovem. Dentro desse grupo de personagens que a série acompanha tem a Jules, uma jovem trans que acabou de mudar para a cidade e tem seu caminho entrelaçado pelos caminhos da Rue, Nate e Cal (pai do Nate).



## **Análise Crítica**

### ***Jules: questões de gênero e sexualidade de meninas trans***

No começo do episódio quatro da primeira temporada denominado *'Shook Ones Pt II'* nos é apresentado a história de Jules. Aos onze anos, Jules ao sair com a mãe para um passeio, é levada a um hospital psiquiátrico para crianças e adolescentes, onde ela ficaria internada. Jules resiste e ao, sem querer, machucar um enfermeiro é colocado uma luva nas suas mãos para que ela não machuque mais ninguém. Quando questionada durante uma reunião de grupo, ela afirma não saber o porquê estava ali, mas achava que estava porque ela se sentia triste desde os seus sete ou oito anos de idade. Nos é apresentado que ela odeia a forma que seu cérebro funciona e, principalmente, seu corpo, sobretudo seus joelhos. Ela odiava a vida dela, não porque era difícil, mas porque quando você odeia seu cérebro e seu corpo é muito difícil aproveitar o resto. E por isso ela desenvolveu alguns mecanismos de defesa para enfrentar essa situação, que, em sua maioria, não eram saudáveis. Mais tarde ela se corta no hospital.

Após um tempo, Jules melhora e sai do hospital. Porém, infelizmente sua mãe piora e é internada. Aos treze anos Jules começou sua transição hormonal. Aos dezesseis ela começou a ficar “safadinha” (descrição da própria narradora), ela começou a sair com homens. Em sua maioria cis, brancos, em relacionamento e, sempre, que se identificavam como “cem por cento heterossexuais”. É falado que, nesses encontros sexuais, alguns eram gentis e carinhosos, outros esquisitos e outros violentos, e sempre que a situação ficasse muito desconfortável ela gostava de imaginar que ela não era ela, que era um personagem de um filme, série ou livro, que aquela situação é apenas parte de sua imaginação.

## **Episódio Especial nº2: F\*ck Anyone Who's Not A Sea Blob**

Durante a primeira temporada, Rue e Jules vão se aproximando cada vez mais e começam um romance, porém ao fim da temporada Jules foge da cidade. No começo desse episódio ela fala para a terapeuta que ela sente que perdeu a Rue e que ela não vê mais a necessidade de continuar com o tratamento hormonal. Ela explica que ela não quer “destransicionar”, mas, sim, quebrar com o estereótipo de feminilidade que ela colocava sobre seu próprio corpo.

Ela fala que ela percebe que ela construiu todo seu ser em cima de uma visão de feminilidade a partir do que ela acha que era o que os homens desejavam, mas que agora ela não mais está interessada em homens. Ela diz que se sente envergonhada e uma fraude por causa disso. Se sente como se a real Jules estivesse escondida embaixo de várias camadas que ela foi apegando a partir do que os outros desejavam. Que a vida inteira ela tentou conquistar a feminilidade, mas que agora, de alguma forma, a feminilidade a conquistou.

Ela teve medo, quando mais nova, da puberdade, pois a puberdade sempre soou para ela como algo grosso, largo e profundo, algo masculino, que ela tinha medo de ficar presa lá, e, pior, que ela se tornasse um homem e a feminilidade inalcançável. Porém, agora ela não via mais assim, ela consegue ver beleza no grosso, largo e profundo, como, por exemplo, o oceano. O oceano, segundo ela, é forte e feminino “para cacete” e que essas duas coisas fazem o oceano ser o oceano, ela queria ser bela como o oceano. Fala que enxerga ser trans como algo espiritual dela, mas não de forma religiosa, mas algo dela, e que para se sentir viva ela precisa estar sempre em movimento, mas que ela teme ter perdido a Rue em sua movimentação. Em um determinado momento ela diz que acha impossível que a Rue a ame na mesma intensidade que ela a ama.

Outro ponto explorado é a relação entre Jules e Nate, na primeira temporada Jules se apaixona por uma pessoa anônima que ela conversava por aplicativos e que, por fim, ela descobre que essa pessoa é o Nate, esse que a chantageia com o conteúdo das mensagens (fotos nuas que ela enviava durante as conversas). Ela diz que se apaixona muito fácil pelas pessoas, que fica envergonhada por falar isso, mas que ela fantasia muito as relações a ponto de metade desse sentimento que ela desenvolve é por causa das coisas que ela imagina.

Um primeiro ponto para ser analisado, pode ser a autoestima da Jules. Pessoas trans tem que lidar muito cedo com realidade que elas podem não ser amadas ou assumidas, que seus afetos sejam no sigilo, escondido. E nessa situação é desenvolvida uma carência, uma solidão que torna a pessoa emocionalmente frágil à mercê de pessoas mal intencionadas, sobretudo, homens (RIVERA, 2020). E a série traz isso quando ela fala que acha impossível a outra personagem a amar da mesma forma que ela a ama; que ela - Jules - se apaixona muito rapidamente; e, até mesmo, sua relação com anônimos e caras com quem ela saía em encontros sexuais. Em outras cenas do episódio especial nos é mostrado que Jules, apesar de sido enganada e chantageada por Nate, ainda nutria sentimentos por ele, comportamento que, segundo Bertho (2018) é comum, pois parte dessa fragilidade emocional causada pela solidão faz com que algumas mulheres aceitem ficar em relacionamentos tóxicos e abusivos ou nutrem sentimentos por esses homens, mesmo elas sabendo que eles não são saudáveis para elas.

A partir disso, aparecem outros pontos: saúde mental, internação e depressão. É apresentado que a personagem tinha um caso muito sério de depressão durante a infância, causada principalmente pela sua insatisfação com sua imagem corporal. Segundo Lourenço (2021), pessoas trans, travestis e

não binárias, representam, estatisticamente, a maior parte dos casos de depressão entre a comunidade LGBTQIA+, e que infelizmente o medo de sofrer violências, as violências e todo o sofrimento causado sobre a pressão de uma sociedade cisnormativa pode levar essas pessoas ao suicídio.

Segundo Souza (2016), a sociedade estabeleceu um ideal do ser feminino, de feminilidade, a partir dos que os homens viam como o ideal, afinal a história e a sociedade foram moldadas a partir das percepções masculinas. Canosa (2022) afirma que as mulheres trans, assim como as cis, sofrem com esse mesmo problema, após terem que enfrentar diversos obstáculos para ajustar sua expressão e aparência de acordo com o seu ser, com a sua identidade, elas passam por outra pressão, a estética do feminino. Samanta Mendanha (2021) num vídeo do *youtube*, no canal TRANS-missão, fala sobre como é ser mulher trans e sofrer com a pressão estética que te faz acreditar que é preciso colocar silicone, hormonizar-se e tentar, ao máximo, conquistar o ideal de feminilidade impostos para ser feliz, assim ficando a mercê de diversas violências para conseguir ter uma aprovação de felicidade. Análogo a isso, temos o motivo pelo qual a personagem Jules decide parar com grande parte do tratamento hormonal: a pressão estética e o ideal de feminilidade estabelecido por homens. Segundo a advogada Giowana Cambrone (2020), as mulheres trans passam por uma pressão muito grande para terem a passabilidade, que sua representação e performance de gênero não deem brechas para que haja a identificação delas como fora da cisnormatividade.

Numa hierarquia de gênero centrada no masculino, em que se supõe que homens são melhores que as mulheres e que a masculinidade é superior à feminilidade, não se percebe ameaça maior que a existência de mulheres trans, que, apesar de terem nascido homens e terem herdado os privilégios masculinos, “escolhem” tornar-se mulheres. Quando elevamos nossa

feminilidade e nosso feminino, de certa maneira também elevamos dúvidas a respeito da suposta supremacia da masculinidade e do masculino. Para que seja reduzida a ameaça que causamos à hierarquia centrada na masculinidade, nossa cultura (por meio da mídia, primariamente) usa uma gama de táticas no arsenal do sexismo tradicional para fazer pouco caso de nós.” (SERANO, 2015).

Apesar da série em sua narrativa ser bem assertiva no desenvolvimento da personagem e fidelidade com o real, é necessário pontuar que essa questão sobre gênero tem outros desdobramentos e vivências. Como a questão racial e/ou econômica, por exemplo.

Ao trazermos essa questão para perto da nossa realidade, no Brasil, a questão racial torna-se indissociável de todas as questões. O Brasil é um país que foi constituído em cima de uma história de escravidão e exploração de povos pretos e indígenas, e, sem nenhuma ação do Estado para auxiliar e proteger essa população, relações de poder e sociais baseadas em questões étnicas e raciais foram mantidas ao longo da história. Portanto, quando é falado sobre vivências trans, é necessário ter a percepção de que ser uma mulher trans branca é diferente de ser uma mulher trans preta ou indígena.

O Brasil é o país que mais tem registro de morte de pessoas trans do mundo, e, dessas mortes, cerca de 82% são de pessoas pretas. Logo, quando se fala sobre o assassinato de pessoas trans é necessário saber que a transfobia mata, mas também há uma questão racial muito grande nesses crimes.

Falar de transfeminicídio é falar sobre o extermínio da população negra e, quando vamos pesquisar sobre esses assassinatos, percebemos que eles são mais complexos ainda. Porque não basta uma bala para nos matar, tem que ser uma série de balas. Não basta um atropelamento, tem que ser uma série de atropelamentos. Isso mostra como as

“pessoas querem desumanizar e exterminar a gente” - Giovanna Heliodoro (OTTO, 2021, s/p).

Outro ponto, a questão de classe, é tão importante quanto. Vivemos atualmente numa sociedade regida pelo sistema de produção capitalista, logo, para sobreviver é necessário que seja “vendida” sua força de trabalho. Porém, grande parte da população trans não tem acesso a trabalhos dignos e/ou formais, sendo muitas obrigadas a seguir pela prostituição para tentar sobreviver. E com os recentes desdobramentos políticos no Brasil, vemos que essa população é diretamente afetada pelas questões trabalhistas, principalmente, por ser constantemente alvo de ataques do conservadorismo que vem ganhando cada vez mais força.

No Brasil, estamos vivendo uma crise do capital em meio a um golpe de Estado de natureza parlamentar, midiático e jurídico, que se expressa como uma crise civilizatória de desmonte de um Estado Democrático de Direitos, com retração de direitos e contrarreformas, acompanhadas do aumento do desemprego e degradação do trabalho atingindo as condições de vida da classe trabalhadora, sobretudo os segmentos mais oprimidos e explorados como as pessoas negras, mulheres e LGBTs (MARINHO, 2020, p.104)

Segundo dados da Antra (2017), 90% das mulheres trans tem como sua principal fonte de renda a prostituição e dos números de assassinatos 70% das assassinadas foram direcionadas as profissionais do sexo, e 55% acontecendo na rua.

Estima-se que 13 anos de idade é média em que Travestis e Transexuais são expulsas de casa pelos pais [...] E é exatamente dentro deste cenário em que se encontram a maioria esmagadora das vítimas, que foram empurradas para a prostituição, se encontram em alta vulnerabilidade social e expostas aos maiores índices de violência. Expostas a toda sorte de agressões físicas e psicológicas (ANTRA, 2017, p.18).

## Considerações Finais

A série Euphoria retrata de forma realista a vida de uma adolescente trans. Claro, não é capaz de representar todas as pessoas trans e suas vivências, mas é assertivo em tratar questões sobre a autoestima, saúde mental e relações da personagem. Ela acerta bastante ao trazer toda a discussão sobre o que é feminilidade e sua pluralidade, e não apenas o que o ideal criado pelos homens, longe disso, a série discute como esse ideal é nocivo, sobretudo para pessoas trans. Um outro ponto importante para considerar, é a necessidade da existência de profissionais empáticos e sensíveis ao tema dentro da psicologia e das áreas da saúde. Ademais, existe uma falta grande de escritas sobre questões relacionadas às pessoas trans, pois os temas específicos aqui discutidos pouco tinha escrito de forma acadêmica.

## Referências

AMATRA. **Mulher trans precisa ser reconhecida como sujeito de direito, diz advogada.** 2021. Disponível em: <<https://www.amatra1.org.br/noticias/?mulher-trans-precisa-ser-reconhecida-como-sujeito-de-direito-diz-advogada>>.

Acesso em: 19 jun. 2022.

ANTRA. **Mapa do assassinato de travestis e transexuais no Brasil em 2017.** 2017. Disponível em: <<https://antrabrasil.files.wordpress.com/2018/02/relatc3b3rio-mapa-dos-assassinatos-2017-antra.pdf>>. Acesso em: 19 jun. 2022.

BERTHO, H. **De fetiche à solidão: os desafios das mulheres trans nos relacionamentos.** Universa UOL, 2018. Disponível em: <<https://www.uol.com.br/universa/noticias/redacao/2018/01/31/de-fetiche-a-violencia-os-desafios-das-mulheres-trans-nos-relacionamentos.htm?cmpid=copiaecola>>. Acesso em: 19 jun. 2022.

CANOSA, A. **Mulher trans e o corpo**: reflexões na construção de uma autoestima positiva. Universa UOL, 2022. Disponível em: <<https://www.uol.com.br/universa/colunas/ana-canosa/2022/02/05/mulher-trans-e-o-corpo-reflexoes-na-construcao-de-uma-autoestima-positiva.htm?cmpid=copiaecola>>.

Acesso em: 19 jun. 2022.

COSTA, M. C. O.; LOPES, C. P. A.; SOUZA, R. D.; PATEL, B. N. Sexualidade na adolescência: desenvolvimento, vivência e propostas de intervenção. **Jornal de Pediatria**, v. 77, n. 2, p. 217-224, 2001.

DE LIMA, J. A.; HERGESEL, J. P.; ALMOZARA, P. C. S. **A formação de uma identidade LGBTQIA+ na ficção seriada juvenil: o sujeito não binário em Atypical e Euphoria**. PUC de Campinas, Campinas, SP, 2020.

DIEGUEZ, R. S. M. A mulher transexual no discurso contemporâneo: um estudo de caso. **Demetra**, v. 11, n.3, p. 521-538, Rio de Janeiro, 2016.

FILHO, T. R. C.; ROCHA-COUTINHO, M. L. **Seminário Internacional Fazendo Gênero** (Anais Eletrônicos). Florianópolis, 2013. Disponível em: <[http://www.fg2013.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/20/1386786657\\_ARQUIVO\\_TalmoRangelCanellaFilho.pdf](http://www.fg2013.wwc2017.eventos.dype.com.br/resources/anais/20/1386786657_ARQUIVO_TalmoRangelCanellaFilho.pdf)>. Acesso em: 04 jul. 2022.

FREITAS, S.; BERMÚDEZ, X. P. D.; MÉRCHAN-HAMANN, E. **Sentidos atribuídos por jovens escolares LGBT à afetividade e à vivência da sexualidade**. Universidade de Brasília, Brasília, DF, 2021.

LOURENÇO, T. Além da discriminação e violência, população trans sobrevive aos transtornos psicológicos. **Jornal da USP**. 2021. Disponível em: <<https://jornal.usp.br/atualidades/alem-da-discriminacao-e-violencia-populacao-trans-sobrevive-aos-transtornos-psicologicos/>>. Acesso em: 04 jul. 2022.

MARINHO, S. Serviço social e população trans: um debate sobre questão social e suas expressões na cena



contemporânea. **Revista Serviço Social Em Perspectiva**, vol.1, n. 1, p. 103–125., 2020.

MENDANHA, S.[120] O caso Lorena Muniz, e a pressão estética em mulheres trans. 2021. Arquivo audiovisual hospedado no site Youtube.com. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=VjloXkQ10fw>>. Acesso em: 04 jul. 2022.

OLIVEIRA, B. de P.; CARNEIRO, R. G. O reconhecimento de si de pessoas trans: infância, sexualidade e alteridade. **Periódicus**, Salvador, n.11, v. 2, p.182-194, 2019.

OTTO, I. A Vida de Transexuais Pretos no País mais Transfóbico e Racista do Globo. **Revista Capricho**. 2021 Disponível em: <<https://capricho.abril.com.br/comportamento/a-vida-de-transexuais-pretos-no-pais-mais-transfobico-e-racista-do-globo/>>. Acesso em: 04 jul. 2022.

RIVERA, S. A Solidão de mulheres trans e travestis não é apenas sobre afetividade. **Medium**. 2020. Disponível em: <<https://medium.com/@sophiariveracs/a-solid%C3%A3o-de-mulheres-trans-e-travestis-n%C3%A3o-%C3%A9-afetividade-b81e50d1b02d>>. Acesso em: 07 jul. 2022.

SERANO, J. **Manifesto da Mulher Trans**. Instituto Géledes. 2015. Disponível em: <<https://www.geledes.org.br/manifesto-da-mulher-trans/>>. Acesso em: 20 jun. 2022.

SOUSA, K. C. S. **Tornar-se mulher: Feminismo existencialista e Performatividade de gênero (Mestrado)** - Faculdade de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal da Bahia, Salvador, 2016.

## Capítulo 5

# REPRESENTAÇÕES DO HOMEM EM *HOMEM-ARANHA*: A HIERARQUIA DAS MASCULINIDADES EM PETER PARKER

André Abdalla Saad  
Félix Esteves de Souza  
Sergio Isler Junior

### Introdução

Este capítulo tem por objetivo discutir as noções de masculinidade que são representadas no filme *Homem-Aranha* (2002), bem como discutir, brevemente, o papel que a mídia possui na construção dos estereótipos de gênero. Para tal tarefa, introduziremos uma forma de compreensão da masculinidade, dos comportamentos ensinados e esperados socialmente para os homens, e apresentaremos uma noção de masculinidade hegemônica.

Antes de mais nada é preciso pontuar que, ao falarmos de masculinidade, ou seja, de um conjunto de ideias e atos que são definidos socialmente como próprios para aplicar àqueles que nascem com um pênis (RODRIGUEZ, 2019), não estamos no reino do biológico, do reino do sexo, mas sim do gênero. Apesar das diferenças biológicas entre aqueles que são homens ou mulheres do ponto de vista do sexo (ou seja, da genitália com a qual nasceram), quando se pensa numa perspectiva de gênero, entende-se que a organização social, que cria diferenças culturais sob as diferenças biológicas, é o fator mais influente na construção das identidades sociais dos homens e das mulheres (NADER; CAMINOTI, 2014). Caso a biologia, a genética, fosse de fato determinante nos

comportamentos de homens e mulheres, não haveria, em torno do globo, tantas outras culturas e populações em que os papéis sociais de homens e mulheres diferem muito do que estamos acostumados, havendo inclusive civilizações em que as mulheres ocupam papel de destaque e de poder em relação aos homens, como bem mostra McKinnon (2021).

### ***E o que é um homem?***

Primeiramente é preciso esclarecer que, quando falamos de masculinidade, o termo deve ser apresentado no plural, pois não há apenas uma maneira de ser homem, de se identificar com o gênero masculino, mas várias. Do contrário, cairíamos num essencialismo, e não numa compreensão histórica e cultural das construções de gênero. Falemos, portanto, de masculinidades.

Pode-se objetar, no entanto, que há características comuns, que são facilmente lembradas, presentes no senso comum, quando se refere ao que é próprio do homem. Se, na antiguidade grega, era comum e próprio da masculinidade a atividade sexual, homoerótica, entre um homem adulto e um homem jovem, como forma de inserção do jovem no mundo adulto (FOUCAULT, 1984), hoje o estereótipo ideal do masculino é justamente de ser heterossexual, além de jovem, cisgênero (pessoa que se encontra de acordo ao rótulo de identidade de gênero que recebeu ao nascer), branco, forte, rico e viril (RODRIGUEZ, 2019).

Nader e Caminoti (2014) citam Bourdieu (2003) para falar sobre como a dominação masculina, dos homens sobre as mulheres, opera nos níveis simbólicos. Aos homens são atribuídos termos como “ativo”, “cima”, enquanto às mulheres termos como “passivo” e “baixo”. De acordo com o dicionário *Michaelis*, “masculino” é aquilo que, figurativamente, denota vigor, força ou virilidade, e que é destinado somente aos homens (MASCULINO, 2022). Já

“virilidade” é a idade em que o homem apresenta maior energia, entre a adolescência e a maturidade. É também a capacidade do homem de procriar; conjunto de traços típicos do homem; masculinidade; e, figurativamente, vigor físico ou moral (VIRILIDADE, 2022). Interessante notar que “virilidade” e “masculino” são praticamente sinônimos, um pode ser definido pelo outro: o masculino é viril, e o viril é masculino, enquanto outros termos como força, vigor, capacidade de procriação, surgem para denotar o que esses termos significam, o que seria, de fato, ser masculino.

Quando pensamos na multiplicidade de masculinidades, percebemos que definições como as do dicionário *Michaelis* perpetuam uma espécie de poder, de uma forma padrão de masculinidade, excludente, a masculinidade hegemônica. Esse modelo hegemônico de masculinidade é construído de forma hierárquica, pela desqualificação de outras formas de masculinidades num mesmo contexto cultural (VICENTE; SOUZA, 2006). Aqueles que não correspondem ao ideal masculinista, que correspondem às masculinidades subordinadas à masculinidade hegemônica, são lidos como menos homens e não possuem os mesmos privilégios (RODRIGUEZ, 2019).

É importante pensar a construção das masculinidades, das diferentes formas de ser homem, para além de uma simples relação vertical, em que há um subordinador e um subordinado. Vicente e Souza (2006) apontam como o modelo patriarcal produz um aprisionamento dos homens na sua posição de autoridade e superioridade, de forma que estes ficam restritos, também, de experimentar e performar formas de existência diferentes daquela que se aproxima mais do ideal masculino. A masculinidade hegemônica é normativa, corresponde a uma série de normas que levam à vigilância social do comportamento do sujeito pelos outros, e, principalmente, que ele se auto-vigie. O tempo todo, o homem é socialmente cobrado, e deve evitar posturas não

másculas e fornecer provas de sua masculinidade (NADER; CAMINOTI, 2014).

### ***Papel das mídias na construção social de gênero***

É notado que, hoje, os homens também são atingidos pela busca por uma perfeição estética, algo que antes atingia quase que exclusivamente às mulheres, sendo essa pressão sobre os homens um prolongamento do que já existe no universo feminino (GUILHARDI-LUCENA, 2012). Guilhardi-Lucena (2012) aponta como os homens passam a se preocupar mais com o corpo, com os ideais de beleza e de jovialidade, e imagens de corpos masculinos musculosos, fortes, viris, passam a se tornar um referencial de como o corpo masculino é apresentado na mídia. A autora aponta como, em muitas imagens propagadas pela mídia (que nos permite pensar também nas imagens propagadas pelos filmes), o corpo masculino é representado como mais sedutor, atraindo também maior atenção das mulheres, de forma que o homem também passa a ser uma mercadoria a ser conquistada pelo público feminino.

Essa é a visão de mundo da sociedade em que elas próprias se inserem: a aparência compra a felicidade. Tanto o homem somente consegue conquistar uma mulher se for vaidoso como ela alcançará o seu bem estar ao lado de um parceiro vaidoso. Quanto mais bem cuidado o corpo masculino e bem escolhidos os acessórios e a vestimenta, maior é a atração entre os distintos sexos e mais dinheiro é preciso para sustentar a boa aparência. A beleza tornou-se símbolo de poder e realização pessoal e profissional, representando, assim, um instrumento obrigatório de conquista (GUILHARDI-LUCENA, 2012, p. 96).

Como já foi exposto, sabemos que as construções de gênero se dão a partir da vida no coletivo, portanto elas são

um produto das interações sociais, culturais e históricas de uma dada sociedade. Dessa forma, as noções de como as pessoas de um dado gênero devem se comportar, em consonância com as noções hegemônicas de cada gênero, são aprendidas culturalmente. Existe uma expectativa social, desde a mais tenra idade, de como meninos e meninas devem se comportar, e isso é ensinado não apenas nas escolas, mas também na família, na igreja, através de propagandas comerciais, em veículos de mídia como filmes, novelas, seriados, etc. (PONGELUPPE; MILLANI, 2017). Essa forma de ensino e aprendizagem, que acontece para além dos muros das escolas, as autoras Pongeluppe e Milani (2017) indicam se tratar de uma Pedagogia Cultural e defendem que essas instituições ditam de forma eficaz as maneiras esperadas de como ser homem ou mulher. Corroborando com essa ideia, Fernandes e Siqueira (2010) apontam que para além de ditar formas de agir, as mídias, na contemporaneidade, assumem um papel central na vida dos sujeitos, mediando as relações sociais e exercendo controle sobre os corpos e questões sociais.

Entender que os filmes e as mídias em geral desempenham um papel de construção da identidade dos sujeitos desde seus primeiros anos de vida é fundamental para que compreendamos qual a função educativa existente em filmes como o Homem-Aranha. O filme que foi um sucesso, arrecadando mais de 410 milhões de dólares estadunidenses em bilheteria (RUSSO, 2014), demonstra a potencialidade de um filme de uma grande produtora passar uma mensagem para milhões de pessoas. A compreensão de que os filmes servem também como uma forma de exercer o poder sobre as atitudes e os corpos (FERNANDES; SIQUEIRA, 2010), nos permite questionar de que forma filmes de grande sucesso, como o aqui analisado, transmitem as mensagens desejadas.

## Material Analisado

Tipo de Material	Filme
Título Original	<i>Spider-Man</i>
Nome Traduzido	Homem-Aranha
Gênero	Ficção Científica/ Ação e Aventura
Ano	2002
Local de lançamento e Idioma original	Estados Unidos da América - Inglês
Duração	02h01 min
Direção	Sam Raimi

O longa-metragem conta a história de Peter Parker, um jovem estadunidense que vive com seus tios Ben e May. Peter representa o estereótipo de adolescente introvertido e estudioso, que não possui muitas habilidades sociais nem muitos amigos, tendo seu ciclo social reduzido ao seu melhor amigo Harry Osborn e sua vizinha Mary Jane Watson, pela qual Peter é apaixonado desde que tinha seis anos de idade.

Esse quadro de sua vida se altera drasticamente após ser picado por uma aranha geneticamente modificada durante uma excursão escolar a um laboratório de genética. Ao retornar para casa, Peter diz aos seus tios que não está muito bem e que vai se deitar. Em seu quarto, o corpo de Peter começa a se modificar, melhorando sua visão e fazendo com que seus músculos cresçam, tudo isso decorrente da picada da aranha. Ao perceber que se tornou poderoso, Peter decide começar a lutar em espetáculos que oferecem dinheiro ao vencedor, confeccionando sua fantasia e cunhando o nome de Homem-Aranha. Após sua primeira luta, seu tio, que tinha lhe dado alguns conselhos, acaba falecendo após um assalto e Peter decide usar seus novos poderes para combater o mal do mundo e não apenas para benefício próprio, seguindo as indicações do tio.

O filme se desenvolve com o aparecimento de um vilão, chamado de Duende Verde, pai de Harry, Norman Osborn, que após testar em si mesmo um melhorador de desempenho humano passa a ter uma personalidade maligna que ambiciona o poder e o caos. O vilão busca durante todo o filme acabar com o Homem-Aranha e tenta de diversas formas o fazer, através de lutas físicas ou até mesmo sequestrando e ferindo pessoas queridas de Peter. Na última luta entre o Homem-Aranha e o Duende Verde, Peter descobre a verdadeira identidade do vilão e o mesmo acaba morto, em suas últimas palavras pede para que Parker não revele que o Duende Verde era Norman Osborn, pai de Harry. Em diversos momentos o Homem-Aranha acaba salvando Mary Jane de perigos e os dois se envolvem amorosamente, na última cena do filme a garota se declara para Peter, mas ele acredita que não seja seguro para ela namorar com o Homem-Aranha.

## **Análise Crítica**

### **Papéis de gênero**

Iniciaremos a análise refletindo acerca da primeira fala do filme proferida por Peter Parker, buscando compreender o que ela representa e o aspecto central que ela desempenha durante todo o filme.

*“Quem sou eu? quer mesmo saber? a minha história não é pra quem não aguenta emoções fortes. Se disseram que é uma história feliz, disseram que eu era apenas um cara comum, e despreocupado, mentiram. Mas eu garanto que como toda história que se preze, é tudo por causa de uma garota”.*

A partir dessa fala de abertura e ao decorrer do filme, notamos que o objetivo central de Peter Parker é o de conquistar e proteger Mary Jane. Tal concepção reforça a



distinção do papel social do homem e da mulher. No filme Mary Jane é retratada como uma garota doce, servil e indefesa, que em inúmeras situações precisa ser salva pelo Homem-Aranha. Em contrapartida, o papel do homem é representado pela imagem do herói, um homem forte, corajoso, disposto a proteger e lutar pela mulher amada.

Um exemplo desta diferença de papéis entre o homem e a mulher, é uma cena onde Mary Jane é abordada na rua e corre para se afastar de um assaltante, adentrando um beco e sendo cercada por outros três homens. O seguimento desta cena é o Homem-Aranha aparecendo no momento crucial da violência e desmaiando os agressores, exercendo o papel do herói e solidificando o papel de Mary Jane como mulher indefesa que necessita da presença protetiva do homem. Terminada a luta entre o super-herói e os “malfeitores”, Mary Jane pergunta se poderia agradecer de alguma forma o Homem-Aranha, que concorda e permite que ela retire sua máscara até a metade e lhe dê um beijo (figura 1). Fica muito evidente nesta cena a perpetuação da masculinidade hegemônica e do papel submisso da mulher em relação ao corpo ideal, viril, agressivo do herói. No momento do beijo, é como se o resultado deste corpo funcionalmente apto a interferir no curso da história de si mesmo e do outro falasse por si só. É um corpo imbuído das possibilidades infinitas a que se confere o homem que alcança o ideal masculino hegemônico (RODRIGUEZ, 2019) - seus objetivos tornam-se mais próximos, seus desejos lhe aparecem à sua frente - mas, num movimento em torno da icônica fala de Ben (tio de Peter Parker), “com grandes poderes, vêm grandes responsabilidades”. É da associação entre esta frase e o poder (corpo) que este super-herói aproxima-se do público, por meio de uma moral intrínseca ao corpo ideal dele, contrastando com o corpo de personagens poderosos cunhados como “vilões”, que abarcam em si

muitas vezes visuais grotescos, marcados, manchados (BEIRAS *et al.*, 2007).

**Figura 1.** Beijo entre Homem-Aranha e Mary Jane.



Fonte: Netflix.

### ***Poder e dever fazer dos corpos***

Desta diferença entre corpos, do herói, do coadjuvante, do vilão, podemos pensar na diferença entre eles enquanto determinados por suas funcionalidades. Como levantado no parágrafo anterior, é visível a diferença funcional dentro da mídia entre um corpo que se aproxima do ideal hegemônico e um que se distancia deste. Ao primeiro, é reservado o poder de impacto efetivo na história, munido de uma moral e ética condizentes com o ato heróico; ao segundo, são relegados impactos superficiais dentro da narrativa, ou contrários àqueles do corpo representativo do herói (BEIRAS *et al.*, 2007).

Como aponta Chagas (2011), os heróis em geral, e especificamente o Homem-Aranha, “muito mais do que apenas estarem lutando contra o crime, essas personagens ‘lutam’ contra si, em duelos épicos de crise de identidade.”

(CHAGAS, 2011, p.8). Peter representa, ao longo do filme, uma dualidade, uma passagem de uma masculinidade inferiorizada, subordinada à um ideal masculino e viril, para uma masculinidade mais próxima da hegemônica. Assim como retratado por Vicente e Souza (2006), ao abordar as transformações da masculinidade, encontramos em Peter, momentos em que ele apresenta tanto aspectos sentimentais, de fragilidade emocional, aspectos “negativos” para o estereótipo do homem viril, enquanto possui características típicas do ideal masculino, como a força física, a capacidade de lutar, o corpo definido e musculoso, traço normativo caracteristicamente presente nos corpos de heróis da Marvel e da DC Comics (BEIRAS *et al.*, 2007).

Seu trajeto em busca do amor de Mary Jane, que também constitui um referencial padrão de feminilidade frágil e sensível (PONGELUPPE; MILANI, 2017), termina com o auge do ato heróico de Peter: não mantém um relacionamento amoroso com Mary Jane para protegê-la de eventuais perigos relacionados a sua identidade de Homem Aranha. Por conta de seu pensamento racional, capacidade de tomar decisões de maneira fria e calculista, típica do ideal de masculinidade hegemônica, Peter, mais uma vez, protege a amada, mesmo que o custo dessa proteção seja renegar seu desejo.

Algo importante a ser destacado, em relação a esta modulação do comportamento de Peter através de suas mudanças corporais, é o fato de que o alter-ego heróico personifica em si todas as características da masculinidade hegemônica, enquanto Peter Parker ainda representa de certa forma o “homem comum”, abarcando em si as inseguranças, nuances, fragilidades que estariam externas ao ideal masculino (BEIRAS *et al.*, 2007). Ou seja, tudo aquilo que representaria a fraqueza e a distância do corpo e comportamento ideais é mantido em segredo, por trás do “homem comum” que não usa máscara e, portanto, autoriza de certa forma uma dualidade do ser homem. É por meio

deste artifício que acontece a aproximação do super-herói com o público, não mais tão longe enquanto Peter Parker, mas demarcando a “potencialidade” do homem viril pela existência do alter-ego heróico.

Após ser picado pela aranha, o corpo de Peter começa a sofrer mudanças, ele se torna mais musculoso, sua visão melhora, abandona o uso dos óculos e adquire um “sentido aranha” que faz com que ele saiba dos perigos eminentes antecipadamente (figura 2). Essas mudanças físicas trazem consigo um aumento da autoestima do protagonista, demonstrando como um corpo forte e um homem que está sempre preparado para os desafios é superior ao antigo corpo de “nerd”, o que é manifestado de forma evidente numa cena em que May (tia de Peter) pergunta se ele “está legal” e se “está melhor” depois do momento em que vai pro quarto após a picada da aranha. A resposta de Peter, após se olhar no espelho e verificar o desenvolvimento de sua musculatura: *“Tô bem legal. Melhora? Grande melhora!”*.

**Figura 2.** Peter admira seu ganho de musculatura frente ao espelho



Fonte: Netflix.

Um segmento que representa claramente o início da transição do masculino inferiorizado de Peter para um homem forte, rápido e “melhorado”, é o de uma briga que ocorreu na escola (Figura 3). Peter ainda não sabia que tinha o poder de lançar teias pelos seus pulsos e, sem querer, ele acaba lançando uma teia em uma bandeja de comida e a puxa, atingindo o valentão do colégio, Flash. O valentão vai atrás de Peter e inicia uma discussão, Parker aceita as provocações e eles iniciam um combate físico. O protagonista desvia de todos os golpes de Flash e acaba com a briga com um único soco que faz com que seu oponente seja arremessado por alguns metros. Após a briga, seus colegas ficam espantados com suas habilidades de luta, e Mary Jane diz, em tom de admiração, que não sabia que ele tinha tais habilidades. A performance de Peter gera fascínio em seus colegas justamente por essa não ser uma atitude que se espera que um “nerd” desajeitado tenha.

**Figura 3.** Briga no colégio entre Peter e Flash



Fonte: Netflix.

Chagas (2011) aponta que a figura do Nerd

sempre esteve associada à estabilidade, pessoas extremamente pacíficas, que não reagem violentamente a nada – pelo contrário, geralmente são os que apanham dos colegas na escola – o que reifica o seu caráter racional, porque, quando têm um problema, ficam mirabolando formas de resolvê-lo, e a violência é a solução mais irracional que alguém pode adotar (CHAGAS, 2011, p. 5).

Por esse motivo, a briga na escola representa um ponto de virada na vida de Peter, que abandona sua passividade, característica presente em sua vida antes de ser picado pela aranha, e resolve um problema que surgiu na escola por meio da violência. Nesse ponto, relacionando a atitude de Peter com a reação de seus colegas, podemos vislumbrar claramente como o filme traz a noção de que tanto o corpo como as atitudes de Peter, anteriormente à picada da aranha, representam aquelas masculinidades inferiorizadas, valorizando o ideal hegemônico de masculino.

**Figura 4.** Peter observa Mary Jane ir embora com Flash, que está com um carro novo



Fonte: *Netflix*.

O surgimento da figura do herói Homem-Aranha se dá de maneira emblemática, pois em uma cena em que Peter está conversando com Mary Jane, num teor extremamente

sentimental, ela interrompe a conversa para sair com seu namorado Flash, que está com um carro novo (figura 4). A partir disso, Parker acredita que, para conquistar a mulher amada, ele precisa necessariamente de um carro e, procurando carros usados no jornal, ele encontra o anúncio de uma luta que oferece um prêmio em dinheiro para o vencedor. Ele decide participar da luta, desenvolvendo assim seu figurino e criando o nome do personagem. Essa noção de Parker que, para ser um homem atraente e conquistar Mary Jane, ele precisaria de um carro e de suprimir seus sentimentos, está em consonância com os atributos valorizados pela masculinidade hegemônica (RODRIGUEZ, 2019).

### **Considerações Finais**

A ideia de um corpo singular a ser buscado é presente em toda a extensão do longa metragem, apesar das contradições presentes advindas de um Peter Parker enquanto homem comum e enquanto Homem-Aranha ressaltarem certa dualidade do ser homem. Estas contradições compõem o elemento central que aproxima o público da obra, trazendo um herói diferente do modelo do Super-Homem, um herói com falhas e conflitos internos, inicialmente “comum”. Pensamos, porém, que essa facilidade de identificação com o filme e, especialmente, com o protagonista, pode na verdade ser um problema, principalmente pela grande abrangência de público que conquista. Justamente pelo seu carisma, Homem-Aranha pode ter um grande papel na difusão de estereótipos normativos de gênero, de masculinidades.

Apesar de ser um filme relativamente datado (o filme data de 2002), e algumas coisas terem mudado nesse meio do caminho (o nerd, por exemplo, deixou de ter uma representação na mídia somente como um homem fracassado em atingir os ideais de masculinidade, e hoje

possui uma imagem diferente, mais abrangente, ao passo que poderíamos identificar um “nerd de sucesso”), a ideia central apresentada é atual, quando pensamos na hierarquização das masculinidades, sem contar que o Homem-Aranha recebeu diversos filmes desde então, sendo uma figura de sucesso entre pessoas de todas as idades.

A análise do filme nos trouxe importantes reflexões acerca das imagens e estereótipos de gênero que são propagados na grande mídia. Repensar as noções que compõem o ideal de masculinidade hegemônica, e assim realizar uma análise crítica acerca do tema nos incumbiu da tarefa de ter um olhar mais atento sobre a temática e assim tentar desconstruir alguns ideais que nos são impostos desde a infância.

Pensamos que o filme pode ser ainda utilizado com um caráter educativo nas escolas, de maneira crítica, pois o Homem-Aranha é um personagem popular entre os jovens e crianças. A exposição do longa-metragem junto de crianças em idade escolar, acompanhada das críticas aos estereótipos que o filme representa aqui apontadas, pode ser de extrema importância para a desconstrução das noções hegemônicas de gênero.

## Referências

BEIRAS, A. *et al.* Gênero e super-heróis: o traçado do corpo masculino pela norma. **Psicologia & Sociedade**, v. 19, p. 62-67, 2007.

BOURDIEU, P. **A dominação masculina**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2003.

CHAGAS, L. Z. Na teia do aranha: A construção dos estereótipos dos jovens Nerds. **Anais do Seminário Nacional da Pós-Graduação em Ciências Sociais - UFES**, v. 1, n. 1.,



Vitória, Brasil, 2011. Disponível em: <<https://periodicos.ufes.br/snpgcs/article/view/1562>>. Acesso em: 12 mar. 2022.

FERNANDES, W. R; SIQUEIRA, V. H. F. O cinema como pedagogia cultural: significações por mulheres idosas. **Revista Estudos Feministas [online]**. 2010, v. 18, n. 1, pp. 101-120. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/S0104-026X201000100006>>. Acesso em: 13 mar. de 2022.

FOUCAULT, M. **História da sexualidade 2: O uso dos prazeres**. Rio de Janeiro: Graal, 1984.

GUILHARDI-LUCENA, M. I. Gênero e representações sociais na mídia: o corpo masculino. Vitória da Conquista: **REDISCO**, v. 1, n. 1, p. 88-97, 2012.

MASCULINO. In: MICHAELIS [online]. **moderno dicionário da língua portuguesa**. São Paulo: Melhoramentos. 2022. Disponível em: <<https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/masculino/>>. Acesso em: 11 mar. 2022.

MCKINNON, S. **Genética neoliberal: uma crítica antropológica da psicologia evolucionista**. São Paulo: Editora Ubu. 2021

NADER, M.B; CAMINOTI, J., M. Gênero e poder: a construção da masculinidade e o exercício do poder masculino na esfera doméstica. **Anais do 16° Encontro Regional de História da ANPUH-RIO: Saberes e Práticas Científicas**. 28 de julho a 1° de agosto de 2014, Rio de Janeiro, Brasil. ANPUH-Rio: Rio de Janeiro; 2014. Disponível em: <[http://www.encontro2014.rj.anpuh.org/resources/anais/28/1400262820\\_ARQUIV\\_O\\_Generoepoderaconstrucaodamasculinidadeeoexerciciodopodermasculinonaesferadomestica.pdf](http://www.encontro2014.rj.anpuh.org/resources/anais/28/1400262820_ARQUIV_O_Generoepoderaconstrucaodamasculinidadeeoexerciciodopodermasculinonaesferadomestica.pdf)>. Acesso em: 10 mar. 2022.

RODRIGUEZ, S. de los S. Um breve ensaio sobre a masculinidade hegemônica. **Revista Diversidade e Educação**, v.7, n.2, 2020.

RUSSO, F. Top 20: As franquias de cinema de maior sucesso. **Adorocinema**, 16 de nov. de 2014. Disponível em:

<<https://www.adorocinema.com/noticias/filmes/noticia-110358/?page=16>>. Acesso em: 12 mar. 2022

PONGELUPPE, M. A. B.; MILANI, D. R. da C. A masculinidade hegemônica advinda dos enredos midiáticos - um jeito de ser masculino. **Revista brasileira de sexualidade humana**, 28 (2), 2017.

VICENTE, D. D.; SOUZA, L. Razão e sensibilidade: ambigüidades e transformações no modelo hegemônico de masculinidade. **Arquivos Brasileiros de Psicologia**, v. 8, p. 1, 2006.

VIRILIDADE. In. **MICHAELIS[online] moderno dicionário da língua portuguesa**. São Paulo: Melhoramentos. 2022. Disponível em:< <https://michaelis.uol.com.br/moderno-portugues/busca/portugues-brasileiro/virilidade/>>. Acesso: 12 mar. 2022.



## Capítulo 6

### “THE RACE GROWS SWEETER NEAR ITS FINAL LAP”<sup>1</sup>: SEXUALIDADE, VELHICE E LUTO EM *MODERN LOVE*<sup>2</sup>

Gustavo Fernandes Scalvi

#### Introdução

A sexualidade é um conceito amplo que deve ser interpretado a partir de múltiplos fatores, indo além da relação sexual em si e não se restringindo a uma faixa etária específica. Para Maia (2011), ela

se expressa de diversos modos: nas práticas sexuais, nos desejos, nos sentimentos, nos pensamentos, nas emoções, nas atitudes, nas representações. A sexualidade refere-se tanto a um fenômeno abrangente do erotismo humano, considerando aqui as questões orgânicas, psicológicas e sociais, como também a um fenômeno que não se restringe ao sexo, ao genital. Além disso, sua manifestação depende de diferentes contextos culturais e momentos históricos (p. 25).

Contudo, apesar do conceito estar relacionado ao autoconhecimento, à autoestima e a própria existência dos indivíduos, a cultura ocidental é permeada por tabus e preconceitos que negam a vivência da sexualidade de algumas populações, entre elas a idosa. Esta população, de

---

<sup>1</sup> “*The race grows sweeter near its final lap*”, em sua tradução “a corrida fica mais gostosa na reta final”, é o nome do episódio 8 da primeira temporada da série *Modern Love*, analisado neste capítulo.

<sup>2</sup> A versão original desse trabalho teve a contribuição da autora Giulia Coelho Teixeira Mendes.

acordo com a Organização Mundial da Saúde (OMS), é constituída por pessoas com 60 anos de idade ou mais e tem passado por um aumento crescente, havendo uma previsão de que o seu contingente perfaça um total de 1,2 bilhão de pessoas em 2025.

Antunes *et al.* (2010) comentam que os avanços da ciência e da tecnologia, especialmente no campo da medicina, permitem que a expectativa da população mundial seja cada vez maior. Com os investimentos em prevenção e educação para a saúde, a descoberta de vacinas, novos medicamentos e cura para diversas doenças, o ser humano de fato tem ganhado mais qualidade de vida, além da possibilidade de resistir a enfermidades que antes provocavam a morte.

E para além do critério cronológico, Kreuz e Franco (2017) apontam que a definição de velhice envolve também fatores biológicos, emocionais, existenciais, socioculturais e um autoconceito relativo ao ser e sentir-se velho. Nesse sentido, definir o envelhecimento somente pelo critério da idade não é suficiente, visto que há uma ampla gama de fatores que influenciam nessa conceituação.

Contudo, apesar da elevada parcela de pessoas que se inserem nessa classificação, o envelhecimento ainda é um processo que, no imaginário social ocidental, se desenrola com desgaste, limitações crescentes e perdas físicas e de papéis sociais, em uma trajetória que finda com a morte (MENEZES; LOPES, 2014).

Dessa forma Vasconcellos *et al.* (2004) apontam que

acuados entre as múltiplas exigências adaptativas que as alterações do envelhecimento comportam, os indivíduos enfrentam dificuldades para preservar a identidade pessoal e a integridade de alguns papéis e funções, sobretudo aqueles relativos à sexualidade que a sociedade atentamente vigia e sanciona (p. 414).

No mesmo sentido, Almeida e Lourenço (2007) comentam que a sociedade apresenta uma visão restrita em relação à sexualidade e à velhice, classificando esse período da vida como um período de assexualidade e até de androginia. Esta falsa crença de que a velhice é uma etapa assexuada e que os idosos não são atraentes fisicamente, não tem interesse por sexo e não são capazes de sentir estímulos sexuais, influencia a sua autoestima, autoconfiança, sensações, relações e comportamentos. Sendo assim, cria-se um ciclo: a partir dos mitos culturais, a sociedade contribui para a estigmatização da velhice como uma fase em que há apenas perdas e malefícios, que são intensificados devido ao idoso não ocupar um lugar de destaque na sociedade ocidental.

Porém, esses preconceitos e estigmas devem ser diluídos, considerando que a manifestação da sexualidade pode ocorrer de diversas formas no público idoso, não ficando restrita ao sexo com penetração, que não precisa ser a principal fonte de prazer nessa fase, sendo que ele pode ser exposto a diversas formas de estimulação e outras zonas erógenas (ALENCAR et al., 2014).

E ainda, para Azevedo (1998), o fato de haver diminuição na frequência das atividades sexuais não significa o fim da expressão ou do desejo sexual. Para o autor, tanto o homem como a mulher continuam a apreciar as relações sexuais durante a velhice. As alterações que ocorrem, como a secura da vagina na mulher e a diminuição no tempo de ereção do homem, podem até prejudicar o prazer sexual, mas adaptações e exposições a outras formas de estimulação contribuem para o prazer ser retomado.

Entretanto, ao se traduzir no contexto social como algo depreciativo, o conceito de velhice agrava no idoso o que é sentido como perda e fragiliza os seus recursos internos construídos ao longo de toda a vida (MENEZES; LOPEZ, 2014). Assim, perdas cognitivas, fisiológicas, financeiras,

laborais, psíquicas e de papéis sociais são acentuadas, podendo ocasionar sofrimentos e processos de luto.

De modo geral, para Oliveira e Lopes (2008), o luto pode ser definido como um conjunto de reações diante de uma perda, sendo algo que deve ser valorizado e acompanhado, como parte da saúde emocional. Ele pode ser experienciado por qualquer pessoa durante qualquer fase da vida, não sendo, segundo os autores, um processo linear e não possuindo um período exato para começar e para acabar, podendo durar meses e anos, ou mesmo nunca acabar, na dependência direta das características individuais da personalidade e ainda do nível e intensidade de relação que se manteve com o falecido.

Na velhice, a vivência de um processo de luto pode ser bastante diferente de um luto vivenciado na juventude, pois, como comentam Menezes e Lopez (2014), é frequente que a pessoa idosa longeva apresenta sentimentos variados com a morte do outro, provocação da ruptura do vínculo amoroso que o unia à aquela pessoa que lhe dava alegria de viver. Nesse processo, sentimentos de medo, raiva, impotência e insegurança ao ver que parentes e amigos estão morrendo tendem a serem vivenciados, assim como a percepção de aproximação da própria morte.

Essa angústia ocasionada por tais perdas e lutos também influenciam na sexualidade da pessoa idosa, visto que devido a elas a sua autoestima e o seu autoconhecimento, que estão relacionados à sexualidade, podem sofrer impactos. Somado a isso, os estigmas sociais não fortalecem os idosos a se empoderar da sua sexualidade.

## Material Analisado

Tipo de Material	Série
Título Original	<i>Modern Love</i> (Temp. 01, ep. 08: <i>The Race Grows Sweeter Near Its Final Lap</i> )
Nome Traduzido	Amor Moderno - A corrida fica mais gostosa na reta final
Gênero	Comédia romântica
Ano	2019
Local de lançamento e Idioma original	Estados Unidos da América, Inglês
Duração	28min35s
Direção	John Carney, Sharon Horgan, Tom Hall, Emmy Rossum

A primeira temporada da série *Modern Love* contempla oito episódios independentes que têm como tema central a relação entre pessoas. Cada um deles foi inspirado em crônicas publicadas em uma coluna semanal do New York Times, que contam sobre experiências reais de leitores do jornal.

O oitavo episódio da primeira temporada da série retrata uma história de amor entre dois idosos, Margot e Kenji, viúvos que possuem por volta de 80 anos na época em que se conhecem. O primeiro contato entre eles é feito em um grupo de corrida voltado para idosos, que ambos participavam. Pouco tempo após iniciarem o relacionamento, vão morar no mesmo lugar e se casam. Contudo, o relacionamento do casal é interrompido pela morte de Kenji, devido a uma doença.

No episódio recortado, o tema sobre o amor maduro e sexualidade na velhice se faz presente em ações e em relatos feitos pelos protagonistas sobre as suas histórias passadas, vínculos, sentimentos e percepções. Ele é narrado por Margot, a qual comenta e reflete sobre o amor maduro, que pode ser em muitos aspectos semelhantes a um amor jovem



- contudo, há uma preocupação recorrente em relacionamentos entre idosos que não costuma acontecer em relações entre jovens, que é a morte do cônjuge.

## **Análise Crítica**

A cena de uma idosa abatida, triste e cansada, apesar de comovente, não costuma ser rara, seja nos cinemas ou na vida. O caráter peculiar da trama aqui analisada tem início na segunda cena: o espectador é convidado a retroceder na história de Margot e conhecer o motivo atual de seu sofrimento e, para tanto, acompanhar um pouco da construção de um relacionamento amoroso na terceira idade - fato tal, por sua vez, muito mais excepcional.

Em buscas na literatura, como um todo, são poucos os estudos que exploram a sexualidade na velhice. Outros assuntos, por outro lado, como qualidade de vida, depressão, saúde mental, cansaço, resiliência, são muito mais fáceis de serem localizados: ou seja, aparentemente, os idosos são apenas lançados entre a discussão de normal versus patológico e algumas variáveis, possivelmente fundamentais, são escanteadas e reservadas a outros grupos sociais. É no cerne desta questão que é possível pensar em amor e sexualidade.

A escassez literária é apenas um reflexo da realidade, de um retrato de sociedade em que idosos são constantemente vilipendiados, com subjetividades que escalonadamente se perdem conforme os anos se passam. Antunes *et al.* (2010), apontam que

de um lado, as sociedades criam meios de prolongar a vida humana num plano biológico, de outro, tendem a limitar, desestimular ou mesmo impedir a participação da terceira idade na sociedade, à medida que se desenvolvem atitudes de preconceito e de discriminações (p. 123).

Assim, uma das maiores manifestações dessa realidade contraditória se manifesta no relativo à sexualidade. A velhice não é vista como um período sexual e, assim, os idosos são muitas vezes vistos como seres assexuados, em que no máximo podem compartilhar ou demonstrar carinho ou afeto, mas que não devem e não tem vontade de explorar o prazer e sexualidade em suas diversas expressões. Na trama, Margot representa uma personagem que quebra paradigmas e não reluta, ao conhecer Kenji, em convidá-lo para sair. O homem, por outro lado, representa a visão estigmatizada do idoso: aquele que, após muito tempo casado e agora viúvo, não tem direito a novos relacionamentos ou companhias.

Quando finalmente Margot e Kenji se permitem iniciar um relacionamento, constantemente seus comportamentos são comparados, por eles mesmos, como práticas jovens: ao se mudarem para morar juntos, a mulher questiona se não estão “virando um daqueles casais felizes de comercial de seguro ou de banheira de hidromassagem?”, no funeral de Kenji, relata terem realizado tudo o que os jovens fazem: “nos apaixonamos, viajamos, reformamos uma casa juntos, plantamos um jardim.”. Ou seja, em essência, por mais que haja a manifestação do amor e da sexualidade na velhice, ela não é colocada nesses termos: não é “amor e sexualidade na velhice”, mas sim “velhos recuperando a jovialidade”.

Esse retorno à jovialidade é fruto de uma sociedade que, pautada em padrões de consumo, transforma mais uma instância em produto: o próprio corpo. Segundo Foucault, o controle-repressão, exercido sobre os indivíduos, assume a forma de controle-estimulação: “Fique nu... mas seja magro, bonito, bronzeado!” (2002, p.47), conseqüentemente, o corpo velho é o contrário do vendido pela indústria capitalista como ideal de beleza. Em síntese, a sociedade contemporânea, além de estimular uma espécie de culto ao

corpo, cultua um corpo em específico: o jovem e, portanto, sexualidade é juventude e beleza (GOLDENBERG, 2012).

É interessante destacar que, no episódio, tais estigmas e preconceitos constantemente se encontram velados, tal como um reflexo da realidade. Margot discursa no funeral de Kenji e diz que “um amor novo, até para gente velha, pode ser incrivelmente rico”, ou seja, o caráter é de exceção, nada corriqueiro: as considerações públicas, que poderiam explorar diversas instâncias da vida do falecido ou do próprio relacionamento de quem discursa, são obrigadas a focar em uma espécie de justificativa, para os ouvintes, da construção de um relacionamento nesta fase da vida. Inicialmente, Margot diz que “o amor maduro é diferente”, após breve reflexão, conclui que “ao mesmo tempo é igual” - diferente porque habita o costume com perdas e outras experiências dolorosas da vida, igual porque fizeram tudo o que os jovens fazem: novamente, ao jovem é reservada a experiência do amor e da sexualidade (o normal), já ao idoso, a morte e a dificuldade (o patológico).

De volta à cena inicial do episódio, a qual mostra Margot abatida, se arrumando para o funeral de Kenji, cabe agora refletir sobre outro aspecto principal da presente análise: os processos do morrer e do luto. Por um lado, a cultura que reforça padrões de sexualidade ao corpo jovem e assexualidade ao velho, evidencia um processo de morte, no idoso, ainda em vida, isto é, como anteriormente enunciado (AZEVEDO, 1998; ALENCAR *et al.*, 2014), o declínio de algumas funções orgânicas, reforçado pelos padrões sexuais socialmente produzidos, engendra a sensação de inutilidade e incapacidade que, conseqüentemente, impede a exploração e vivência da sexualidade em suas múltiplas expressões. Por outro, o luto se manifesta propriamente no morrer de pessoas próximas, questão essa explorada a seguir.

Antes mesmo de ter seu primeiro contato com Kenji, Margot já anuncia a uma amiga: “vou ficar chateada se ele

morrer antes de eu convidá-lo para sair”. Mesmo que em tom cômico, a morte é um fantasma que constantemente ronda as relações da idosa: como saída à situação corriqueira, procura descontrair. De forma não surpreendente, ao haver o contato com Kenji, a protagonista descobre que o homem já viveu o luto de sua esposa e, apesar de já contarem seis anos do falecimento, ainda sofre, depois de tantos anos juntos.

A convivência com a morte permite o desenvolvimento de uma outra característica nas relações: o conformismo. No discurso do funeral, Margot diz que a famosa máxima “até que a morte nos separe” não é, necessariamente, algo tão distante e irreal, como é para muitos que ao casar escutam a frase. Assim, ao considerar que “o amor maduro é diferente”, é porque é mais realista, uma vez que depois de tantas perdas e experiências vividas, se esse relacionamento falhar é apenas mais uma perda, algo que faz parte da vida. Por outro lado, ao colocar que “ao mesmo tempo é igual”, elucida que, ao mesmo tempo, são as mesmas experiências de qualquer outro relacionamento - só que com um peso a mais: a morte.

Somados, sexualidade e morte representam talvez os maiores tabus da sociedade ocidental. Não coincidentemente, são temas que permeiam constantemente a pessoa idosa: enquanto um não lhe convém, outro é esperado, apesar de evitado. Mais uma vez, é o contrário do retrato jovem: enquanto um é desejado e muito praticado, outro não é uma questão nem a ser pensada. Assim, tal antagonismo não revela a complexidade da temática - sexualidade e morte são processos comuns e naturais aos seres humanos e devem ser entendidos e compreendidos em qualquer etapa da vida. Possivelmente, uma ótica que preze a sexualidade enquanto construção social e com inúmeras possibilidades, independente de idade (ou qualquer outra particularidade), e a morte enquanto

natural, inevitável e possível, independentemente da idade (novamente, ou qualquer outra particularidade), tem muito a agregar por uma qualidade de vida mais saudável e mais rica em suas múltiplas subjetividades e potencialidades.

Por fim, após o funeral de Kenji, o espectador é convidado a fechar, junto com a protagonista, mais um ciclo. Margot sai para correr pela cidade, de forma análoga a que conheceu o finado marido, e dá a volta final - para Kenji, adoçada pela oportunidade de vivenciar mais um relacionamento antes de morrer; para Margot, o fechamento de mais uma relação, apreciada e aproveitada, mas interrompida pela morte. Chove, mas as gotas não impedem que Margot corra e, pelo contrário, dão forças, limpam, e ironicamente (ou não), rejuvenescem. Algumas perguntas ficam: um novo relacionamento para ela é possível e permanecem desejos de expressão da sexualidade? Em caso afirmativo, a sociedade é capaz de entender e aceitar, ou mais uma vez se manifestariam os tabus, estigmas e preconceitos tão danosos à população idosa?

### **Considerações Finais**

São exponenciais os avanços técnico-científicos nas mais diversas áreas do conhecimento. No campo da Saúde, métodos cada vez mais sofisticados permitem que a vida seja prolongada e, conseqüentemente, a faixa demográfica da população idosa tem crescido. Porém, mais que garantir a vida, é necessário garantir qualidade dessa, e o quadro é de uma sociedade que pouco preza a participação do idoso nas mais diversas esferas e instâncias da existência. No tocante a sexualidade, por exemplo, tabus, preconceitos e estigmas impedem a discussão e o idoso se vê impossibilitado de acessar recurso tão básico e natural aos seres humanos.

Deste modo, os conteúdos midiáticos são de extrema importância para a discussão, pois permitem dar visibilidade,

atenção, e trazer a discussão sobre a população idosa, não como uma condição de vida isolada ou doente, mas como qualquer outro período e que, portanto, guarda suas particularidades, potencialidades, subjetividades - e deve ser entendida e compreendida em tais.

Porém, geralmente, as mídias e as artes apenas reproduzem os modelos idealizados de amor e sexualidade, apresentando casais jovens (entre outros padrões: magros, brancos, heteronormativos, etc.). A série *Modern Love* procura romper com alguns modelos idealizados e, no episódio em questão, apresenta um casal que se forma na velhice.

Fato é que a sexualidade ainda é um tabu e, se combinada à população idosa e à morte, torna-se tema ainda mais delicado. A presente análise procurou levantar alguns dos pontos principais frequentemente reproduzidos socialmente e, assim, refletir sobre seus reais sentidos. Apesar de suas limitações, acredita-se que é questionando valores que se permite a construção de ideais mais justos e igualitários. Em suma, a população idosa deve ser estudada e compreendida como qualquer outra etapa da vida, despatologizada, e assim, permitindo saberes e práticas que enxerguem a velhice não mais como mero sobreviver, pelo contrário, pelo viver - pleno e diverso.

## Referências

ALENCAR D.L. *et al.* Fatores que interferem na sexualidade de idosos: uma revisão integrativa. **Ciência e Saúde Coletiva**, 2014.

ALMEIDA, T., LOURENÇO, M. L. Envelhecimento, amor e sexualidade: utopia ou realidade?. **Revista Brasileira de Geriatria e Gerontologia**. Rio de Janeiro, v. 10, n. 1, p.101-113, 2007. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/rbagg/a/bSf8FWZsv845HtGB8z3CztD/?lang=pt&format=html>>.

Acesso em: 09 mar. 2022

ANTUNES E. S. D. C. et al. Considerações sobre o amor e a sexualidade na Maturidade. **Pensando famílias**, v. 14. p.121-138, 2010. Disponível em: <[https://www.thiagodealmeida.com.br/site/wp-content/uploads/Consideracoes\\_sobre\\_o\\_amor\\_e\\_a\\_sexualidade\\_na\\_maturidade.pdf](https://www.thiagodealmeida.com.br/site/wp-content/uploads/Consideracoes_sobre_o_amor_e_a_sexualidade_na_maturidade.pdf)>. Acesso em: 26 fev. 2022

AZEVEDO, J. R. **Ficar Jovem Leva Tempo: um guia para viver melhor**. São Paulo: Saraiva, 1998.

FOUCAULT, M. **As palavras e as coisas**: uma arqueologia das ciências humanas. São Paulo, Martins Fontes, 2002.

GOLDENBERG, M. Mulheres e envelhecimento na cultura brasileira. **Caderno Espaço Feminino**, v. 25, n. 2, 2012. Disponível em: <<https://seer.ufu.br/index.php/neguem/article/view/21803>>. Acesso em: 11 mar. 2022.

KREUZ, G.; FRANCO, M. H. P. O luto do idoso diante das perdas da doença e do envelhecimento - Revisão Sistemática de Literatura. **Arq. bras. psicol.**, Rio de Janeiro, v. 69, n. 2, p. 168-186, 2017. Disponível em: <<https://www.redalyc.org/pdf/2290/229053873012.pdf>>. Acesso em: 09 mar. 2022

MAIA, A. C. B. **Inclusão e Sexualidade na voz de pessoas com deficiência física**. Curitiba: Juruá, 2011.

MENEZES T.M.O.; LOPES R.L.M. Significados do vivido pela pessoa idosa longeva no processo de morte/morrer e luto. **Ciência e Saúde Coletiva**. 2014. Disponível em: <<https://www.scielo.br/j/csc/a/Tfs4PspCp7gwyGVHnhgN5Lc/?format=pdf&lang=pt>>. Acesso em: 26 fev. 2022

OLIVEIRA, J. B. A.; LOPES, R. G. C. O processo de luto no idoso pela morte de cônjuge e filho. **Psicol. estud.**, Maringá, v. 13, n. 2, p. 217-221, 2008. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S141373722008000200003](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S141373722008000200003)>. Acesso em: 08 mar. 2022.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE (OMS). **Global Forum for Health Research: The 0/90 Report on Health Research**, Genebra: Organização Mundial da Saúde, 2002.

VASCONCELLOS, D. *et al.* A sexualidade no processo do envelhecimento: novas perspectivas - comparação transcultural. **Estudos de Psicologia**, Natal, v.9, n.3, p. 413-419, 2004. Disponível em: <[http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-294X2004000300003](http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-294X2004000300003)>. Acesso em: 09 mar. 2022





## Capítulo 7

# **MOONLIGHT - SOB A LUZ DO LUAR: TRABALHANDO A INTERSECÇÃO ENTRE SEXUALIDADE, IDENTIDADE ÉTNICO-RACIAL E MASCULINIDADE PERIFÉRICA NO CONTEXTO DA EDUCAÇÃO SEXUAL**

Julia Maria Alves Lemos  
Victor Bastos Ventura

### **Introdução**

#### ***Análise Aplicada do Comportamento***

A produção de conhecimento na análise do comportamento é constantemente associada apenas à análise experimental. Entretanto, estendendo a compreensão, a ciência do comportamento parte de um sistema psicológico que articula conteúdos filosóficos, empíricos e aplicados. Em foco, as questões culturais e a produção científica aplicada, o protagonismo encontra-se na análise aplicada do comportamento que promove o desenvolvimento de tecnologias analítico-comportamental para a resolução de problemas nas áreas da educação regular e especial, como também na terapia analítico comportamental, nos esportes, nas políticas públicas, organizações, etc. (TOURINHO, 2003). A dimensão aplicada está diretamente relacionada à relevância que a sociedade em questão demonstra por determinados comportamentos individuais e sociais, ou seja, é uma dimensão suscetível à mudança histórica e social servindo como um horizonte para a inserção de sujeitos em determinadas relações culturais

(BAER *et al.*, 1968). A unidade de análise é o comportamento dos organismos (respostas), sendo considerado um fenômeno relacional, em outras palavras, a análise experimental do comportamento evidenciou que existem tipos de relações entre estímulos e as respostas, dos organismos com o seu ambiente físico e social. Com isso posto, o programa filosófico do Behaviorismo Radical apresenta um modelo dessa relação através da *contingências de três termos*, uma classe de respostas é definida por suas consequências e pelo espectro de respostas geradas por essas consequências (CATANIA, 1999). Nessa linha,

[...] o operante deve operar sobre a natureza para produzir seu reforço. Embora a resposta seja livre para ocorrer em um grande número de situações estimulo-ladoras, ela será eficaz para produzir o reforço apenas em uma pequena parcela delas. A situação favorável geralmente é marcada de algum modo e o organismo... passa a responder sempre que estiver presente um estímulo que esteve presente em uma situação prévia de reforço, e a não responder, se este não for o caso. O estímulo precedente não elicia a resposta, ele meramente estabelece a ocasião em que a resposta será reforçada... Portanto, três termos devem ser considerados: um estímulo discriminativo prévio (SD), a resposta (R°) e o estímulo reforçador (S1). A relação entre eles pode ser formulada como segue: apenas em presença de SD é que uma R° é seguida de S\* (SKINNER, 1938, p.178 apud CATANIA, 1999).

Desse modo, é fundamental evidenciar que os operantes são definidos e mantidos por suas funções, e não pela topografia das respostas. Por consequência, os analistas do comportamento em sua atividade podem utilizar do instrumento de análises funcionais para evidenciar e intervir mais efetivamente nas relações mantenedoras das contingências, podendo assim ocorrer a intervenção no

estímulo discriminativo (SD), na própria resposta (R) e/ou nas consequências que modificam a frequência da resposta diante do contexto (CATANIA, 1999).

O controle aversivo é amplamente utilizado por agências governamentais, religiosas e práticas culturais. Além disso, apresenta diversos subprodutos emocionais como respostas de medo, ansiedade, ira e raiva, depressão, etc. (SKINNER, 1998). Desse modo, o efeito colateral do controle aversivo são respostas que podem ser ocasionadas pela apresentação ou sinalização da punição, podendo assim, ser consequência e estímulo, adquirir propriedades discriminativas. O processo de punição e reforço são simétricos, o primeiro diminui o responder, enquanto o segundo aumenta o responder enquanto as contingências são mantidas. Diante do controle aversivo se destacam dois processos: a *fuga*, que o responder evita as circunstâncias aversivas, enquanto a *esquiva* atrasa um estímulo aversivo (CATANIA, 1999).

### ***Processo de ensino e aprendizagem: análise de contingências para servidores da educação***

A Análise do Comportamento entende a sexualidade e a orientação sexual, assim como diversos comportamentos, através dos três níveis de seleção comportamental: o filogenético, o ontogenético e o cultural (SOUSA, 2019). No âmbito das comunidades em que ocorre o processo de ensino e aprendizagem, a análise funcional do comportamento é um importante instrumento de análise das contingências que operam sobre o ambiente. No que diz respeito à Educação Sexual (ES) no ensino regular e especial, as dificuldades apresentadas pelos servidores, muitas vezes, não impedem uma ação sobre o comportamento alvo. Mas, a respeito da reflexão sobre as contingências que mantêm determinado comportamento, foi demonstrado uma

dificuldade maior (BORTOLOZZI; VILAÇA, 2020). Por consequência, as intervenções podem ocorrer de forma não efetiva sobre o contexto e queixas escolares, sendo assim, um movimento pontual, que não necessariamente afetará a frequência do comportamento alvo no contexto escolar e em outros ambientes. Portanto, o ensino desse instrumento analítico entre os servidores que atuam especialmente na educação, pode direcionar intervenções mais efetivas sobre contingências que produzem a marginalização e exclusão dos indivíduos do processo de ensino-aprendizagem e de ambientes.

Diante dessa questão, os materiais projetivos (cenas, textos, filmes, *podcasts*, músicas etc.) podem servir como um importante e viável instrumento para apresentar modelos fictícios em que ocorrem os comportamentos avaliados. Sendo possível apresentar modelos em que ocorre interações aversivas e intervenções não efetivas, em contradição, a modelos em que ocorrem interações reforçadoras e intervenções mais efetivas para o tema apresentando. Desse modo, em relação ao ambiente escolar regular e especial, esses recursos são importantes instrumentos pedagógicos para formações docentes e a própria utilização com os estudantes (MYERS; HOLLAND, 2000; BORTOLOZZI; VILAÇA, 2020; DE CARVALHO *et al.*, 2020).

Na seleção do material projetivo. O trabalho de Rodrigues e Silvério (2019) realizou uma reflexão sobre o filme *Moonlight: Sob a Luz do Luar*, para identificar como o tema da sexualidade é abordado na película. Contudo, mesmo havendo poucos trabalhos sobre essa película especificamente, é possível verificar a transversalidade da sexualidade sobre a obra cinematográfica. Com isso posto, foram selecionadas cenas em que ocorre o controle *aversivo*, processos de punição, fuga e esquivas, como também, cena que ocorre o controle *positivo* por processos de reforçamento. De modo que, seja intercalado modelos de

controle *aversivo* e *positivos*. Contudo, os materiais projetivos usados podem apresentar um distanciamento entre a situação retratada no recurso pedagógico e as contingências que operam na realidade concreta da comunidade de ensino-aprendizagem.

Assim, o próprio comportamento verbal (relato) dos professores que estão em contato direto com as contingências que envolve à queixa escolar demonstrou ser um recurso também interessante para evidenciar os antecedentes, as respostas e as consequências que mantêm determinado comportamento (JUNIOR, LUCIANO, 2011). Concluindo, os programas comportamentais que articulem materiais projetivos e o próprio relato dos professores sobre a queixa e/ou comportamento alvo, sem dúvida, pode promover uma reflexão mais ampla, através de apresentações sucessivas que destaque modelos de intervenção, comportamentos alvos e aproximação com a realidade cotidiana dos educadores em relação a ES e seus desafios.

Com isso posto, o objetivo deste trabalho será discutir dentro do modelo comportamental o material projetivo da obra cinematográfica “Moonlight”, que retratam temas como a sexualidade, etnico-racial e masculinidades periféricas.

## Material Analisado

Tipo de Material	Filme
Título Original	<i>Moonlight</i>
Nome Traduzido	<i>Moonlight – Sob a Luz do Luar</i>
Gênero	Drama
Ano	2016
Local de lançamento e Idioma original	Estados Unidos da América, Inglês
Duração	1h51min
Direção	Barry Jenkins

A produção cinematográfica *Moonlight* do diretor Barry Jenkins foi inspirada nas próprias memórias do cineasta e na peça teatral *In Moonlight Black Boys Look Blue*, de Tarell Alvin McCraney. O filme se divide em três fases: a infância, a adolescência e a idade adulta de Chiron (Alex R. Hibbert), um jovem negro morador de um bairro periférico de Miami. Assim, retratando fases do desenvolvimento da sexualidade do personagem. O núcleo familiar do personagem é composto pela sua mãe, Paula (Naomie Harris), o traficante Juan (Mahershala Ali) que assume uma figura paterna e Teresa (Janelle Monáe), companheira de Juan. Além disso, os sentimentos recíprocos de Kevin (Jharrel Jerome) são um elemento fundamental em toda narrativa e seus desdobramentos. A história apresentada do protagonista Chiron é muito complexa e passa por diversos momentos contraditórios como o bullying na infância e adolescência, os desafios da sua identidade e sexualidade em interação com seu contexto em toda sua vida, e a violência produzida pelo conflito entre gangues no seu bairro. Esses fatores em intrínseca interação conduzem o espectador a refletir o drama vivido pelo protagonista. O cenário (iluminação, falas, ambiente etc) e a trilha sonora da obra cinematográfica são minuciosamente selecionadas para conduzir o espectador para as problemáticas levantadas em cada cena. As cenas de repressão e violência constantemente são contrapostas a momentos de acolhimento e liberdade que o protagonista vive. O desfecho é surpreendente, além de promover uma reflexão nos espectadores em relação à intersecção da sexualidade, do racismo, e masculinidades periféricas.

## Cenas Selecionadas

**Quadro 1.** Cenas selecionadas para a análise.

Cena	Tema	Propriedade Reforçadora	Minuto
Lutinha	Brincadeiras sexuais	Reforçador	13:16 - 16:29
Aprendendo a Nadar	Conhecendo o corpo	Reforçador	17:20 - 21:17
Primeira experiência sexual	O prazer	Reforçador	49:11 - 57:19
(Re)Encontro com Kevin	O diálogo	Reforçador	1:22:00 - 1:46:00

Fonte: elaborado pelos autores.

As cenas selecionadas para cada fase do desenvolvimento apresentam funções de propriedades reforçadoras. Nesse sentido, é possível a utilização de cada recorte projetivo para evidenciar o controle *positivo* exercido pelas contingências que operam sobre o ambiente. No contexto escolar, os profissionais da educação apresentam maior facilidade de identificar e analisar contingências que são mantidas por reforçamento positivo (JUNIOR, LUCIANO, 2011). Por consequência, a partir do repertório dos personagens que trabalham na educação, o material serve como modelo de contingência e material de análise, que aliado à discussão crítica deve aproximar a representação projetiva das contingências concretas que operam no ambiente dos professores e estudantes.

### **Análise Crítica**

#### ***I. Little***

Em se tratando de aspectos relacionados ao desenvolvimento sexual da criança que podem ser



evidenciados no filme, achamos interessante iniciar por uma cena ocorrida logo ao início. Nesta, observamos o protagonista se afastar de cabeça baixa e abatido do grupo de crianças que estavam brincando juntas, após ser hostilizado por elas. Então, Kevin aproxima-se de Chiron e pergunta-lhe por que este havia se afastado, bem como porque ele deixa que as crianças o tratem daquela maneira. Chiron então devolve a pergunta a seu amigo, questionando-o sobre o que poderia fazer a respeito. A resposta dada por Kevin evidencia um aspecto fundamental já trabalhado por Rodrigues e Silvério (2019) a respeito da agressividade como um padrão comportamental ensinado e esperado dos meninos - Chiron deveria, portanto, revidar e demonstrar que não é “frouxo”.

No âmbito da formação de professores, dois fatores são importantes de serem discutidos no enfoque da cena citada: a primeira diz respeito à necessidade de se afirmar a masculinidade infantil como uma garantia de uma esperada masculinidade adulta (FELIPE; GUIZZO, 2004); a segunda refere-se a uma ilustração (que ocorre na cena seguinte) das brincadeiras sexuais comuns durante a infância. Assim, se se deseja utilizar da peça como modelo ilustrativo de comportamentos esperados durante o desenvolvimento sexual infantil, deve-se pontuar as implicações que uma conduta masculina hegemônica pautada pelo uso da violência como forma de resolução de conflitos tem no imaginário dos infantes. É desde cedo que as crianças se encontram submetidas ao domínio ideológico de construções específicas de gênero, marcadas por padrões estereotipados e pouco ou nada saudáveis do ponto de vista da formação de valores e atitudes. Ensinar autonomia é ensinar a reconhecer as influências que o meio exerce sobre o próprio indivíduo, é ensinar a trabalhar os referenciais que compõem nossos conceitos, nossas opiniões e a imagem que temos de nós mesmos.

No que toca a questão da formação da masculinidade de homens negros, torna-se necessário, também, ressaltar as implicações que um ideário pautado pelo uso da violência tem nas reverberações do ainda presente mito do esturador negro (DAVIS, 2016). Para além das referidas consequências que a agressividade como um padrão comportamental tem na formação da personalidade de todos os homens, especificamente para o homem negro cabe ainda lidar com um estereótipo racista para o qual é enquadrado sempre que exhibe qualquer tipo de comportamento que possa ser identificado como “violento” ou “agressivo”.

Retomando à cena, após o diálogo citado entre os personagens do filme, observamos os dois iniciarem uma espécie de “lutinha” entre si, no qual caem no chão rolando e terminam por se separar exaustos, arfando de cansaço pelo esforço. Aqui, a película sutilmente evidencia um aspecto fundamental do erotismo infantil: os jogos sexuais. O foco da câmara em determinadas partes do corpo dos meninos que se tocam na brincadeira, bem como o final em que se separam após um momento de êxtase conjunta, são importantes para se trabalhar como a sexualidade aparece durante este momento da infância.

Outra cena bastante interessante do filme, em que o personagem ainda é um menino, ocorre logo em sequência. Nela, Chiron é levado até a praia (talvez pela primeira vez em sua vida) por Juan. O padrasto do garoto então o convida a entrar na água e vai, lentamente, ensinando-o a nadar. O que se pode apreender deste momento é como aqui, o personagem tem pela primeira vez a oportunidade de vivenciar sua sexualidade de forma positiva. Compreende-se aqui sexualidade no sentido amplo do termo (MAIA, 2010; YANO, RIBEIRO, 2011), referindo-se a possibilidade de expressão de uma parte inerente da personalidade humana,

em constante desenvolvimento a partir do entrelace de fatores biológicos, sociais e culturais.

Observa-se, portanto, a prática da educação sexual informal sendo desempenhado pelo personagem que exerce a figura paterna do protagonista. Na obra, esta cena fica marcada pela sutileza na forma como Juan trata seu afilhado, tanto na maneira como fala com ele como na forma com que o ensina a confiar em seu próprio corpo. Serve, portanto, de exemplo para nos mostrar como a noção de sexualidade na infância pode se distanciar do que é popularmente conhecido como sexo, e seu exercício expressa-se muito mais com a possibilidade de identificar-se com seu corpo, de ter acesso a informações básicas sobre ele e poder passar a conhecê-lo melhor.

## **II. Chiron**

Passemos então a adolescência do protagonista. Nesta fase da vida marcada pela maturação da identidade sexual do indivíduo, diversos fatores implicados no desenvolvimento sexual aparecem de forma manifesta. Entre eles, podemos citar a realização das primeiras experiências sexuais, o reconhecimento ou descobrimento da própria orientação sexual e a formação de laços afetivos e sexuais com seus pares (PAPALIA; FELDMAN, 2013). No que toca a obra cinematográfica citada, observamos que este período é marcado por grandes instabilidades na vida do protagonista. Em primeiro lugar, podemos citar uma cena específica que tem sua importância por retratar a única experiência sexual que Chiron tem em sua vida - como ficaremos sabendo ao final do filme.

No momento em questão, o garoto encontra-se sentado na beira da praia quando é abordado por seu amigo Kevin. Este senta-se ao seu lado e oferece-lhe um cigarro de maconha para fumarem juntos. Lembramos que o

protagonista encontrava-se no local após um longo dia de conflitos com sua mãe (dependente de crack) e com outros estudantes do colégio, que insistem em intimidá-lo e ameaçá-lo publicamente por sua suposta orientação sexual. Portanto, o que o filme demonstra é a necessidade de Chiron em fugir para um local seguro, que o possa acolher das inúmeras adversidades a que está submetido em seu cotidiano - para ele, esse refúgio se dá no mar, local já citado aqui como um dos poucos mostrados em tela a partir de uma perspectiva positiva na vida do personagem.

Segue-se então para um momento em que, após conversarem e gargalharem juntos, os garotos aproximam-se e se beijam. Desfrutam de um momento de intimidade conjunta, no qual vemos Kevin masturbar o parceiro até seu orgasmo. A cena termina com o amigo de Chiron levando-o até sua casa. Aqui, as areias da praia e a vista para o mar consolidam-se ainda mais como um ambiente reforçador para o protagonista, que parece só encontrar neste cenário um bálsamo para suas frustrações e indecisões.

Em se tratando desta última questão, podemos ressaltar também a importância da consolidação de uma identidade racial na formação da autoestima dos adolescentes. Apesar de o protagonista encontrar-se ambientado em um bairro negro dos Estados Unidos, na perspectiva da aplicação do filme como instrumento de análise para formação docente, é importante trabalhar a identidade étnica como fator fundamental para a construção da identidade como um todo. A importância da socialização cultural (PAPALIA; FELDMAN, 2013) está em possibilitar às identidades étnicas periféricas expressarem-se em todo seu potencial, o que implica possibilitar o reconhecimento destas identidades fomentando sensações de pertencimento e acolhimento dentro de uma determinada cultura.

Além disso, a cena também serve para trabalhar aspectos relacionados às primeiras experiências sexuais de

adolescentes em geral e, em específico, de adolescentes bissexuais e homossexuais. É comum nesta idade a exploração sexual com parceiros de diferentes gêneros, e é importante frisar que determinada experiência com alguém do mesmo sexo não define a conduta sexual do adolescente para toda sua vida.

### **III. Black**

O filme passa à vida adulta de Chiron após um episódio traumático, que ocorre logo após a experiência sexual do adolescente com Kevin. No dia seguinte ao encontro dos dois, o protagonista é espancado em frente ao colégio em que estuda, inclusive por seu amigo. Ele então, num momento de grande angústia e euforia, decide vingar-se de Tyrone, que orquestrou o plano para que ele fosse surrado. Quando chega na sala de aula no dia seguinte, Chiron quebra uma cadeira nas costas de seu adversário, deixa-o inconsciente e é imediatamente levado preso pela agressão proferida.

Interessante é notar como a imobilidade do protagonista - que não quis abrir queixa contra seus agressores - foi recompensada com a agilidade de seu antagonista em denunciá-lo às autoridades policiais. Este momento da trama retrata uma virada na vida de Chiron, que retorna da cadeia com uma aparência e postura totalmente modificadas. Ele torna-se traficante de drogas, passa a viver um estilo de vida semelhante ao de sua figura paterna, mas ainda segue sem conversar ou demonstrar carinho, afeto ou desejo por qualquer pessoa em seu entorno.

A parte final do filme inicia-se com uma ligação recebida por Chiron de Kevin. Após muitos anos sem se falar - desde o fatídico dia na escola - o amigo decide contatá-lo pois, segundo ele, um cliente do restaurante em que trabalha colocou uma música que o fez lembrar-se de seu antigo

companheiro de turma. Ele então convida o atual traficante a visitá-lo na cidade em que reside.

Chega-se, assim, à cena final da trama. Evidente que o encontro entre os dois é simbólico da necessidade do protagonista em colocar um ponto final a um período de sua vida que ficou em suspenso após sua prisão. É apenas diante de Kevin que podemos observar Black (ironicamente, esta denominação utilizada pelo personagem para se identificar como adulto foi cunhada exatamente por Kevin) expressar em sua postura corporal e em suas expressões faciais algum tipo de emoção, seja ela positiva ou negativa. Após jantarem, os dois retornam a casa do coadjuvante, local em que Chiron revela nunca mais ter “tocado” em ninguém após o episódio na praia.

Compreende-se aqui a importância que o desenvolvimento sexual do indivíduo tem em seu desenvolvimento biopsíquico como um todo. Retomando a necessidade de se compreender a sexualidade como um fenômeno que aparece de forma transversal nos diferentes espectros do desenvolvimento humano, fica claro como a impossibilidade que o personagem teve de vivenciar de forma saudável sua sexualidade tanto na infância quando na adolescência impactaram-no durante sua vida adulta. Ora, foi preciso retornar ao passado para poder projetar-se ao futuro. Com isso, o filme finaliza com uma importante reflexão a respeito da construção da identidade do indivíduo, ademais, da figura do homem negro numa sociedade marcada por papéis sociais de classe, gênero e raça alienantes e artificiais.

### **Considerações Finais**

Esperamos ter conseguido demonstrar como a utilização de diferentes tipos de materiais midiáticos pode servir ao propósito da construção de um programa de formação docente, bem como preparar qualquer outro tipo

de espectador atento e interessado para que possa também beneficiar-se dos modelos comportamentais que os filmes podem oferecer para análise de situações recorrentes no desenvolvimento sexual de todo e qualquer indivíduo.

Desejamos também que tenha ficado evidente a necessidade de se enquadrar o material desta análise dentro de expectativas concretas e condizentes com a comunidade com que se está dialogando. Neste sentido, apesar de *Moonlight* ser um filme americano a retratar a vida de um garoto negro num bairro suburbano de seu país, imaginamos que muitas das mazelas e vulnerabilidades explicitadas no filme também podem ser observadas na vida de boa parte da população brasileira, em especial nas existências negras e periféricas.

A sensibilidade com que temas como a descoberta sexual, homossexualidade, violência e construção da masculinidade são retratados nas cenas faz deste material em específico um ótimo espécime para ser utilizado em diferentes contextos. Quando falamos em sensibilidade, nos referimos a maneira sutil com que estes temas são filmados; sem grandes exageros ou cenas explícitas e apelativas de sexo, com início, meio e fim da trama entrelaçadas por cortes da câmera que dialogam entre si, retomando e reconfigurando cenários frequentes na vida do protagonista.

Concluindo, recomendamos que o material projetivo seja vinculado a um programa comportamental com o objetivo de ensinar análises funcionais para profissionais da educação, visto que existe uma alta demanda de materiais e formações específicas sobre o desenvolvimento da sexualidade. Com isso, a utilização de materiais cinematográficos favorece a apresentação de modelos significativos para a realização de análises funcionais (antecedente, resposta e consequência) conciliado com o próprio relato verbal dos professores que estão expostos à contingência. O manejo de instrumentos comportamentais

no contexto da educação sexual e queixas escolares, sem dúvida, vai promover intervenções mais efetivas.

## Referências

BAER, D. M.; WOLF, M. M.; RISLEY, T. R. Some current dimensions of applied behavior analysis. **Journal of applied behavior analysis**, v. 1, n. 1, p. 91, 1968.

BORTOLOZZI, A. C.; VILAÇA, T. Educação sexual na educação inclusiva: atitudes de professores diante de situações projetivas envolvendo comportamentos sexuais de alunos. **Diversidade e Educação**, v. 8, n. 1, p. 190-211, 2020.

CATANIA, A. C. **Aprendizagem: Linguagem, comportamento e cognição**. Porto Alegre: Artmed, 1999.

DAVIS, A. **Mulheres, raça e classe**. Tradução de Heci Regina Candiani. São Paulo: Boitempo, 2016.

DE CARVALHO, L. R. S.; BORTOLOZZI, A. C.; VILAÇA, T. Educação Sexual Inclusiva Na Perspectiva De Professores (As): Análise Do Contexto Português E Brasileiro. **Humanidades & Inovação**, v. 7, n. 27, p. 32-43, 2020.

FELIPE, J.; GUIZZO, B. Entre batons, esmaltes e fantasias. In: MEYER, Dagmar; SOARES, Rosângela (orgs). **Corpo, Gênero e sexualidade**. Porto Alegre: Mediação, 2004. p. 31-40.

MAIA, A. C. B. Conceito amplo de sexualidade no processo de educação sexual. **Psicopedagogia On Line**, v. 1, 2010. Disponível em: <<http://hdl.handle.net/11449/125065>>. Acesso em: 18 jun. 2022.

MYERS, C. L.; HOLLAND, K. L. Classroom behavioral interventions: Do teachers consider the function of the behavior?. **Psychology in the Schools**, v. 37, n. 3, p. 271-280, 2000.

TOURINHO, E. Z. A produção de conhecimento em psicologia: a análise do comportamento. **Psicologia: ciência e profissão**, v. 23, p. 30-41, 2003.



JUNIOR, J. L.; LUCIANO, E. S. Análise de Contingências na Intervenção da Queixa Escolar. In:VALLE, Tânia Gracy Martins do *et al.* (org). **Psicologia do desenvolvimento humano e aprendizagem**. Coleção PROPG Digital (UNESP), p. 55-75, 2011.

PAPALIA, D. E.; FELDMAN, R. D. (Colab.). **Desenvolvimento Humano**. 12ª ed. Porto Alegre: Artmed, 2013.

RODRIGUES, C. O.; SILVÉRIO, G. G. Moonlight, Sob a Luz do Luar: Discussões Sobre Masculinidade. In: MAIA, A. C. B.; DE CARVALHO, L. R. S.(org) **Leituras sobre a sexualidade em filmes**. São Carlos: Pedro & João Editores, p. 13-30, 2019.

SOUSA, J. F. de. A Análise do Comportamento e a Intersexualidade. **Psicologia: Ciência e Profissão**, v. 39, n. SPE3, p. 129-134, 2019.

YANO, K. M.; RIBEIRO, M. O. O desenvolvimento da sexualidade de crianças em situação de risco. **Revista da Escola de Enfermagem da USP**, v. 45, n. 6, p. 1315-1322, 2011.

## Capítulo 8

### NOSSAS NOITES: A PERSISTÊNCIA DO DESEJO NO ENVELHECIMENTO

Gabriel Câmara Branco  
Richard Hideyuki Ueno

#### Introdução

Pela vivência no real de diferentes modificações, pelas mudanças na imagem e enfraquecimento dos laços sociais, por diferentes perdas, a velhice impõe novas traduções, transcrições, atualizações. Se isso não ocorrer, a resposta pode ser a regressão – como via de tratar o insuperável –, um retorno à fixidez do fantasma, e a formação de novos sintomas como tratamento ao real (MUCIDA, 2019, p. 49).

A velhice, como última etapa do ciclo vital, é marcada por múltiplos eventos que incluem, geralmente, afastamento social, perdas psicomotoras e a restrição em papéis sociais (VIEIRA; MIRANDA; COUTINHO, 2012). Essa fase, no entanto, é difícil de ser definida apenas considerando a idade cronológica, já que, considerar apenas isso, implicaria em não conceber que esta está relacionada ao modo como os seres humanos interagem com os avanços do saneamento básico, de higiene básica e melhoria da medicina, o que leva a uma maior expectativa de vida (CARDOSO, 2004), deste modo, colocar uma idade fixa como entrada na velhice seria desconsiderar essas alterações.

Simone de Beauvoir (2018, p. 13) propõe que “o homem não vive nunca em estado natural; na sua velhice, como em qualquer idade, seu estatuto lhe é imposto pela sociedade à qual pertence”. Deste modo, analisar a velhice implica em

conceber o lugar que é dado a esses sujeitos no ambiente cultural, a partir disso, um ponto de interesse são as relações existentes entre a velhice e a sexualidade, já que as vivências sexuais apresentam um efeito potencializador sobre a qualidade de vida da pessoa idosa (VIEIRA; MIRANDA; COUTINHO, 2012).

Nesse quesito, então, a velhice é muitas vezes tomada pela sociedade como um período no qual o sujeito passa por uma assexualidade, tendo unicamente o papel de avô ou avó, se tornando cuidador de seus netos (ALMEIDA; LOURENÇO, 2008). Essa visão é marcada por preconceitos, que tomam qualquer tentativa de estabelecimento de relacionamentos sexuais como um motivo de piada, ou até mesmo de indecência, e não como um processo ligado ao desejo do sujeito (SOLIS; MEDEIROS, 2002). No discurso médico, por exemplo, quando se aborda a sexualidade de idosos, o enfoque recai sempre sobre o nível orgânico e funcional, ditando limitações e possibilidades que podem ser tratadas por meio de medicamentos ou cirurgias (SOLIS; MEDEIROS, 2002).

Ainda nessa questão biológica, homens e mulheres apresentam diferentes problemas devido ao corpo biológico não realizar mais suas atividades de homeostase corretamente. Um problema enfrentado pelos homens na velhice é a disfunção erétil, que de maneira geral, após essa idade possui problemas com relação à ereção, porém ligada a algumas doenças como hipertensão e problemas cardíacos e ocorre com mais frequência em homens com mais de 65 anos (CHEW *et al.*, 2009).

Já no caso das mulheres, há uma menor ocorrência de lubrificação vaginal depois de uma certa idade, dificultando a prática da penetração sexual (DEBERT; BRIGEIRO, 2012). Além disso, a menopausa afeta a mulher não apenas biologicamente, mas também socialmente, em que, após a sua ocorrência, segundo Beauvoir (2018, p.86) "depois da

menopausa, a mulher não é mais sexuada; torna-se a homóloga da menina impúbere e escapa, como esta, a certos tabus alimentares.”

A dimensão biológica, no entanto, não é suficiente para explicar e encerrar a dimensão sexual, a sexualidade é, na verdade, aberrante e avessa a essa dimensão biológica e apresenta-se ao sujeito pela relação que este tem com o objeto de seu desejo (MUCIDA, 2019).

A concepção de sujeito tomado aqui, então, é o sujeito da psicanálise, o qual não tem idade para seu desejo e sua libido, de modo que a sexualidade adulta é a infantil, ou seja, aquele sujeito à qual a realidade inconsciente é a realidade sexual, sem a existência uma velhice natural marcada por essa perda de desejo, sujeito esse que tem um corpo que envelhece, mas que não é afetado por sua idade cronológica e muito menos por suas determinações orgânicas, que pode escrever seu destino singular (MUCIDA, 2019).

O desejo existe no ser uma vez que a satisfação de suas necessidades vitais passa por um apelo dirigido a um Outro, de modo que a satisfação é transformada em demanda de amor, algo que demonstra que a ordem biológica não basta em si mesma, demanda essa que visa uma satisfação que, em última instância, não se dá do modo como é demandada (KAUFMANN, 1996). Esse desejo instaura uma falta em decorrência da imaginação de objetos que estão presentes no corpo do outro, em razão da alienação das necessidades que surgem na demanda (KAUFMANN, 1996).

Entende-se, então, a sexualidade não como função reprodutiva, mas priorizando o prazer, presente em todas as atividades e excitações que permeiam o sujeito desde a infância (SOLIS; MEDEIROS, 2002), essa concepção abre a possibilidade para pensar e conceber essa etapa da vida como ativa e possível, como um momento que envolve sentimentos e emoções que trazem satisfação física e mental (VIEIRA; MIRANDA; COUTINHO, 2012).

As pulsões libidinais que movem o ser existirão enquanto existir vida e se farão presentes e ativa. Então, mesmo com certas diferenças, a sexualidade pode ser vivida de forma prazerosa em qualquer idade, importando a forma como a exterioridade e a interioridade, que produzem o sujeito, se relacionam (SOLIS; MEDEIROS, 2002). Deste modo, a alienação propiciada pela sociedade, que exclui o idoso das vivências afetivas e sexuais afetam negativamente a qualidade de vida dessas pessoas (VIEIRA; MIRANDA; COUTINHO, 2012), impactando de forma profunda na autoestima, na autoconfiança e no estabelecimento de relacionamentos, quaisquer que sejam eles, para os idosos (ALMEIDA; LOURENÇO, 2008).

Reconhecer a sexualidade de pessoas idosas permite uma melhora em todos os aspectos da vida desse grupo, uma vez que:

Estas vivências revelam o que o indivíduo é, trazendo em si o que já foi e a possibilidade de vir a ser. É na sexualidade de cada um que está impressa e expressa a história pessoal, bem como o modo de lidar com a trajetória do envelhecimento (VIEIRA; MIRANDA; COUTINHO, 2012, p. 123).

Isso leva a um reconhecimento de que a velhice não é um estado único, um destino inescapável ligado apenas a perda e ao luto, mas um processo de subjetivação constante, no qual o ser velho não existe, e a forma como cada um trilhará esse caminho depende de suas próprias condições subjetivas (SOLIS; MEDEIROS, 2002). O que importa, então, nessa fase é o modo com o qual o idoso aprenderá a lidar com sua sexualidade, que se modifica ao longo da vida, de maneira que, comumente, esse ser que envelhece não aprende a se relacionar com ela em uma sociedade que dita os padrões através de uma primazia do que é considerado jovem, excluindo-se a possibilidade de uma sexualidade

permeada pela ternura, pelos contatos de voz, toque e sonhos (SOLIS; MEDEIROS, 2002).

O isolamento do idoso, que decorre dos preconceitos para com as pessoas nessa fase, pode ocasionar uma decadência psíquica que tem como causa a falta de tratamento desse idoso como sujeito por parte daqueles que se relacionam com ele, algo que o torna objeto de cuidado e aniquila a possibilidade dele de ancorar seu desejo no desejo do outro (SOLIS; MEDEIROS, 2002).

Os laços nessa idade são de extrema importância, eles têm o potencial de reduzir o estresse e ajudam na saúde física e mental, mas é necessária uma compreensão de que as relações nessa etapa, concebida como velhice, apresentam uma outra natureza, uma vez que a ligação com seus pares geralmente não está mais relacionada ao trabalho ou ao cuidado dos filhos, tendo um caráter maior de apoio mútuo e camaradagem (PAPALIA; OLDS; FELDMAN, 2001).

Fica evidente, a partir disso, que é necessário um trabalho de desconstrução do estigma ligada a sexualidade na velhice, pois permite ao Ser uma melhora em sua relação com o outro e consigo próprio, possibilitando o enriquecimento das relações humanas, através do fortalecimento de concepções como carinho, apego e comunicação (VIEIRA; MIRANDA; COUTINHO, 2012), além do próprio ato sexual, mesmo com as mudanças físicas que foram tratadas acima.

## Material Analisado

Tipo de Material	Filme
Título Original	<i>Our Souls At Night</i>
Nome Traduzido	Nossas noites
Gênero	Romance/Drama
Ano	2017
Local de lançamento e Idioma original	Estados Unidos da América, inglês
Duração	1h 43 min
Direção	Ritesh Batra

O filme *Nossas Noites* aborda a história de dois vizinhos que vivem no interior dos Estados Unidos, Addie Moore, interpretada por Jane Fonda, e Louis Waters, interpretado por Robert Redford. O filme começa em uma noite em que Addie bate na porta de Louis e diz que tem uma proposta para ele, ela diz que não é casamento, mas que tem uma relação com isso, ela, então, o convida para dormir com ela, não como algo sexual, já que ela enfatiza que perdeu o interesse nisso há muito tempo, mas como uma companhia para as noites que ela diz serem o pior momento para ela, Louis concorda e começa a ir durante a noite para a casa dela.

Eles começam, então, a se encontrar todas as noites para conversar e dormirem juntos, um dia o filho de Addie, Gene, chega com seu neto, Jamie, e pede que ele passe um tempo com a avó pois ele está com problemas em casa, a relação de Addie e Louis se altera um pouco depois disso, mas eles continuam se encontrando e Louis mantém uma relação com Jamie.

Gene descobre que sua mãe dorme com Louis e se sente incomodado com isso, demonstrando que não está de acordo com essa nova relação e com essa "família de mentira" que ela tem, Addie sustenta que ele não tem que intervir nisso e continua se relacionando com Louis depois

que Gene leva Jamie para embora. Depois que eles se vão, Addie e Louis vão para um hotel e tem uma relação sexual propriamente dita.

O filme se encerra com o pedido de Gene de que sua mãe vai morar com ele para não ficar mais sozinha e poder cuidar do neto, muito embora Addie tenha dito não estar sozinha pois tinha a companhia de Louis, ela aceita ir morar com o filho e não permite que Louis vá junto. Após um tempo distantes, Louis envia um celular para Addie, assim eles podem continuar conversando e apaziguando o sofrimento que ambos têm durante as noites.

### **Análise Crítica**

A velhice muitas vezes é vista como um momento solitário da vida, principalmente para aqueles que perderam os seus cônjuges (PAPALIA; OLDS; FELDMAN, 2001) ou uma fase de uma vida que está terminando e que há uma liberdade nos velhos, mas que esta não consegue ser exercida por questões sociais e biológicas. (BEAUVOIR, 2018). O filme *Nossas Noites* aborda essas temáticas, mostrando uma parte da vida de Louis e Addie e se utiliza de uma direção de filmagem mais lenta e calma, na tentativa de passar ao máximo ao espectador a sensação de estar vivendo a velhice junto daqueles personagens.

A análise se dará, então, em torno da relação construída entre os dois personagens principais e o modo como essa relação afetou suas construções e como a relação com os familiares e os amigos afetou a própria relação entre eles, focando o percurso cheio de possibilidades que cada personagem tem.

A relação dos dois personagens se inicia a partir do pedido de Addie, que a princípio diz não ter interesse sexual. Essa visão casa com a limitação do que se entende como sexual, como o próprio ato de coito, mas Addie traz que



gostaria de manter uma conversa e uma relação à noite para que possa dormir. Tem-se, então, uma relação ligada ao prazer, aspecto focado quando se fala em sexualidade (SOLIS; MEDEIROS, 2002), como uma dimensão não fisiológica, mas que dá sentido e significado à existência humana (VIEIRA; MIRANDA; COUTINHO, 2012).

Esse processo, que para os personagens não tem nada de sexual, marca, na verdade, uma expressão de suas próprias sexualidades, que ficou “adormecida” ao serem isolados devido às contínuas perdas de suas vidas, pois ambos são viúvos que não moram mais com os filhos e mantêm poucas relações com seus pares.

Essas perdas marcam muito a velhice como um todo, de modo que após a perda de um parceiro geralmente o que se segue é a própria morte da pessoa ou uma solidão profunda que acaba com as relações e a rotina (PAPALIA; OLDS; FELDMAN, 2001). No filme, tem-se demarcado isso de forma muito forte, Addie não consegue dormir e sente que precisa ter uma companhia, enquanto Louis mesmo mantendo uma roda de café não se sente integrado a ela e tem um semblante cansado e apático.

Esses relacionamentos longos que marcam a vida dos personagens são expressos até mesmo em seus discursos, no decorrer dos primeiros encontros os personagens ao falarem de si mesmo não utilizam a primeira pessoa do singular, eu, usa-se muito a primeira do plural, o nós, enfocando a relação anterior que ainda se mantém viva e que ainda mantém um luto.

Eles se mostram como sujeitos isolados do mundo, algo que afeta todas as reações que eles podem manter com sigio mesmo e com o outro, impactando tanto em sua autoestima quanto em seus envolvimento sociais (ALMEIDA; LOURENÇO, 2008). Ao começarem a dormir juntos, então, os personagens passam por alterações e começam a

compartilhar coisas, descobrindo novamente sua capacidade de desejar, uma possibilidade em si e no outro.

Nas primeiras noites, Louis chega pela porta dos fundos, diz que prefere assim, pois não quer que os vizinhos comentem sobre o que eles estão fazendo, após uma conversa em que Addie diz porque escolheu ele, ela traz, então, que sempre pensou nele como um homem bom e ele diz que sempre pensou nela como alguém séria e de caráter. Além disso, Addie diz que Louis deve entrar pela porta da frente na próxima vez, ele contesta e diz que fica preocupado com o que os vizinhos vão pensar, ela demonstra que não se importa com o que os vizinhos vão falar, que sempre se preocupou com as opiniões dos outros ao longo de sua vida e não se preocupa mais.

Nessa conversa acerca da visão que pode existir dos vizinhos para com eles, percebe-se um papel que Louis criou para ele, um papel que envolve o olhar do outro sobre seus atos, mas que demonstra, também, que o que ele está fazendo pode ser errado, algo imoral, um relacionamento que pode, e será, julgado como indecente, ainda que ele se sinta bem com isso. Addie, por outro lado, parece conceber que o que importa são seus sentimentos relativos a essa relação nascente, abandonando de certo modo o papel colocado sobre ela pelo outro, e focando em seu próprio caminho.

Esse julgamento moral por parte da cultura existe, a sociedade não se prepara para entender que a sexualidade na velhice não se extingue, de modo que o idoso passa a ser encarado como um ser ultrapassado, no qual não podem existir manifestações sexuais (SOLIS; MEDEIROS, 2002), a antecipação do julgamento que Louis demonstra vai no encontro desta visão, como se não fosse possível eles se relacionarem e por estarem fazendo isso iriam ser encarados como ridículos. Impõe-se a esse idoso uma falta de desejo, uma falta de excitabilidade que resulta numa vivência sexual

permeada pela culpa e pela vergonha (SOLIS; MEDEIROS, 2002).

Um pouco mais à frente no filme, quando Louis começa a aparecer pela entrada principal, ele vai tomar um café com os amigos e estes fazem comentários de cunho sexual julgando sua relação com Addie, perguntando para ele se suas costas ainda estão boas para isso. Nessa cena tem-se evidente o enfoque dado à dimensão fisiológica das relações, de modo que os amigos estão colocando que talvez o limitador de sua relação com Addie seja um problema de saúde decorrente de seu envelhecimento, como se não fosse mais possível sustentar uma relação com antigamente devido à sua idade. Essa ideia está ligada a estudos de que homens mais velhos têm uma tendência maior a ter disfunção erétil, além de estereótipos de que pessoas velhas não tem energia ou são pessoas que não tem interesse em sexo (DEBERT; BRIGEIRO, 2012; CHEW *et al.*, 2009).

Essa premissa, no entanto, é falsa, mesmo com as limitações físicas que podem ocorrer devido à idade ou a algum problema de saúde, as relações não são limitadas ao coito propriamente, podendo ter expressões de carinho, companheirismo e intimidade (VIEIRA; MIRANDA; COUTINHO, 2012; DEBERT; BRIGEIRO, 2012), algo que é evidenciado na fala de Addie como algo que ela sente falta.

Em um momento do filme, Gene traz seu filho para que Addie cuide dele, pois ele precisava arrumar sua vida após a esposa o deixar. O ato de Gene, reflete a não consideração dos planos que Addie poderia estar fazendo naquele momento, de modo que a chegada do neto poderia ter sido o fim da relação com Louis, mas Addie diz que eles ainda podiam continuar se encontrando e coloca Jamie na vida de Louis e eles conseguem manter uma boa relação.

Tem-se aqui, por parte do filho, a clássica visão da avó como cuidadora. Ao não se perguntar se sua mãe estava disponível e não tinha outros planos, ele assume que o papel

dela é esse, algo recorrente na vida dos idosos (ALMEIDA; LOURENÇO, 2008), ignora-se que esse idoso é um sujeito com uma vida e vontades, assumindo que ele está ali apenas para isso.

A chegada de Jamie muda então a interação que Louis e Addie tinham anteriormente. Partem para uma relação familiar entre os três, chegando até a viajarem juntos, porém quando eles chegam de volta da viagem, Gene está esperando por sua mãe e encontra ela e seu filho com o Louis. Tal fato o leva a ter uma conversa com Addie sobre o passado de Louis e de que não quer ver sua mãe tendo uma relação com esse tipo de homem.

Em seguida, Louis e Addie fazem uma viagem a um hotel, no qual tem-se uma cena dos dois dançando no salão, em que pela primeira vez é mostrado no filme um toque mais aproximado e íntimo, após a dança eles acabam indo para o quarto e fazem sexo, assim, pode ser visto uma mudança de relação de só dormir, para uma relação amorosa/afetiva entre os personagens.

O ato sexual que ocorre nessa fase do filme pode ser entendido como o ponto de virada na forma como os personagens se concebem. No início do filme, ao fazer a proposta a Louis, Addie diz que já perdeu o interesse em sexo tem muito tempo, mas o desenrolar da relação demonstra para ambos que isso ainda é possível, que o desejo estava lá apenas tamponado por um caminho ao qual eles não queriam trilhar. Esse momento demonstra que, como coloca Urquiza et al. (2008):

As vivências sexuais, independente da idade, proporcionam ao casal a possibilidade de realização pessoal, refletindo a intimidade e a cumplicidade, enriquecendo as relações humanas. Assim sendo, a sexualidade na velhice é fisiologicamente possível, emocional e afetivamente enriquecedora, fortalecendo a importância do carinho, do

apego, da comunicação e do companheirismo e do cuidado mútuo (*apud* VIEIRA; MIRANDA; COUTINHO, 2012, p. 125).

Após esse acontecimento, Addie visita Louis para avisar que irá se mudar para morar com seu filho e neto e pede para Louis que não a acompanhe nessa decisão, então cada personagem toma seu próprio caminho, Louis voltando a realizar quadros artísticos que sempre sonhou e Addie sendo mais presente para sua família.

Louis decide enviar para Addie o trem que Jamie brincou durante as férias que passaram juntos, juntamente com esse trem ele colocou um smartphone para manter contato com Addie. A cena final do filme são ambos conversando por telefone de como as noites desde que eles se separam estão sendo difíceis e que carregam um sentimento de solidão.

A inserção da tecnologia no relacionamento desses personagens na velhice passa a ideia de que a relação deles passou por uma transição, alterando-se entre as relações antigas para a relação moderna, se relacionando agora à distância por meio da internet. Há estudos com idosos em que foi possível verificar que há uma diminuição do sentimento de solidão quando eles usam a tecnologia para se comunicarem com outras pessoas (PENIDO; TELES, 2019), dando a entender, então, que tal ligação na cena final ajuda os dois a se sentirem menos solitários.

## **Considerações Finais**

O envelhecimento é geralmente carregado de estereótipos sociais que não conseguem conceber o idoso como um ser que deseja e pode se manter ativo e bem nessa fase, embora errônea, essa visão traz muitas consequências para esse grupo, afetando seu corpo e sua psique, de modo que pode se tornar inviável a realização de qualquer

atividade à que eles se proponham. É importante que se perceba e se altera o papel que dá-se ao idoso, de maneira que seja possível permitir a este que construa seu próprio modo de envelhecer, seu caminho singular baseado em seus próprios materiais, tendo a velhice não como um momento imóvel baseado na espera, mas como um constante movimento que permite novos estados.

O filme, como um todo, demonstra esse movimento, através do estabelecimento de uma relação possível e frutífera na velhice, ele traz que a construção dos personagens depende apenas no reconhecimento, por parte deles e dos familiares, de que é possível se relacionar e amar novamente, não sendo a velhice apenas uma idade na qual o idoso aposentado aguarda a morte em silêncio e sozinho em sua casa. Louis consegue retomar projetos que estavam parados há anos, voltando a pintar, Addie consegue ressignificar sua relação com seu filho e encontra em Louis um parceiro que vive e divide a vida em com ela. O filme mostra, de forma reflexiva e até mesmo educativa, que é possível viver de forma alegre, leve e saudável a velhice, embora com um enfoque em uma relação afetiva heterossexual, é uma obra que pode transpor isso e demonstra a importância dos laços nessa fase da vida, laços esses que são permeados pela sexualidade e que permitem a obtenção de prazer mesmo quando a sociedade tende a entender que isso não é possível.

Beauvoir (2018, p. 495) traz que “Assim como a criança não é um homem inacabado, o velho não seria um adulto mutilado, mas um indivíduo completo, que vive uma experiência original”, essa frase resume bem o movimento de completude a que temos que pensar o idoso, como aquele capaz de descobrir seus próprios gostos e prazeres.

## Referências

ALMEIDA, T.; LOURENÇO, M. L. Amor e sexualidade na velhice: direito nem sempre respeitado. **Revista Brasileira de Ciências do Envelhecimento Humano**, v. 5, n. 1, 6 set. 2008.

BEAUVOIR, S. de. **A velhice**. 3. ed. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 2018.

CARDOSO, J. Sexualidade e envelhecimento. **Sexualidade & Planejamento Familiar**. n.38, 39. jan/dez, 2004.

CHEW, K-K; BREMNER, A. B.; STUCKEY, B.; EARLE, C.; JAMROZIK, K. Sex life after 65: how does erectile dysfunction affect ageing and elderly men?. **Journal The Aging Male**. p. 41-46, jun/set, 2009.

DEBERT, G.; BRIGEIRO, M. Fronteira de gênero e a sexualidade na velhice. **Revista Brasileira de Ciências Sociais**, v. 27, n. 80, out. 2012.

KAUFMANN, P. **Dicionário enciclopédico de psicanálise o legado de Freud e Lacan**. Rio de Janeiro: Zahar, 1996.

MUCIDA, Â. **O sujeito não envelhece: psicanálise e velhice**. 2. ed. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2019.

PAPALIA, D. E.; OLDS, S. W.; FELDMAN, R. D. **Desenvolvimento humano**. 8. ed. Porto Alegre: ARTMED EDITORA, 2001.

PENIDO, M. A.; TELES, K. Solidão e o uso da internet. In: NUNAN, A.; PENIDO, M. A. (org). **Relacionamentos Amorosos na era Digital**. São Paulo: Editora dos Editores, 2019. p. 125-137.

SOLIS, V. O.; MEDEIROS, M. P. Sexualidade na velhice. **Disciplinar Scientia** v. 3, n. 1, p. 165-180, 2002 Disponível em: <<https://periodicos.ufn.edu.br/index.php/disciplinarumS/article/view/864>>. Acesso em: 10 mar. 2022.

VIEIRA, K. F. L.; MIRANDA, R. S.; COUTINHO, M. P. L. Sexualidade na velhice: um estudo de representações sociais. **Psicologia e Saber Social**, [S.l.], v. 1, n. 1, p. 120-128,

jun. 2012. ISSN 2238-779X. Disponível em: <<https://www.e-publicacoes.uerj.br/index.php/psi-sabersocial/article/view/3250>>. Acesso em: 10 mar. 2022.





## Capítulo 9

# **SHIVA BABY: UM OLHAR PARA AS QUESTÕES DE GÊNERO E SEXUALIDADE A PARTIR DA ANÁLISE DO COMPORTAMENTO**

Emilyn de Oliveira Silva  
Fernanda Pinto Freire

### **Introdução**

A análise do comportamento é a ciência que possui como filosofia o behaviorismo radical. Para explicar aspectos do comportamento humano, essa ciência estuda as práticas culturais apoiando-se em sua filosofia. Ao discursar sobre o comportamento, Skinner (1974) apresenta sua concepção de controle, compreendida na interação entre indivíduo e ambiente. O produto dessa interação é um indivíduo capaz de modificar o ambiente enquanto é também modificado pelas consequências de seu comportamento. Isso posto, o comportamento humano é controlado pelo ambiente, e ao mesmo tempo é também uma forma de controle, pois, o organismo age para controlar o mundo ao seu redor e para controlar-se a si mesmo. Dentro dessa compreensão, os comportamentos são selecionados em três níveis, o filogenético, o ontogenético e o cultural.

Skinner (1974) apresenta que em certas situações os indivíduos exercem um controle poderoso e, muitas vezes, maléfico. Nessas ocasiões, tal controle costuma reforçar de forma muito eficaz o comportamento daqueles que o exercem e, via de regra, é imediatamente aversivo para aqueles que são controlados ou explorados a longo prazo. Os que são assim controlados passam a agir a fim de

enfraquecer ou encerrar o poder controlador, isto é, o sujeito controlado se opõe ao controle com contracontrole. Por meio do contracontrole, é possível atingir uma situação na qual as forças opostas se equilibram, pelo menos temporariamente, mas raras vezes o resultado constitui a solução ideal.

Uma dessas manifestações de controle na sociedade pode ser vista por meio de comportamentos preconceituosos, os quais, de modo geral, são dirigidos a minorias. Para a psicologia social, o preconceito configura-se por comportamentos negativos direcionados a grupos ou indivíduos que são decorrentes de pré-julgamentos a eles atribuídos. Nesse sentido, o ele pode se manifestar das mais diversas formas, sendo uma delas, por meio da homofobia, ou seja, preconceito atribuído tanto aos homossexuais quanto àqueles que não se enquadram na norma heterossexual (SOUZA; FRANÇA, 2017). De acordo com Fazzano e Galo (2015), a homofobia também pode ser abarcada a partir de uma perspectiva analítico comportamental. Essa abordagem compreende a homofobia enquanto um grupo de comportamentos complexos com diversas topografias, que englobam o comportamento operante e as respostas emocionais envolvidas, as quais decorrem das diversas formas de agressão dirigida ao conglomerado de pessoas que destoam da heterossexualidade. Vale dizer que tal violência não se restringe ao nível físico, atingindo, também, ao psicológico.

De acordo com esses autores, a homofobia pode ser concebida como um comportamento operante ao passo que decorre de uma aprendizagem construída ao longo da vida, podendo estar intimamente ligada ao contato que o sujeito teve com religiões mais tradicionais e rígidas. Além disso, outro fator influente para ser considerado como operante advém da sua seleção e manutenção por consequências. Dessa forma, esse fenômeno pode ser diretamente

relacionado ao conceito de controle aversivo. A emissão de um comportamento considerado homofóbico diante da presença de uma pessoa LGBTQI+ tem uma probabilidade maior de ocorrência ao passo que ela adquire a função de estímulo aversivo por condicionamento. Assim, a partir da emissão de uma resposta agressiva, de homofobia, que remova o aversivo, é reforçada negativamente, aumentando a probabilidade de sua ocorrência. Por outro lado, indo para além do controle aversivo, a agressão ou respostas LGBTQI+ fóbicas, podem também ser reforçada positivamente, por meio de reforçadores sociais, principalmente no que compete à comunidade verbal, aumentando também a probabilidade de sua emissão (FAZZANO; GALLO, 2015; MUSSI; MALERBI, 2020).

É essa comunidade verbal que Mallot (1996) aponta como sendo uma das responsáveis por criar essa ideia de adequação associada à heterossexualidade e inadequação aos destoantes dessa norma. Para o autor, não fomos preparados biologicamente para compreendermos o sexo não reprodutivo como sendo aversivo, desprovido de propriedades reforçadoras. Pelo contrário, aparentemente, os sujeitos estão dispostos a achar reforçadora qualquer fonte de estimulação sexual. Assim, se é para restringir o comportamento sexual dos indivíduos em função da procriação, necessita-se parear as estimulações não reprodutivas com estímulos aversivos, atribuindo-lhes um caráter intrinsecamente negativo. Isso pode ser feito por meio de repressões físicas ou verbais, imperadas socialmente, como é no caso da religião.

A comunidade verbal também opera definindo o que é considerado adequado para os comportamentos de homens e mulheres. Existem diferenças significativas para as expectativas sociais quanto aos atributos e características que homens e mulheres supostamente devem apresentar enquanto categoria. O fundamento para os padrões de

comportamento desejados está nas relações de gênero. O gênero é construído nas relações sociais. Por meio delas, determinados modos de ser são associados a papéis delegados aos homens e uma outra construção é mandatória para as mulheres. Partindo da produção social e cultural dessas diferenças, compreende-se que, embora o modo de se situar e viver embutido nos papéis seja naturalizado para ambos os gêneros, trata-se de uma criação nas estruturas sociais, produto de uma maneira contemporânea de organizar as condutas, e que portanto, reside na interação social (DIAS; MACHADO, 2008; ROSENDO; NOGUEIRA, 2020; SAFFIOTI, 1992).

O gênero é uma sinalização que indica quais os comportamentos a serem adquiridos e mantidos. Para os homens é incubida a autoridade, tolerada a agressividade e esperadas as competências relacionadas ao mundo do trabalho. Já as mulheres devem manifestar docilidade, sensibilidade e cuidado aos outros e às tarefas domésticas, têm a responsabilidade social de ser mãe e ser esposa. Nesse constructo o gênero masculino detém uma posição de dominância e o gênero feminino é preservado na subalternidade (DIAS; MACHADO, 2008; ROSENDO; NOGUEIRA, 2020; SAFFIOTI, 1992).

Saffioti (1992) distingue a conceituação de gênero da mera binaridade de sexos ao colocar que, para além dos fatores biológicos, está posta a demanda pela expressão e incorporação de papéis, sendo que os humanos definem seu gênero a partir dos termos que foram disponibilizados socialmente pela comunidade verbal e em oposição a outra categoria. A autora defende o carácter cultural e não natural de gênero e sexo, pois o gênero é um modo de existir em um corpo e esse corpo já ao nascer está sujeito a um conjunto de arranjos de atividades humanas construído nas relações sociais, relações essas que colocam o homem em posição de dominador e explorador da mulher.

Do mesmo modo, Ruiz (1998 *apud* DE GODOY NICOLODI; HUNZIKER, 2021) refuta o caráter natural das diferenças que apresentam os gêneros masculino e feminino. São as práticas culturais que carregam as categorias verbais socialmente construídas e exercem controle sobre os comportamentos que devem ser aprendidos por cada gênero. Nesse sentido, o ambiente social produz consequências diferenciais com base no gênero da pessoa que emite os comportamentos. Os padrões tidos como naturais são na verdade aprendidos e modelados no processo de socialização e por esse motivo precisam ser criteriosamente analisados.

As diferenças construídas para os gêneros limitam as escolhas que podem ser feitas pelas mulheres, para os homens, por outra via, está disponível um ambiente que favorece o acesso a reforçadores, bem como o desenvolvimento de repertórios. O papel atribuído à mulher é limitado e reduz a probabilidade de se emitir respostas de contracontrole que venham a interferir na relação de opressão, mantendo o seguimento de regras nas quais a função da mulher permanece inalterada. (DE GODOY; HUNZIKER, 2021).

### Material Analisado

Tipo de Material	Filme
Título Original	<i>Shiva Baby</i>
Nome Traduzido	Não há
Gênero	Comédia
Ano	2020
Local de lançamento e Idioma original	EUA e Canadá, Inglês
Duração	1h18 min
Direção	Emma Seligman

*Shiva Baby* é um filme que retrata a história de Danielle, uma jovem de família judia que comparece a um Shivá, cerimônia religiosa que acontece no período de luto após o enterro de um ente. Nessa reunião, a garota acaba se reencontrando com familiares e amigos contra sua vontade, os quais passam o filme todo constrangendo-a, criticando sua aparência, saúde e estudos, além de cobrarem-na de ter um namorado e sucesso profissional. Além disso, Danielle se depara com duas pessoas inesperadas: Maya, sua ex-namorada, e Max, seu *sugar daddy*. Diante desse cenário, a protagonista se vê diante de um grande constrangimento, pois precisa esconder de seus familiares esses envolvimento de sua vida privada.

Logo quando chegam ao Shivá, a mãe de Danielle, Debbie, solicita que sua filha não se aproxime de Maya, a fim de prevenir qualquer envolvimento entre elas, uma vez que o relacionamento entre mulheres não é aceito por ela e nem seria bem visto pela comunidade judaica ali presente. Ao encontro dessa ideia, a mãe de Maya também as vigia, esforçando-se para que mantenham-se distantes durante todo o Shivá, ainda que as garotas consigam se beijar escondido. Em meio a esse conflito de reencontrar sua ex, Max surge e é bajulado por todos, em função de ser um homem bonito e bem sucedido. Quando ficam face a face, precisam arrumar desculpas aos familiares para justificarem de onde se conhecem e acabam mentindo. Ao desenrolar da conversa, Max acaba descobrindo mentiras sobre a vida de Danielle, como o fato de ela, na realidade, não cursar direito e se intitular como babá. Concomitante a isso, a mãe de Danielle já nota o interesse da filha no rapaz e já sinaliza que ela não deve se envolver com ele pois ele era casado e tinha um bebê, informações que Danielle não possuía, uma vez que se encontravam para transar em uma casa que aparentava ser apenas dele.

Ainda impactada ao saber que seu *sugar daddy* possuía uma família, a esposa, Kim, e a bebê chegam àquele encontro, trazendo mais dificuldades para Danielle conciliar o evento religioso, sua família e seus segredos. A partir disso, Danielle passa a rivalizar com Kim, uma linda empresária que é exaltada por todos, tanto em função de sua beleza quanto de seu sucesso profissional, itens contrários a tudo aquilo que enxergavam nela. Essa “ameaça” causada pela esposa faz com que Danielle siga a trama tentando seduzir Max, ao mesmo tempo que investiga sobre aquele relacionamento para entender como é a real vida de seu *sugar daddy*.

Em meio a isso, Kim começa a perceber comportamentos estranhos na jovem garota e repara que ela usa o mesmo bracelete caro que seu marido havia lhe presenteado, gerando desconfianças sobre o envolvimento dos dois. Essa suposição se torna concreta quando Kim acha o celular de Danielle no banheiro e visualiza seus nudes e conversas trocadas com Max, os quais Maya também teve acesso. Nesse momento final da trama, o Shivá vira uma grande confusão, em que os personagens principais sabem sobre os segredos sexuais e as traições envolvidas ali, gerando uma grande ira. Entretanto, não há uma solução para o problema, pois tratam todos os acontecimentos de forma velada.

## **Análise Crítica**

### ***Relações de Gênero: a socialização sexista***

Durante o filme, Danielle é submetida a uma série de situações embaraçosas. Ela encontra seus pais ao chegar no local do shivá e combina com eles o que diriam, já antevendo que seriam questionados a respeito de suas perspectivas profissionais. Então, acordam em dizer que Danielle está terminando suas provas e tem algumas entrevistas de



emprego marcadas. Não demora muito para que a pergunta que a família antecipou apareça, fica evidente a desvalorização de sua escolha profissional, já que Danielle tem interesse em mídias e estuda administração de gênero, um curso pouco convencional. Esse descontentamento fica mais explícito quando seu pai diz: *“Feminismo não é bem o que eu chamo de carreira...”*.

Outros questionamentos constrangedores são feitos para a garota, principalmente pelas personagens coadjuvantes mulheres, senhoras que indagam se Danielle tem um namorado, se pretende fazer pós-graduação, com o que ela vai trabalhar e inserem expectativas que a jovem se sente obrigada a atender, ainda que não sejam compatíveis com seus gostos e objetivos particulares. Em um contexto em que todos sabem sobre a vida de todos, as senhoras também hipotetizam a respeito da relação de Danielle com a alimentação, comentam sobre seu emagrecimento, tocam sua cintura, quadril e rosto, emitindo comentários sobre sua aparência.

Percebe-se uma série de pressões e tentativas de enquadrar Danielle nas expectativas sociais para o seu gênero. A produção do filme envolve o telespectador nos sentimentos de sufocamento de Danielle que transita presa dentro da casa lotada e utilizam de outros recursos, como a câmera focada no rosto e a trilha sonora que denota a tensão. O que as coadjuvantes e a própria mãe demandam de Danielle é que a jovem ateste que atende o que foi designado socialmente como papel da mulher, por isso, o tempo todo, remetem às regras que devem reger seu comportamento e indicam quais são as respostas que a jovem deve emitir para receber reforçamento de sua comunidade verbal (DIAS; MACHADO, 2008).

Outras cenas do filme apontam para a necessidade imposta à Danielle em atender os valores sociais refletindo-os em suas ações, práticas que são selecionadas no nível cultural. Skinner (1974) apresenta que uma forma comum de

controle no contato interpessoal é a aprovação. Essa forma de controle se estabelece quando são arrançadas contingências em que o encorajamento é um reforço interrompido se as respostas corretas e desejáveis não são observadas. É possível que Danielle se comporte sob controle dessas regras. Ao longo do filme ela se oferece para limpar o chão, recolher cadeiras, servir alimento e com isso, escapa de situações embaraçosas e assuntos desconfortáveis, ademais, recebe elogios e ouve sobre como ela é uma menina boazinha e gentil. Nota-se que ao se comportar dessa maneira, Danielle atende a regra do patriarcado descrita por Rosendo e Nogueira (2020), uma vez que cumpre com a obrigação de executar tarefas domésticas. Essas contingências, segundo De Godoy e Hunziker (2021), são tão intrínsecas e naturalizadas que até mesmo mulheres reforçam e mantêm padrões que favorecem o patriarcado.

A manutenção do patriarcado e dominação do gênero masculino sobre o feminino também transparece na relação de Danielle com Max, seu Sugar Daddy. A primeira interação entre os dois no filme conta com uma série de perguntas feitas por Max, ele questiona se Danielle vai encontrar outro cliente e indaga como ela vai concluir o curso de direito – na verdade, quem estudará direito é Maya, não Danielle – se está ocupada transando com outros homens por aí, logo em seguida, entrega um presente para ela. Ao encontrar com Danielle no Shívá, Max usa das informações que obtém sobre a vida para reforçar a posição de poder que detém. Ao descobrir que para a família, Danielle se passa por babá, Max questiona com que frequência ela cuida dessas crianças e indaga se ela gosta desse trabalho. Nessa cena os pais de Danielle entregam que ela atende uma “única família”, pois só efetua um depósito por mês em sua conta bancária, Max reage a esse comentário com expressões que denunciam sua

satisfação. Ele também ri quando os pais expõem que ela nunca pagou contas e infantilizam a jovem.

Saffioti (1992) discorre sobre as relações de poder nas relações de gênero em que a dominação não significa total esmagamento da pessoa que ocupa o pólo de exploração. Danielle exibe inúmeros comportamentos que possuem como função tentativas de contra controlar a opressão de Max, tanto quando o leva acreditar que não gosta dele contrapondo suas afirmações, como quando se engaja em comportamentos de sedução, bem como quando favorece a desconfiança que a esposa de Max, Kim, apresenta. Mais tarde, Danielle revela para Maya que escolheu ser Sugar Baby porque era fácil e sentia-se empoderada e apreciada. Entretanto, o poderio de Danielle é claramente desmontado quando seus papéis sexuais mesclam com os papéis que precisa manter para sua comunidade sufocante.

### ***Bissexualidade e heteronormatividade***

Danielle, assim que chega ao Shívá, avista Maya e prontamente é interrompida por sua mãe, Debbie, a qual ordena para se manter afastada da garota. Nesse momento da trama, apesar de não ficar explícito se elas são ex-namoradas, pode-se hipotetizar que ambas já tiveram um relacionamento, ao passo que a mãe diz à Danielle que deve agradecê-la por ter “a mente aberta”. Em sequência, a jovem responde ironicamente que deve beijar o chão que a mãe pisa por não expulsá-la de casa. Tendo ainda poucos elementos que configurem essa relação homossexual vivida entre elas, o filme já indica a realidade de quem vivencia relacionamentos homoafetivos. É frequente que famílias, ao possuírem uma visão preconceituosa, expulsem seus filhos de casa a fim de fugir ou se esquivar de uma situação considerada aversiva. A partir dessa resposta, interrompe-se a contingência e há remoção do estímulo que está gerando

subprodutos emocionais negativos. Nesse sentido, Mussi e Malerbi (2020 *apud* BERKE; REIDY; ZEICHNER, 2018) apontam que a população LGBTQI+ tem sido submetida a contingências aversivas, em decorrência das regras estabelecidas pela heteronormatividade. Como exemplo disso, tem-se o assédio moral, bullying e, inclusive, o abandono familiar, itens os quais podem gerar subprodutos emocionais como angústia, isolamento e tristeza.

Apesar da contraindicação da mãe, Danielle vai se aproximando de Maya no funeral gradativamente. No começo, é perceptível o estranhamento entre elas, mas ao longo do filme, as personagens vão se aproximando e revelando ao telespectador mais claramente o envolvimento amoroso e sexual que aconteceu entre as duas no passado. Além das interações verbais estabelecidas, houve uma aproximação física entre elas, que sinalizaram para a mãe de Danielle que ali poderia ocorrer novamente um contato sexual entre sua filha e Maya. Por conseguinte, a fim de evitar que esse aversivo ocorra, Debbie se comporta de maneira a interromper um contexto favorável àquele envolvimento que, nesse caso, era o de estarem em um ambiente sozinhas. Assim, ela vai de encontro as duas e puxa Danielle, dizendo que o comportamento dela é completamente inaceitável, pois está flertando com todos (tendo em vista que ela já havia se mostrado interessada pelo Max também).

Nesse momento da trama podemos refletir que essa preocupação excessiva e intervenção mais abrupta da mãe não tem só a ver com o fato de ela estar flertando, mas sim, de estar flertando com uma garota. Para além das questões tangíveis à intolerância de um relacionamento homossexual, o ambiente que estavam inseridas era composto por pessoas que compartilhavam da fé judaica. Nesse sentido, a religião impõe certas regras e limites para a vida sexual de seus componentes, principalmente à homossexualidade. Como

visto em Fazzano e Gallo (2015) e em Mallot (1996), os preceitos dispostos na religião interditam e interceptam a vida dos sujeitos de maneira a gerar punidores contingentes a seus comportamentos considerados destoantes.

No caso de Danielle, a intervenção de sua mãe além de diminuir a probabilidade de sua emissão de comportamentos “inadequados”, ainda é reforçado socialmente, pois para todos ali presentes, esse é o ideal a ser seguido. Para a mãe, o ganho de emitir essa resposta é de se esquivar de críticas religiosas tanto dirigidas à sua filha quanto à maneira como cria e transmite os valores judaicos à sua família. Entretanto, esse controle exercido por Debbie não foi o suficiente para extinguir o comportamento de Danielle de se manter próxima à Maya, que exerceu um contracontrole, mantendo o contato com sua ex. Na primeira oportunidade que têm de estarem realmente sozinhas, do lado de fora da casa onde ocorria o Shivá, falam sobre seus sentimentos, da saudade que sentem e acabam se beijando.

Ainda nessa cena que Debbie enfrenta Danielle, Debbie retoma o pedido de que ela se mantenha afastada de Maya e complementa dizendo:

*Maya: Pensei que tinha parado de experimentar.*

*Danielle: Acha que ser bissexual é uma fase?*

Retrata-se, então, uma face do preconceito que encara as experiências homossexuais como sendo apenas uma experimentação do mesmo gênero, algo transitório, apenas para ser conhecido e abandonado. Mais especificamente no caso de Danielle, que se define como bissexual, esse estigma é enfatizado, uma vez que existe um ideário sobre ela ser algo ilegítimo, confuso e oscilante (ALBERTO, 2018). Essa temática reaparece em uma conversa com Kim, mulher de Max, em que ela questiona se Danielle possuía um namorado, ou uma

namorada. Ela fora a única pessoa daquele ambiente a se interessar pelo status amoroso dela cogitando a possibilidade de ela possuir relações homossexuais. O interessante é o fato de que ela é a única pessoa não judia daquele ambiente e, provavelmente, seu comportamento não estava sob o controle de regras religiosas. Diante dessa pergunta, prontamente a mãe e a tia se superpõem a ela, sendo irônicas ao repetir a palavra “namorada” e Debbie complementa: “*Ela é experimentada mas...*”.

Sem completar a frase, mas em tom de deboche, novamente a família de Danielle renega as suas relações homoafetivas, encarando-as como uma mera experimentação que não deve permear sua vida. Assim como em outros momentos do filme, é visível que as pessoas em torno de Danielle realizam comentários expositivos e depreciativos sobre ela, a partir de uma base heteronormativa. Diferente de Kim, a família da garota se mostra excessivamente insistente ao perguntar para ela se ela possui um namorado, atribuindo uma grande necessidade ao estabelecimento de relações amorosas, sendo elas necessariamente estabelecidas com um homem. Toda vez que a resposta negativa aparecia, a consolavam, dizendo que ainda acharia um marido, como se esse fato fosse uma grande perda para ela enquanto mulher, menosprezando sua condição de solteira. Como visto em Fazzano e Gallo (2015), o controle aversivo encontrado na homofobia pode ocorrer a nível da violência psicológica, termo o qual eles definem ao citarem outros autores como sendo caracterizado por ações que e negligenciam, menosprezam, humilham, ridicularizam o indivíduo, as quais promovem prejuízo aos sujeitos no que compete a sua autoestima, individualidade socialização e moral.

## Considerações Finais

Apesar de *Shiva Baby* ser um filme que se enquadra dentro de uma categoria de comédia, a sua temática e suas representações cênicas estão para além de um mero humor. Os conteúdos representados conseguem englobar questões de gênero, sexualidade e religião de forma muito autêntica, com certo sarcasmo e detalhes sutis que vão construindo as contradições contidas na vida de Danielle. A caracterização da protagonista ao invés de em direção à ascensão, como é típico na dramaturgia, vai se desmantelando ao passo que suas fragilidades e mentiras são expostas. Logo na primeira cena do filme, a imagem de Danielle fazendo um sexo performático com Max, leva o expectador a idealizar uma protagonista segura, confiante, decidida e livre sobre as escolhas e seu corpo. Entretanto, a transição do contexto sexual para o religioso é feita abruptamente e a protagonista, em poucos segundos, sai da função de sugar baby e passa a assumir o papel da garota judia dependente e obediente a seus pais. É a partir dessa ambiguidade construída sobre Danielle que o filme se respalda.

A protagonista, ao não atender às expectativas a ela atribuída e mostrando-se completamente fora dos padrões esperados, vai sendo gradativamente exposta a contingências aversivas, as quais também são capazes de incomodar o telespectador. Pelo fato do público ter tido acesso ao filme a partir da perspectiva de Danielle é possível visualizar como existe uma pressão atribuída a ela, tanto no que diz respeito a ela enquanto mulher, filha, judia e até mesmo profissional. *Shiva Baby* não é um filme que trabalha sobre pautas identitárias e padrões normativos de forma educativa, nem mesmo se propõe a desconstruir os preconceitos, mas sim, a envolver o telespectador nos embaraços da vida de Daniele que advêm da pressão familiar, religiosa e heteronormativa a ela atribuída.

A partir disso, leva-se o telespectador a uma posição de reflexão em como a sociedade, família e as regras interferem na vida do sujeito, desenvolvendo os mais diversos subprodutos emocionais negativos. Dentre as diversas contradições encontradas ao longo do filme, é possível detectá-las até mesmo nos papéis que Danielle toma para si – Sugar Baby – e os que rejeita – ser tratada como um bebê pela mãe. Além dessa, encontra-se, também, a oposição e concorrência que Danielle estabelece com Kim, a esposa de seu *sugar daddy*.

Danielle estuda administração de gênero, isto é, gênero como um negócio, ela também diz que o feminismo é a lente através da qual enxerga o mundo. Entretanto, em uma conversa com Maya, Danielle direciona adjetivos hostis para a Kim, classificando-a como genérica, esposa sem graça que não transa com o marido e insinua que sua carreira como empresária está sujeita a falência. Maya fica bem surpresa com os comentários e destaca o excesso de misoginia para quem se diz feminista. Nitidamente Kim figura para Danielle a manifestação dos papéis que são continuamente empurrados para ela: mãe, esposa e executiva. As interações entre ambas as personagens são sempre desconfortáveis e tem o ápice final em uma cena em que Kim obriga Danielle a segurar sua bebê no colo, ainda que Danielle rejeite insistentemente e demonstre falta de jeito ao segurar a criança.

Em última análise, Danielle se vê encurralada, literalmente, contra a parede. Apesar de se esforçar para manter as aparências e convencer a comunidade em que está inserida de que ela é quem esperam que ela seja, a personagem é desmontada ao longo do filme. Não só por comentários, mas simbolicamente, seu figurino é também desmanchado. Danielle se fere em um prego, rasga a meia calça, tem sua roupa branca manchada de café, seus cabelos são despenteados e bagunçados e termina com a maquiagem toda borrada depois de chorar na frente de todos. Por fim, a personagem se



despede do telespectador, com um meio sorriso no rosto, segurando a mão de Maya no carro ao ir embora. Parece que, apesar do incômodo que tenha sido ter sua imagem desorganizada, Danielle vive certa liberdade por ter se desprendido, ao menos temporariamente, da imagem que tanto se esforçou para manter.

## Referências

- ALBERTO, J. A. **Bissexualidade (s): Crenças e opiniões**. 2018. Dissertação (Mestrado em Psicologia da Educação). Universidade de Évora, Portugal. 96 folhas, 2018.
- DE GODOY NICOLODI, L.; HUNZIKER, M. H. L. O patriarcado sob a ótica analítico-comportamental: considerações iniciais. **Revista Brasileira de Análise do Comportamento**, v. 17, n. 2, p. 164-175, 2021.
- DIAS, A. R. C.; MACHADO, C. Gênero e violência conjugal: Uma relação cultural. **Análise Psicológica**, v. 26, n. 4, p. 571-586, 2008.
- FAZZANO, L. H.; GALLO, A. E. Uma análise da homofobia sob a perspectiva da análise do comportamento. **Temas psicol.**, Ribeirão Preto, v. 23, n. 3, p. 535-545, set. 2015. Disponível em: <[http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci\\_arttext&pid=S1413-389X2015000300002&lng=pt&nrm=iso](http://pepsic.bvsalud.org/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S1413-389X2015000300002&lng=pt&nrm=iso)>. Acesso em: 13 mar. 2022.
- MALOTT, R. W. A behavior-analytic view of sexuality, transsexuality, homosexuality, and heterosexuality. **Behavior and Social Issues**, v. 6, n. 2, p. 127-140, 1996.
- MUSSI, S. V.; MALERBI, F. E. K. Revisão de estudos que empregaram intervenções afirmativas para LGBTQI+ sob uma perspectiva analítico-comportamental. **Revista Brasileira de Terapia Comportamental e Cognitiva**, v. 22, p.1-19 2020.

ROSENDO, A. P.; NOGUEIRA, C. de P. V. Feminismo e Análise do Comportamento: Contribuições de Maria R. Ruiz/ Feminism and Behavior Analysis: Contributions by Maria R. Ruiz. **Revista de Psicologia**, v. 14, n. 49, p. 458-477, 2020.

SAFFIOTI, H.I.B. "Rearticulando gênero e classe social". In: COSTA, A. de O. e BRUSCHINI, C. (orgs.). **Uma questão de gênero**. Rio de Janeiro, Editora Rosa dos Tempos, p.183-215, 1992.

SKINNER, F. B. **Sobre o Behaviorismo**. São Paulo, SP: Editora Cultrix, 1974.

SOUSA, K. O.; FRANÇA, D. X. Treinamento de habilidades sociais como combate à homofobia: um relato de experiência. **Scientia Plena**, v. 13, n. 5, p. 1-7, 2017.



## Capítulo 10

# COMO DEFENDER UM ASSASSINO: ANÁLISES A PARTIR DO RECORTE SEXUALIDADE, GÊNERO E RAÇA<sup>1</sup>

Carolina Busato Heiderich Okamoto  
Roger Lai

### Introdução

#### *O corpo negro enquanto signo*

Neste trabalho foi utilizado o conceito de corpo enquanto signo, que carrega em si significados, valores e representações sociais (NOGUEIRA, 2008). O corpo é depositário de sentidos e valores determinados pelas estruturas sociais e pertencentes à uma dada cultura e sociedade. Fez-se um recorte nesta análise, pois, visa-se discutir como a estrutura histórica e social condicionou o signo dos corpos negros.

O médico psiquiatra Franz Fanon (2008) em seu livro: “Pele negra, máscaras brancas” realiza importantes reflexões acerca de como o mundo europeu, branco, construiu sua autoimagem e como se diferenciou e marginalizou a população de cor preta. Poeticamente, ele os descreve como dois pólos, mantidos distantes entre si:

uma verdadeira concepção maniqueísta do mundo. (...) Sou branco, quer dizer que tenho para mim a beleza e a virtude, que nunca foram negras. Eu sou da cor do dia...

---

<sup>1</sup> A versão original desse trabalho teve a contribuição do autor Thiago Henrique Chanquini Francisco.

Se sou negro, realizo uma fusão total com o mundo, uma compreensão simpática com a terra, uma perda do meu eu no centro do cosmos (FANON, 2008, p. 56).

As tentativas de embranquecer a raça estavam na base dos pensamentos e políticas higienistas tanto na Europa quanto em países ex-colônias, que por séculos mantiveram a mesma estrutura em relação a população negra que havia sido escravizada. A dominação dos povos africanos os marcou e estigmatizou de tal forma que por séculos foram vistos como uma raça inferior. O negro sofreu tantas violências físicas, psicológicas e simbólicas ao longo da história que este foi forçado a não se reconhecer como tal, a repugnar sua cor e características fenotípicas.

O corpo negro enquanto signo tornou-se aquele que têm características “indesejáveis, inaceitáveis, por contraste com o corpo branco (...). Como diz Rodrigues, a cultura necessita do negativo, do que recusado, para poder instaurar positivamente o desejável” (NOGUEIRA, 2008, p.46). Esta cultura em que o negro está inserido o tipifica pelo seu corpo e sua cor, o interdita e mantém afastado de tal maneira que dificilmente ele é visto como pertencente ao “nós”, ao coletivo junto às pessoas brancas. Nogueira (2008) discute como é formado o psiquismo das pessoas negras, que querem ser desejáveis, mas precisam negar suas características para fazer parte do mundo branco.

Fanon explicita que o negro não tem problemas para se relacionar com outros da mesma raça, mas sim na relação com o branco:

O negro não tem mais de ser negro, mas sê-lo diante do branco. (...) Depois tivemos de enfrentar o olhar branco. Um peso inusitado nos oprimiu. O mundo verdadeiro invadia nosso pedaço. No mundo branco, o homem de cor encontra dificuldades na elaboração de seu esquema corporal. O

conhecimento do corpo é unicamente uma atividade de negação (FANON, 2008, p. 104).

Essa construção do esquema corporal, da autoimagem de pessoas negras se constituiu a partir da negação do fenótipo, daquilo que não se desejava ser, com pouca valorização no meio social. Este processo de negação de seus corpos ocorria no século XX e continua presente no século XXI, segundo Fanon com aspectos inconscientes.

Atualmente, a representatividade na mídia e os locais que as pessoas negras ocupam nos filmes e séries continuam problemáticas, refletindo o que historicamente está presente nas sociedades ocidentais: cristalizações acerca da figura do homem negro - o qual ocupa o papel de vilão ou de homem hiperssexualizado que salva a mulher branca. Por outro lado, há outras séries que discutem esta construção social e optam por protagonistas negros, focalizando questões acerca de raça, gênero e classe social impactando a vida de seus personagens.

### ***A mulher negra na relação afetiva e sexual com o homem branco***

Fanon, médico psicanalista, aprofundou-se no pensamento das mulheres negras da Ilha de Martinica, em como surgiu a preferência delas por homens brancos e as tentativas de branqueamento de seus corpos e pensamentos. Este autor buscava uma explicação histórica das visões distorcidas em relação ao homem negro, uma vez que afirma “que os conflitos étnicos elaboram-se gradativamente, não surgiram espontaneamente desde o início” (FANON, 2008, p. 57).

Além disso, ele cita a história autobiográfica de Mayotte Capécia, negra, martinicana que sempre quis se relacionar afetiva e sexualmente com um homem branco,

loiro e de olhos azuis. Ela se casa com André, que atendia a todos esses requisitos e era funcionário militar, mas enquanto sua esposa não podia frequentar bairros da alta classe econômica francesa e tão pouco estar com as famílias de outros oficiais. A segregação racial era latente, explicitado no tratamento diferenciado que ela recebe, o que pode-se traçar paralelos com os preconceitos raciais vividos atualmente. O relato de Capécia é de uma noite em que foi viajar junto com seu marido e dois casais nas Antilhas, uma conquista que teve após muito insistir:

Passamos a noite em uma Vila dessas que eu admirava desde a infância, com dois oficiais e suas esposas. Sentia que estava com a maquiagem muito carregada, que não estava vestida como devia, que não estava à altura de André, talvez simplesmente por causa da minha pele. Em resumo, passei uma noite tão desagradável que decidi nunca mais pedir a André para acompanhá-lo (CAPÉCIA *apud* FANON, 2008, p.55).

Esta e outras passagens do livro de Fanon (2008) mostram que tanto as mulheres da Martinica quanto as estudantes de medicina negras na França relatavam que não poderiam se casar com negros, demonstrando como a estrutura social se reflete no psiquismo: “não é que neguemos ao negro qualquer valor, mas é melhor ser branco” (FANON, 2008, p. 58).

Na série abordada neste trabalho, há problematizações acerca do lugar de pessoas negras na sociedade estadunidense. A protagonista Annalise Keating, advogada e professora de Direito, e outros personagens coadjuvantes também negros - como Wes Gibbins e Michaela ocupam papel de destaque na história. Contudo, foram abordados temas como a solidão da mulher preta (Annalise) num relacionamento com homem branco (Sam) e atributos como virilidade, violência e impulsividade associados ao homem negro, na figura do policial Nate.

## Material Analisado

Tipo de Material	Série
Título Original	<i>How To Get Away With Murder</i>
Nome Traduzido	Como Defender um Assassino
Gênero	Suspense, Crime
Ano	2014
Local de lançamento e Idioma original	EUA - inglês
Duração	Em média 45 min. por episódio
Direção	Stephen Cragg, Mike Smith, Catriona McKenzie, Felix Alcalá, Laura Innes, entre outros.

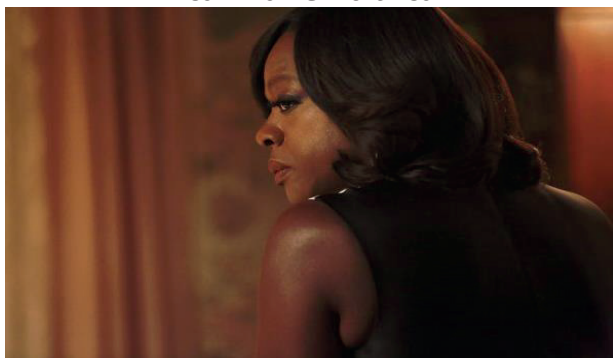
O seriado *Como Defender um Assassino* traz em sua trama dramas e mistérios centrados na questão jurídica dos Estados Unidos, dentro da universidade onde Annalise é professora, na corte dos Estados Unidos onde ocorrem os julgamentos, da polícia onde informações são produzidas e, finalmente, nos casos defendidos pelo escritório de advocacia de Annalise Keating que conta com um grupo de cinco estudantes da universidade, como consultores particulares. Porém, a trama dos personagens é permeada pela estrutura social dos EUA como o racismo, a misoginia, encarceramento em massa além dos componentes de uma boa série de mistério/suspense como “quem é o assassino?”, “o que aconteceu na noite de assassinato?”, “quem foi assassinado?” e reviravoltas que enriquecem o roteiro da história.

A série conta com 6 temporadas contendo 15 episódios cada para desenvolver as tramas da história. Contudo, como o presente estudo objetiva discutir a relação entre gênero-sexualidade, dois dos diversos personagens foram escolhidos para desenvolver tal discussão que são Annalise (interpretada por Viola Davis) e Nate Lahey (interpretado por Billy Brown).



Annalise, enquanto a personagem principal da trama tem muitos lugares ocupados, mas um deles é a da mulher negra casada com um homem branco. Dito isso, esse lugar sexual durante as temporadas em relação a Sam é um lugar de omissão. O casamento se coloca como uma grande problemática já que Annalise era paciente psicoterápica de Sam, e esse lugar de dependência e violência estabelecida engendra diversos pontos da trama como: a dependência afetiva e o mito da mulher negra forte, que ressalta ainda mais o lugar da solidão.

**Imagem 1.** Episódio da 1ª temporada retratando o sentimento de solidão da mulher negra no relacionamento com homem branco



Fonte: Adoro Cinema.

Já Nate está ocupando, durante as primeiras temporadas, o lugar de amante, de utilidade, de descartabilidade e quando recebe um foco maior durante a série, apontando a relação de afetividade entre seu pai, que é uma pessoa psicoatípica, apresenta uma reviravolta com violência que o coloca no lugar do homem “negro raivoso” negando naquele corpo dimensões como a afetividade e exacerbando fatores raciais presentes na sociedade estadunidense.

## **Análise Crítica**

### ***Annalise e a solidão da mulher negra***

Sobre a solidão da mulher negra, Mizael et al. (2021) discorrem que tal fenômeno aponta para a diferença entre a experiência da solidão vivida pelas mulheres negras e a vivida pelas mulheres brancas. Apesar de ambas sofrerem os efeitos do machismo, as mulheres brancas não sofrem racismo, ficando patente a intersecção entre os marcadores sociais de gênero e raça, que configuram a solidão não só do tipo afetivo-sexual, como também em outros âmbitos: organizações, escola, família, mídias.

Na raiz do fenômeno, as autoras remontam ao longo do período em que vigorou a escravidão no Brasil, em que os corpos das mulheres negras eram usados como objetos sexuais pelos senhores de engenho, que justificavam a violação de seus corpos com base no fenótipo delas (MIZAEI et al., 2021). Evidencia-se aí a articulação entre gênero e raça, configurando um processo de desumanização e fetichização que perdura até os dias de hoje, quando ainda se normaliza discursos e representações machistas/racistas que colocam a mulher negra numa posição de objeto sexual a ser usufruído - e com o qual não haveria interesse em manter uma relação afetiva para além da relação carnal.

Apesar de se passar nos EUA, o contexto da série tem seu paralelo com o Brasil, haja vista o histórico escravocrata e de lutas do movimento negro (mais atualmente, o *Black Lives Matter*) que caracterizam o país. Nesse sentido, há um momento bastante emblemático na série que desvela a mentalidade da branquitude acerca do corpo negro feminino, como descrito anteriormente. No episódio 9 da temporada 1, após Annalise descobrir que seu marido, Sam, sabia que a amante dele - assassinada a mando dele - estava grávida antes de sua morte, a mesma o expulsa de casa e desabafa:

Annalise: *Tenho sido sua fachada. A mulher negra nos seus braços, para que as pessoas vejam o cara legal que você é" (...)* Por isso matou Lyla [a amante dele]: para que não descobrissem o homem patético que você é.

[A essas assertivas de Annalise, Sam reage com um rompante]

Sam: *Quer a verdade? Você não é nada mais do que uma peça de carne. Foi o que eu vi. Quando falei pela primeira vez com você, sabia que ia dar em sexo. É só pra isso que você serve, sexo sujo e violento que me dá vergonha de contar para alguém. Você é repugnante, uma vadia nojenta.*

A fala dos dois personagens possibilita inferir que o corpo negro de Annalise foi usado para dois fins: contribuir para uma boa imagem de Sam, que por estar com Annalise seria visto como alguém "solidário" e progressista, capaz de fazer a concessão de aceitar se relacionar com uma mulher negra; e para a obtenção de prazer sexual de uma maneira que seria própria do corpo negro, constituindo objeto de fetiche para o "senhor de engenho".

Um pouco antes dessa fala de Sam, Annalise também havia expressado: "*Estou farta de acreditar em você e de salvar a sua pele*", referindo-se às tentativas de encobrir os vestígios do crime deixados pelo marido. Esse mesmo marido que teve o impulso de ir procurar o filho que teve com a ex-mulher, após Annalise ter perdido o bebê de 8 meses em um acidente de carro. Num momento de luto do casal pela perda do filho, Annalise se viu desamparada. "*Eu vou resolver isso, como sempre*", respondeu a Sam após ele ter afirmado que estavam juntos nesse luto, como se ela já estivesse prevenido o abandono por ser um hábito recorrente do marido - que depois, se descobre mais à frente na série, tinha uma relação incestuosa com a irmã, além de ter sido mandante do assassinato da amante que havia engravidado. Também era o mesmo marido que questionava o desejo dela de ter filhos nas tentativas frustradas que fez

para engravidar. Aparentemente, Annalise estava casada, mas lidava com essa solidão também, tendo que ser forte sozinha em momentos difíceis.

A esse respeito, em reflexão que talvez se refira mais ao contexto brasileiro, mas mesmo assim é pertinente, Ribeiro (2016) aponta que a construção da feminilidade das mulheres negras é diferente da feminilidade das mulheres brancas. Desde o pós-abolição, às mulheres negras não lhes competia ficar em casa enquanto o marido provedor trabalhava; elas mesmas eram, em sua maioria, as responsáveis por suas famílias. Para a autora, o mito da mulher negra forte seria resultado das violências vividas por essas mulheres, que precisavam ser fortes para fazer frente a um Estado omissivo.

Outros aspectos da solidão e desamparo da mulher negra mostrado na série refere-se à vivência de abuso sexual vivido por Annalise aos 13 anos, vítima do próprio tio (que depois foi alvo da vingança da mãe de Annalise); e também o fato de o pai também tê-la abandonado, o que fez com que fosse criada pela mãe sozinha. Em outro episódio, após um reencontro inesperado quando Annalise estava na cadeia, ela se defende: "*Como vou saber que você não vai ficar entediado e fugir como você sempre faz?*". Aparentemente, a personagem experienciou uma série de abandonos por homens, o que a obrigou a tornar-se forte; a sua relação com o marido, então, parece ter sido uma repetição.

O personagem Nate tem uma grande importância na série para se falar do mito do negro raivoso, seu desenvolvimento de personagem se inicia como um mante de Anelise, totalmente descartável já que alguns episódios posteriores ela se utiliza da relação para obter vantagens em um caso colocando-o para depor na corte. Isso demonstra um aspecto de como o racismo afeta os corpos negros no que se tange a descartabilidade. Ações como essa tem como efeito na relação que o sujeito tem sobre seu corpo e a afetividade, reforçando um lugar

objetificado do homem negro, lugar esse que expressa uma não possibilidade do sujeito homem entrar em conflito com seus desejos, lugar esse de negação, que é feita em um primeiro momento do outro e introjetada como uma negação de si mesmo e de seus afetos resultando na figura hipermasculinizada (RESTIER, 2019).

Outro momento em que isso se recoloca introduzindo a questão do encarceramento em massa é quando Anneliese decide plantar uma prova para incriminar Nate do assassinato de Sam (o seu marido) para incubrir seus alunos e escândalos envolvendo Sam. Porém nessa trama Nate é, de novo, colocado no lugar de objeto e não de sujeito e é acometido por um atravessamento social que é o encarceramento, que tem um valor diferencial para pessoas negras, já que até hoje a criminologia utiliza preceitos de autores como Lombroso, autores esses presentes durante a época que a ciência, a filosofia e a religião produzia ideologias racistas para justificar o processo de desumanização do corpo negro. Nate então é preso sendo colocado contra questões de seu passado como a paternidade, já que seu pai, um homem negro, é um presidiário e foi o motivo de se tornar um detetive só que agora por conta da armação de Anelise é colocado no lugar de criminoso gerando uma grande raiva, justificada.

Um tempo depois, Nate com ajuda de Anneliese foi solto por ser incriminado injustamente e a questão da paternidade de Nate se recoloca, e ele começa a visitar seu pai e se depara com raiva que sente de sua figura paterna. Anneliese, motivada pela culpa do que fez com Nate, mas também com interesse de denunciar o racismo estrutural reabre o caso do pai do Nate e ganha após intensos processos dentro da corte.

Após a vitória e o mandato de liberdade do pai de Nate é possível perceber uma demonstração afetiva de Nate em relação ao seu pai, porém o seu próximo arco de

desenvolvimento se inicia com o assassinato brutal de seu pai, antes mesmo da soltura para que fosse barrado todo o processo contra a corte americana.

Nate, que antes tinha como objetivo lutar contra o sistema racista acaba se enfurecendo caçando quem foi responsável pela morte de seu pai. A parte importante para se pensar sobre essa fúria é entender que o corpo negro, que sofre um massivo processo de desumanização continua a sofrer, mesmo que não demonstrando tal sofrimento. O que acontece muitas vezes é que é atribuído a pessoas negras um estereótipo: o de que aquele corpo tem uma potência biológica superior e por isso são mais agressivas. A contradição que se instaura é que de fato podem ser observados fatores de agressividade em homens negros, mas não como resultantes de um “aparato biológico” e, sim, de um lugar social que se impõe. Como Nate nesse momento de intensidade afetiva fica à mercê desse mito para expressar o que está sentindo, e não elaborar de uma forma particular.

Posteriormente ainda movido pelo afeto de raiva, Nate mata um promotor que acredita ser responsável pela morte de seu pai, ainda que tenha tido evidências fracas para culpá-lo convictamente. Tal impulso violento, que teve outras manifestações - o personagem chegou a torturar um homem também mais adiante na série -, não parece se justificar pelo desenvolvimento dos traços de personalidade do personagem, não explorados com suficiente profundidade para que o público entenda a extrema violência a que chegou. Desse modo, tal reviravolta parece sugerir uma certa violência inata, o que pode sugerir que a própria série se deixou influenciar por um estigma relacionado ao homem negro.

## **Considerações Finais**

A série *Como Defender um Assassino* traz uma protagonista negra com características bastante positivas,

tais como inteligência, destreza e competência. Essa representação tem o potencial de desconstruir estereótipos ao representar a mulher negra em uma posição de liderança, ao mesmo tempo em que se pode vislumbrar suas vulnerabilidades e os conflitos com que lida na sua vida, propiciando a possibilidade de gerar identificação por parte dos espectadores da série.

O que Fanon retratou como dois pólos distantes entre si, como o mundo do branco e outro do negro, esta série tenta aproximar de alguma forma. Porém, em outros aspectos, é possível que a série deixe de problematizar as questões raciais relacionadas ao homem negro, associado à violência, ao mesmo tempo que levanta bandeiras do movimento negro ao tratar da questão da população carcerária e as contradições do sistema prisional, o quanto o Estado (racista) falha nesse aspecto, entre outras questões suscitadas de maneira bastante pertinente para a desconstrução do racismo - não foi tratado aqui, mas é possível fazer uma discussão sobre o racismo contra asiáticos também e sua inteseccção com a sexualidade.

Consideramos importante realizar a articulação entre gênero, raça e sexualidade que está presente ao longo das seis temporadas, embasando-se em autoras e autores negros consagrados que estudam o tema de maneira sistemática e profunda. Ter contato com essas referências será de grande valia para a atuação de diferentes profissionais, especialmente psicólogos na medida em que contribui também para preencher lacunas da formação em Psicologia, que não contempla disciplinas específicas para a questão racial, ainda que seja um tema de extrema relevância num país de histórico e mentalidade escravocratas, onde persistem as mais aberrantes injustiças e desigualdades históricas - normalizadas por estereótipos e estigmas que cabe a nós desconstruir pela nossa práxis.

## Referências

FANON, F. **Pele negra, máscaras brancas**. Trad. de Renato da Silveira. Salvador: EDUFBA, 2008.

MIZAEL, T. M.; BARROZO, S. C. V.; HUNZIKER, M. H. L. Solidão da mulher negra: uma revisão da literatura. **Revista da ABPN**, [S. l.], v. no 2021, n. 38, p. 212-239, 2021. Disponível em: <<https://www.abpnrevista.org.br/index.php/site/article/view/1270>>. Acesso em: 07 mar. 2022.

NOGUEIRA, I. B. **Tese de doutoramento em psicologia: Significações do corpo negro**. 2008. Tese (Doutorado). São Paulo: Universidade de São Paulo (USP), 2008. Disponível em: <<http://www.ammapsique.org.br/biblioteca-teses-e-dissertacoes.html>>. Acesso em: 07 mar. 2022.

RIBEIRO, D. **Feminismo negro: violências históricas e simbólicas**. Centro de Estudos das Relações de Trabalho e Desigualdades, 2021. Disponível em: <<https://ceert.org.br/noticias/genero-<mulher/7943/feminismo-negro-violencias-historicas-e-simbolicas>>. Acesso em: 14 mar. 2022.

RESTIER, H. O duelo viril: confrontos entre masculinidades no Brasil mestiço. In. RESTIER, H.; SOUZA, R. M. de **Diálogos contemporâneos sobre homens negros e masculinidade**. SESC: São Paulo, p. 21-53, 2019.





## Capítulo 11

# ADOLESCÊNCIA E SEXUALIDADE: UMA ANÁLISE DO EPISÓDIO “SOU...? TALVEZ ESSE TESTE ME DIGA” E A CONSTRUÇÃO DA IDENTIDADE NO MUNDO DIGITAL

Débora Cristina Menegon Cherubin  
Julia Leite Ruybal  
Juliana Baptista de Almeida

### Introdução

As fases do desenvolvimento humano reconhecidas socialmente nem sempre foram as mesmas, o conceito de adolescência, em específico, é uma ideia do mundo moderno ocidental e por mais que classificações cronológicas possam ser necessárias no âmbito jurídico e da saúde, não é possível limitar-se a esse fator para descrever essa fase da vida. Segundo o Estatuto da Criança e do Adolescente (ECA), a adolescência é o período entre os 12 e os 18 anos de idade, já segundo a Organização Mundial da Saúde (OMS) ela se estende por toda segunda década de vida do sujeito, ou seja, dos 10 aos 19 anos. Na prática, a adolescência tem suas condições definidas por fatores sociais, históricos, econômicos e culturais, (MENDES, 2020) tornando impossível uma generalização da vivência do adolescente. O próprio Ministério da Saúde enfatiza que, apesar da importância dos marcos etários, é necessário fazer uma leitura biopsicossocial dessa fase (BRASIL, 2007).

As produções científicas foram e são muito importantes para pensar sobre a adolescência, em estudos iniciais esse momento foi colocado como um período de “tempestade e

tormenta”, além de ser identificado com expressões como “crise” e “drama”. As diferentes áreas da ciência elaboraram conhecimentos a respeito dessa fase do desenvolvimento. A medicina, por exemplo, tomando um caminho mais biológico, recorre ao conceito de “puberdade” para referir-se à maturação do corpo e suas funções sexuais. É na puberdade que o indivíduo passa por mudanças hormonais que desencadeiam caracteres sexuais secundários (PALACIOS, 2004). Já a sociologia, usa o termo “juventude” para caracterizar o momento de transição entre as funções sociais da criança e do adulto (GROPPO *apud* MENDES, 2020). Maia (2015, s/p) acrescenta:

É difícil separar as mudanças físicas da puberdade das mudanças psicológicas e do meio social e cultural em que este indivíduo se desenvolve na adolescência, isto é, as mudanças resultantes desse crescimento devem ser sempre consideradas como psicossociais, especialmente para a Psicologia.

O desenvolvimento das características físicas e mudanças corporais ocorrem de forma rápida e desigual, junto a mudanças cognitivas, que ocorrem em menor escala de velocidade. Nesse momento, podem aflorar fortes emoções e maior sensibilidade, tanto ao prazer como ao sofrimento. Passa a ocorrer uma busca pela identidade, com influências do meio social e um olhar mais crítico e ativo em relação à autoimagem. Os adolescentes podem experimentar sentimentos confusos em relação à família, pois desejam maior independência e sentem necessidade de iniciar e manter relacionamentos afetivos e sexuais com outros pares, além de surgir certa carência por auto aceitação (MAIA, 2015). É nesse momento que usualmente o sujeito vai começar a aprender a lidar com a sexualidade, buscando referências para além do ambiente dos adultos e familiares de seu meio.

A sexualidade faz parte da existência durante toda a vida. É um conceito social bem amplo e ele tem sua constituição e definição em constante transformação paralelamente com as transformações sociais. A sexualidade abrange aspectos sociais, culturais, biológicos e psicológicos, portanto, não há uma definição universal acerca da sexualidade. Ela é individual e particular dos sujeitos.

Socialmente podem ocorrer interpretações errôneas sobre a sexualidade, uma vez que ela é comumente associada ao sexo e ao ato sexual. Sexualidade e sexo são distintos, contudo um está contido no outro também. O sexo está ligado ao ato, ação. Assim, a sexualidade, por sua vez, inclui o sexo, a afetividade, o carinho, o prazer, o amor ou o sentimento mútuo de bem querer, os gestos, a comunicação, o toque e a intimidade (FIGUEIRÓ, 2006). Além disso, há também na sexualidade, como há no conceito de adolescência, valores e normas culturais e sociais, portanto, existem aspectos tanto culturais quanto biológicos.

A sexualidade possui também aspectos políticos. Em uma sociedade heteronormativa, a expressão de uma sexualidade que foge aos padrões é um ato político de resistência. É de extrema importância a compreensão da sexualidade como identidade do indivíduo, pois a dimensão política se estende para a compreensão dessas expressões que estão diretamente relacionadas também com gênero, raça e classe.

Segundo Louro (1999), as identidades de gênero e sexuais são moldadas pelas redes de poder de uma sociedade e a partir de relações sociais, as identidades sexuais têm caráter fragmentado, instável, histórico e plural.

A partir disso, o período da adolescência é um momento de transição, mudanças, experimentação e descobertas e de passagem para a vida adulta. Muito tem-se a ver com uma busca identitária que permeia a sexualidade. Ademais, é importante ressaltar que além da busca pela

identidade sexual, os adolescentes passam por processos de identificação de seus papéis sociais, contendo escolhas profissionais, definições sociais e ressignificação de relações interpessoais, principalmente dentro do núcleo familiar.

Diante disso, a adolescência abrange maiores possibilidades de identificações de gênero e de sexo e a sexualidade mostra-se como essencial na formação identitária e segundo Domingues e De Alvarenga (1997), é manifestada através de múltiplas identificações como a da imagem corporal, de orientação sexual, de gênero e da descoberto do “outro” como objeto de amor ou desejo.

À medida que a sociedade se transforma, as relações sociais também se transformam. Logo, é demasiadamente importante considerar o avanço tecnológico para os adolescentes. As redes digitais e suas apropriações permeiam as interações cotidianas e promovem mudanças nas formas de socialização, nas relações afetivas e nos modos de compreender a realidade (BECKER *et al.* 2018).

Neste atual contexto de intenso engajamento com as redes sociais, a comunicação, a socialização e a sexualidade vem sendo ressignificadas e redesenhadas e paralelamente a isso o conceito de público e privado também sofrem alteração, uma vez que, a internet abre possibilidade para um enorme consumo de informações dentro de um certo anonimato. O anonimato favorece jovens com identidades não tradicionais a encontrar maneiras menos hostis de explorar a própria sexualidade (SFOGGIA; KOWACS, 2014).

O acesso amplificado à informação na era digital tem pautado e transformado a forma como os adolescentes se comunicam, principalmente entre a nova geração, conhecida como Geração Z ou também chamados de nativos digitais, pessoas nascidas a partir da segunda metade da década de 1990 (KAMPF, 2011). Sendo assim, a sexualidade é adaptada a esse contexto tecnológico.

Portanto, a discussão se amplia também para o espaço digital. Lugar onde a informação é encontrada facilmente e na mesma proporção em que é difundida, a confiabilidade dessas informações precisa ser vista com cautela, já que, o meio digital mostra-se um importante instrumento para o desenvolvimento sexual de muitos adolescentes.

### Material Analisado

Tipo de Material	Série <i>Modern Love</i> – Temp. 2, Ep. 5
Título Original	<i>Am I? Maybe this quiz will tell me</i>
Nome Traduzido	Sou...? Talvez esse teste me diga
Gênero	Comédia/Romance
Ano	2021
Local de lançamento e Idioma original	Estados Unidos/ Inglês
Duração	34 min
Direção	Logan George e Celine Held

O presente trabalho utilizou-se do quinto episódio da segunda temporada da série estadunidense *Modern Love*. *Modern Love* é uma série com episódios antológicos que retrata histórias inspiradas em uma coluna homônimo do jornal *The New York Times*.

O episódio “Sou...? Talvez esse teste me diga” conta a história de Katie, uma adolescente que começa a descobrir e explorar sua sexualidade. O enredo se passa em um momento bem atual, ou seja, estamos falando de jovens da geração Z.

Katie possui um grupo de amigas que também estão passando pela fase de iniciação da vida sexual. Elas conversam e compartilham sobre as primeiras experiências, sobre os primeiros beijos, primeiros encontros e flertes com outras pessoas. É nítido no início do episódio que elas estão falando apenas de relações heterossexuais.

Ao navegar em suas redes sociais, a protagonista se depara com o perfil de outra estudante, Alexa. Katie se mostra confusa em relação ao que chamou atenção sobre Alexa. A partir disso, ela vai até uma plataforma bem famosa por ter diversos testes (Buzzfeed) e faz um teste que se chama “O quanto você é gay?”, nesta hora sua mãe entra em seu quarto e ela esconde o que está fazendo, mostrando certo medo da mãe descobrir. Após assinalar suas respostas no teste, o resultado mostra “Você é 20% gay” e Katie demonstra estar confusa.

Katie vai a uma excursão da escola para assistir uma peça de teatro e aproveita para realizar outro teste, o teste dessa vez se chama “Você é assexual?” e o resultado obtido é “Você é assexual”, novamente escondendo de seus amigos o que está fazendo quando lhe perguntam. Ao final da peça, Katie e Alexa têm seu primeiro contato. Alexa escuta Katie falando de um animações que ambas gostam, então elas se apresentam uma a outra e conversam no trajeto de volta da viagem.

À noite, Katie faz novamente o primeiro teste e o resultado é diferente, dessa vez o resultado foi “Você é 0% gay. Você não é nada homossexual”. Katie aparenta estar mais confusa do que antes neste ponto da história.

No dia seguinte, Katie e Alexa se encontram na escola e conversam mais. Neste dia, os alunos da escola têm um evento à noite e irão todos dormir lá. Durante a noite, antes de ir para a escola, Katie briga com sua mãe por causa de seu saco de dormir que está rasgado e não quer usar o da sua irmã mais nova que é infantil demais para ela, podemos observar nessa cena Katie não querendo mais ser associada com coisas infantis, sua mãe aparenta não ligar, mas para Katie usar o saco de dormir de sua irmãzinha parece ser um absurdo e elas brigam por Katie não querer ser vista como uma “criancinha”.

Na escola, a primeira atividade que os alunos vão fazer é uma gincana de pique-bandeira. Mesmo em times diferentes, as duas garotas se juntam para irem atrás da bandeira de um terceiro time. Alexa sobe para o segundo andar da escola, o que era proibido, e Katie a segue. Quando percebem que tem uma professora no segundo andar se escondem no banheiro. Tomadas pela euforia e adrenalina ficam escondidas na cabine do banheiro e Katie beija Alexa. Alexa sorri após o beijo e ambas ficam rindo e sorrindo. Elas escapam da professora e voltam para o jogo brincando que vão voltar de mãos dadas, Katie fala “Não seja louca” e Alexa responde “Eu não ligo”.

Ambas voltam e as amigas de Katie a questionam onde ela estava e começam a cobrá-la de respostas. Katie se sente desconfortável com essa situação e fica nervosa com a pressão, mente dizendo que não conhece Alexa e começa a mentir para justificar o atraso. Katie e Alexa são pegas pela professora e punidas, sem poder participar das brincadeiras e deixadas sozinhas, separadas de seus grupos de amigas.

Na hora de dormir, a personagem principal pede para que sua mãe vá buscá-la, ela não está bem com toda a situação, visto que, Alexa aparentou ficar chateada com a mentira de Katie. Sua mãe a busca e Katie fica muito triste com o ocorrido. A mãe pergunta o que houve e ressalta que a filha pode sempre falar com ela. Katie começa a chorar e ambas se abraçam. Antes de dormir, ela faz mais um teste, dessa vez o "Você é assexual?" e novamente a resposta obtida é “Você é assexual”. Dessa vez, ela aparenta tomar esse resultado como certo.

Pela manhã, Katie vai até a casa de Alexa, que ainda não chegou da escola. A família da garota diz que Katie pode esperá-la no quarto. Alexa chega, elas conversam e pedem desculpas pelo que aconteceu. Katie diz para Alexa que sabe que não é gay e que não quer enganá-la, também diz que fez os testes e descobriu que era assexual. Porém, as duas



acabam concluindo que de fato desejavam se beijar. Após essa conversa, ambas sorriem, ficam felizes, se entendem e vão tomar café da manhã juntas.

## **Análise Crítica**

A relevância de *“Sou...? Talvez esse teste me diga”* vai muito mais além do que apenas um episódio de uma série. Primeiramente porque é exibido em uma rede de streaming de largo alcance, o Amazon Prime, que apesar de não divulgar o número de espectadores, segue sendo um dos streamings mais utilizados pelos consumidores (RIOS, 2021). Além disso, deve-se ressaltar a necessidade de produções televisionadas voltadas para adolescentes e famílias que retratam personagens lésbicas e bissexuais (LOPES; LAHNI; AUAD, 2020). É na representação dessas figuras que a identidade de adolescentes é fortalecida.

Para a pesquisa de Lopes, Lahni e Auad (2020) foi feito o levantamento de obras visuais protagonizadas por lésbicas e bissexuais, estreadas entre 2017 e 2019 e que tinham como público alvo adolescentes e famílias. Nesse momento as autoras concluem que essas obras possibilitam o direito à comunicação dentro das tecnologias digitais, reconhecendo lugares e não lugares de mulheres e adolescentes bissexuais e lésbicas. Refletindo sobre a sexualidade, a adolescência é um momento crucial, um marco que impacta diretamente em como o sujeito se entende e enxerga enquanto passível de desejos, de afetos e de identidade. Para este episódio, entretanto, a sexualidade não pode ser entendida apartada das redes sociais e meios midiáticos.

As redes sociais, sites e mídias digitais de uma forma geral são constituidores de opiniões e autoimagem. Constantes curtidas, likes e visualizações são alguns dos principais reforços que mantêm o comportamento de utilização dos aplicativos. Esses recursos vêm impactando

crescentemente as vias pelas quais crianças e adolescentes se comunicam e se desenvolvem. Por esses motivos, trataremos de sexualidade e internet como assuntos integrados e dependentes.

Tratar os objetos de desejo, a identidade de gênero, a orientação sexual como temas isolados é cair em uma armadilha. Isso porque a sexualidade deve ser entendida em amplo espectro, considerando fatores sociais como gênero, raça e classe. Na sociedade capitalista e, principalmente, globalizada, a internet e a disseminação de informações aceleradas claramente transforma como Katie se entende enquanto ser desejante e destino de desejo.

Cabe agora uma análise jornalística de como os meios digitais afetam a subjetividade humana, em especial durante a adolescência. Em estudo Maciel (2014), defende que as pesquisas sobre esse campo ainda são incipientes. Existem muitas nuances a serem exploradas e a academia muitas vezes não dá conta das atualizações intermináveis das diferentes redes sociais. As constantes atualizações de aplicativos como *Instagram* e *Tik Tok* confundem as possibilidades de pesquisas, uma vez que mudar o algoritmo significa também modificar repetidamente a forma como o usuário se relaciona com essas maneiras de comunicação. O que se pode tirar, considerando as incertezas citadas é que existem mudanças significativas na sexualidade adolescente, influenciada pelas redes sociais. Infelizmente no meio científico ainda há várias lacunas de como esse fator impacta objetivamente no desenvolvimento individual.

Algumas pesquisas, entretanto, dão dicas sobre o tema. Sobre as tecnologias da era digital, tais quais os aplicativos, web-sites e programas da Internet ofereceram aos adolescentes um campo mais abrangente sobre o conhecimento de mundo, o que em teoria seria benéfico para aqueles que os utilizam. Em contrapartida, o uso inadequado dessas ferramentas pode acarretar em danos para a

integridade física e moral de adolescentes. Discutir propostas de educação e informação para oferecer aos usuários, especialmente ao público jovem possibilidades de interações virtuais que preservem a saúde e segurança é indispensável.

Ainda há de se considerar a questão da dinâmica familiar com adolescentes, pois essa dinâmica costuma mudar, a relação do adolescente com os pais pode passar a ser mais conturbada do que o costume. Os pais passam a ter outro papel na vida dos filhos, pois esses não precisam dos cuidados básicos antes empenhados, nesse novo momento os progenitores passam a ter como desafio a imposição de limites e a reiteração de sua autoridade.

Segundo Macedo (2018): “Muitos conflitos acontecem devido à cristalização no imaginário dos pais a respeito de seus filhos e à sua incapacidade de lidar com as demandas que o adolescente traz”, isso por exemplo fica ilustrado na discussão que a personagem Katie tem com sua mãe, em relação ao saco de dormir que vai levar ao colégio. A mãe, em um primeiro momento, não entende a relutância da filha em levar o saco de dormir com estampa infantil, pois Katie está iniciando a adolescência e já não tem os mesmos interesses da fase anterior. Além disso, passa a ser muito caro ao adolescente criar uma identidade que gere aceitação dos pares. Os pais precisam ter o desafio de se mostrarem presentes na vida do filho ao mesmo tempo respeitando seu processo de construção de suas individualidades, mantendo uma comunicação aberta, mostrando-se acessíveis e presentes quando necessário (MACEDO, 2018). A mãe de Katie também mostra essa função, quando a menina solicita sua presença para buscá-la a noite na gincana do colégio, ela se coloca à disposição, dizendo que a filha pode contar com ela. Mais uma vez, Macedo (2018) auxilia, pois, ao contrário do que se pode imaginar, "a presença de adultos de referência é fundamental para o suporte psicológico do

adolescente nessa vivência contraditória e fluida da adolescência" (p.40).

Outro ponto a se refletir é sobre o papel da escola na vivência da sexualidade na adolescência, segundo Moraes, Bretas e Vitalle (2018), na adolescência a sexualidade se torna questão de especial preocupação e abarca não somente o ambiente individual mas também social e acadêmico. A escola tem grande influência no que concerne à moral sexual e muitas vezes pode ser um aparato repressor, no sentido de impedir o pleno desenvolvimento da sexualidade de maneira saudável. A funcionária do colégio que proíbe Katie e Alexa de participarem da gincana está usando de sua autoridade de maneira punitivista. As garotas ao receberem esse tipo de punição, que não veio acompanhado de um diálogo na tentativa de compreender melhor as questões das adolescentes, sentem-se ainda mais deslocadas e erradas. A regra rígida e falta de diálogo não abre brecha para que se entendam as verdadeiras necessidades dos alunos, a instituição escolar não se conscientiza das novas demandas que podem surgir desse tipo de situação.

Ainda, quando há algum tipo de educação sexual nas escolas ela acontece muito mais no sentido de normatizar “a idéia de que a normalidade era um efeito da pedagogia apropriada e não um estado a priori tornou-se, essencialmente, a base para o movimento higienista social chamado ‘educação sexual’ (BRITZMAN *apud* XAVIER FILHA, 2017). Isso corrobora para o sentimento de deslocamento que muitas vezes a personagem parece ter durante o episódio da série, até mesmo suas colegas não abrem brecha para uma concepção de sexualidade mais abrangente uma vez que provavelmente nem tem contato com esse tipo de ideia.

Esse tipo de opressão é silencioso e indireto e a falta de referências e apoio pode acabar silenciando esses os jovens

que não se sentem contemplados pelo discurso vigente. Mais uma vez vemos o risco e a vulnerabilidade do adolescente, que pela falta de espaço e informação acaba por infringir regras, como Katie fez ao subir no segundo andar do colégio. No caso da garota não há tantos riscos à sua integridade, mas em muitos casos da vida real a situação é bastante diferente. O que não faltam são estudos que corroboram com a ideia de risco nessa fase da vida, desde o contágio por ISTs, até o uso abusivo de drogas, por exemplo. Por isso, se faz tão importante revisar a ideia de educação sexual de uma maneira que os jovens possam participar mais ativamente do processo.

### **Considerações Finais**

Para Katie, o uso de testes virtuais determina até certo ponto como ela expressa-se e entende-se perante o mundo. A análise crítica desse episódio possibilita um entendimento mais extenso a despeito. Passando pela educação sexual dentro da família e do ambiente escolar, pela influência das redes sociais no desenvolvimento da sexualidade e pela relevância de episódios como esse, que tratam da sexualidade e são destinados a adolescentes e famílias podemos concluir a importância dessa obra de streaming para o estudo e aprofundamento dos tópicos sexualidade, adolescência e meios de comunicação.

Mais ainda, ao final do episódio Katie, a protagonista, por fim supera alguns dos preconceitos concebidos pelos testes de internet e demonstra afeto por Alexa. É nesse instante que se infere que apesar de influenciar alguns dos posicionamentos de Katie, as determinações indicadas pelo teste não são tomadas como verdades absolutas pelas personagens.

Por fim, o movimento e promoção de uma realidade em que a internet seja um ambiente mais educativo e seguro

possibilitaria então oferecer definitivamente um jeito de comunicação geracional, para além do uso entendido como cotidiano. A utilização consciente desses recursos é não só dever, mas também prioridade para famílias, escolas e profissionais da saúde.

Além disso, também fica evidente os diferentes papéis da família e da escola na superação da problemática da protagonista. Por um lado, a mãe consegue criar um ambiente acolhedor à filha em busca de atender suas demandas e mostrar-se presente. Por outro lado, a escola se mostra pouco sensível às novas questões trazidas pela jovem, ignorando e punindo seus comportamentos.

## Referências

BRASIL. **Estatuto da Criança e do Adolescente**: promulgado em 13 de julho de 1990. 9.ed. São Paulo: Saraiva, 1999.

BRASIL, MINISTÉRIO DA SAÚDE. **Marco legal**: saúde, um direito de adolescentes. Secretaria de Atenção à Saúde. Área de Saúde do Adolescente e do Jovem. Brasília. Ministério da Saúde. 2005. Disponível em: <[http://dtr2001.saude.gov.br/editora/produtos/livros/pdf/05\\_0011\\_M.pdf](http://dtr2001.saude.gov.br/editora/produtos/livros/pdf/05_0011_M.pdf)>. Acesso em: 01 mai. 2014.

BECKER, B.; WALTZ, I.; MACHADO, H. L.; SILVA, R. P. da. Inovação e juventude: um estudo sobre produção e consumo de notícias e o Jornalismo porvir. **Comunicação & Inovação**, v. 19, n. 40, p. 89-105, 2018.

DOMINGUES, C. M. A. S.; DE ALVARENGA, A. T Identidade e sexualidade no discurso adolescente. **Journal of Human Growth and Development**, v. 7, n. 2, P. 32-68, 1997.

FIGUEIRÓ, M. N. D. Educação Sexual: Como Ensinar No Espaço Da Escola. **Revista Linhas**, v. 7, n. 1, 2006.

FILHA, C. X. EDUCAÇÃO PARA A(S) SEXUALIDADE(S): carregar água na peneira?. **Revista Diversidade e Educação**, Campo Grande, v. 5, n. 2, p. 16-39, jun. 2017.

KAMPF, C. A geração Z e o papel das tecnologias digitais na construção do pensamento. **ComCiência**, Campinas, n. 131, 2011. Available from <[http://comciencia.scielo.br/sciELO.php?script=sci\\_arttext&pid=S1519-76542011000700004&lng=en&nrm=iso](http://comciencia.scielo.br/sciELO.php?script=sci_arttext&pid=S1519-76542011000700004&lng=en&nrm=iso)>. Acesso em: 10 mar. 2022.

LOPES, S.; LAHNI, C. R.; AUAD, D. Lésbicas e Bissexuais em Narrativas Adolescentes: um olhar feminista sobre produções seriadas para TV e Internet. **Revista Eletrônica do Mestrado de Graduação Ambiental**, Universidade Federal do Rio Grande, p.230-252, junho de 2020. Disponível em: <https://periodicos.furg.br/remea/article/view/11355/7523>. Acesso em: 11 mar. 2022.

LOURO, G. (Orgs.) **O corpo educado: pedagogias da sexualidade**, v. 2, 1999.

MACEDO, E. O. S. de. **A relação entre família e escola na adolescência: vínculos e afetos como dispositivos de cuidado e proteção**. Tese (Doutorado) - Curso de Psicologia, Instituto de Psicologia, Universidade de Brasília, Brasília, 2018.

MACIEL, L. F. C. **Influências de mídias sociais na construção de relacionamentos homoafetivos**. xii, 105 f. Dissertação (Mestrado em Psicologia Clínica e Cultura), 2014.

MAIA, A. C. B. Reflexões sobre a sexualidade na adolescência. 2015. **Psicopedagogia on line**, s/p. Disponível em: <[http://www.psicopedagogia.com.br/new1\\_artigo.asp?entrID=947#.VeYPsvIViko](http://www.psicopedagogia.com.br/new1_artigo.asp?entrID=947#.VeYPsvIViko)>. Acesso em: 14 mar. 2022.

MENDES, P. de O. e S.P. Adolescências na educação sexual emancipatória. In: BORTOLOZZI, A. C. **Educação Sexual com e para Adolescentes: aspectos teóricos e práticos**. Araraquara: Padu Aragon, p.31-40, 2020.

MORAES, S. P. de; BRÊTAS, J.R.da S.; VITALLE, M. S. de S. Educação Escolar, Sexualidade e Adolescência: uma revisão sistemática. **Journal Of Health Sciences**. Guarulhos, p. 221-

230, out. 2018. Disponível em: <<https://journalhealthscience.pgsskroton.com.br/>>. Acesso em: 14 mar. 2022.

PALÁCIOS, J. O que é adolescência? In: COLL, C.; MARCHESI, A.; PALACIOS, J. **Desenvolvimento psicológico e educação**. Porto Alegre: ARTMED, 2004.

RIOS, D. Televisão e plataformas: um estudo de caso sobre dataficação nos serviços SVoD Netflix e Amazon Prime Video. **Revista Fronteiras** : estudos midiáticos, Unisinos, v. 23, n. 1, p. 68-79, janeiro-abril 2021. Disponível em: <<http://revistas.unisinos.br/index.php/fronteiras/article/view/20928/60748497>>. Acesso em: 11 mar. 2022.

SFOGGIA, A.; KOWACS, C. Sexualidade e novas tecnologias. **Revista brasileira de psicoterapia**, v. 16, n. 2, p. 4-17, 2014.





## Capítulo 12

# CISNE NEGRO: A REPRESSÃO SEXUAL NA PASSAGEM DA DICOTOMIA À AMBIGUIDADE

Ana Laura Rossin Souza  
Francisco Andrada Guilherme Raymundo  
Mariana Rodrigues de Oliveira

### Introdução

Em um determinado momento da história evolutiva humana, o sexo ultrapassa a sua condição meramente biológica e se insere no domínio da cultura. A esta dimensão emergente da condição humana, serão atribuídos múltiplos sentidos de acordo com as mais diversas culturas ao longo do tempo. E, da mesma forma, surgirão as normas impostas por estas culturas referentes à questão sexual, o que acabará por constituir a moral sexual de cada sociedade.

A moral sexual é um fato cultural em si, já que toda sociedade humana possui regras ínsitas a respeito da sexualidade. Deste ponto de vista, não há convivência humana sem uma medida de repressão: “[Textos antropológicos] sugerem que um certo controle em relação aos prazeres da carne tem sido, em intensidades diferentes e em momentos sócio-históricos variáveis, um elemento constitutivo do ser humano” (CECCARELLI, 2012, p. 31).

Isso indica que a permissão, a proibição e o controle do sexo são presentes desde primórdios imemoriais, embora manifestos sob diferentes facetas ao transcourir da existência humana. No entanto, é apenas no século XIX que surge um interesse particular em estudar tais fenômenos, sintetizados aqui pelo termo *repressão sexual*.

Marilena Chauí (1984, p. 9) define a repressão sexual como “um conjunto de interdições, permissões, normas, valores, regras estabelecidas histórica e culturalmente para controlar o exercício da sexualidade.” Vale lembrar que todo ser humano é um ser sexuado por natureza e que qualquer modo de controle de exercício desta sexualidade - como pontuado por Chauí -, é uma manifestação desta repressão, justamente por apresentar-se contrária ao que é natural à esfera individual.

A repressão sexual existente no Ocidente tem suas bases sobretudo na tradição judaico-cristã e no período de domínio social, religioso, intelectual e moral da Igreja Apostólica Romana. Todos os ideais que permeiam a nossa cultura, bem como as bases discursivas que sustentam a nossa visão de mundo a respeito da sexualidade, têm sua origem no imaginário construído, sustentado e imposto pela instituição da Igreja desde a Idade Média.

Pelo menos até o século XVIII, todo o discurso sobre atitudes e comportamentos sexuais se encontrava na Igreja. Sustentado em uma teologia moral, fortemente influenciado pela obra de Santo Agostinho, o sexo passa a ser intimamente associado ao pecado, ao vício, à ausência de virtude. A filosofia platônica referente à questão corpo-alma é deturpada e agora o corpo é considerado como uma carne que atrapalha a alma, sendo o sexo um pecado da carne. Incongruentemente, o corpo também é visto como sagrado e morada do próprio Deus, e a partir disso só restaria a possibilidade de um sexo sem prazer com fim único e absoluto: a procriação.

É visível nesta supremacia intelectual e moral da Igreja a busca por uma sociedade controlada política e socialmente, o que torna esta instituição um aparelho ideológico propriamente dito, cujos discursos acabam por naturalizar construções sociais, de forma com os indivíduos jamais constatem o quanto elas, de natural, nada possuem

(THOMPSON, 2000). Discutir sobre a repressão sexual, por conseguinte, significa discutir sobre os diversos aparelhos ideológicos que existiram e existem no seio da sociedade. Significa principalmente discutir sobre mecanismos de poder e suas formas de exercer poder e controle.

Historicamente, ocorre a Reforma Protestante e o momento Pós-Reforma é caracterizado pela ascensão da burguesia e pela liderança dos pedagogos na postulação dos novos princípios educacionais. Neste período surgem as rígidas regras de recato e educação, que visam cada vez mais disciplinar o ser humano. O controle da sexualidade inicia o seu processo de passagem do plano religioso para um novo plano, onde o indivíduo começa a interiorizar as normas de recato e pudor, tornando-se, assim, seu próprio juiz (DE ARAÚJO, 1997).

Chauí (1984) nos revela que as proibições e permissões referentes à conduta sexual são interiorizadas graças aos mais diversos procedimentos sociais, sendo a educação um destes procedimentos. Seja por meio da punição ou do castigo, da proibição ou da ameaça, ou por um sentimento de desagrado que faz sumir uma ideia, afeto ou ação. É por isso que a transgressão muitas vezes culmina na expulsão de ideias, afetos ou ações para muito longe da consciência, porque há a possibilidade de evocar sentimentos de sofrimento e culpa que um sujeito opta por esquecer ou ocultar. Todavia, deve-se atentar para um fato: A repressão sexual é realizada tanto por procedimentos visíveis quanto invisíveis de poder e controle.

Foucault em *Microfísica do poder* (2013), quando trata das monarquias clássicas, relembra o fato de que o poder circulava de forma natural nos espaços, sem que a presença física das instituições repressoras fosse experimentada. Isso porque os próprios indivíduos reproduziam e exerciam o discurso que os oprimia. É presente, portanto, uma “nova ‘economia’ do poder, isto é, procedimentos que permitissem

fazer circular os efeitos de poder de forma ao mesmo tempo contínua, ininterrupta, adaptada e ‘individualizada’ em todo o corpo social” (FOUCAULT, 2013, p. 45).

Desta forma, esse poder encontrava-se individualizado no corpo social, fortalecendo a instituição que o instalou e instaurou inicialmente, uma vez que os próprios sujeitos o tomavam para si e o exerciam como se fosse algo intrínseco à sua natureza. Assim como exposto anteriormente, discutir sobre a repressão sexual significa discutir sobre os diversos aparelhos ideológicos e sobre as suas formas de exercer controle visível ou invisivelmente. Embora a Igreja tenha perdido seu domínio intelectual, moral, temporal e espacial ao decorrer dos séculos, seu poder permanece individualizado no corpo social, modelando fortemente os discursos acerca da conduta sexual até os dias atuais.

Uma discussão mais aprofundada sobre a repressão sexual inicia-se somente a partir do século XIX. Neste período histórico, as Ciências Naturais passam a conquistar o espaço de soberania antes ocupado pela Igreja, e agora o sexo passa a ser domínio da ciência. Passa-se, então, a nomear e classificar patologias e patologizar o prazer, sob o pretexto da existência de um “fundamento científico” que embasasse tais princípios, mas que apenas tratavam de referendar as posições moralistas de até então (por exemplo, a condenação à masturbação). Embora a Igreja tenha perdido o seu posto de normatizadora da sexualidade, os médicos e educadores permaneciam defendendo posicionamentos que, agora com o aval científico, ratificavam a moral sexual tradicional (DE ARAÚJO, 1997).

Novas visões acerca do sexo e da sexualidade surgem com Freud e a sua psicanálise. O caráter nocivo da repressão sexual é observado pela primeira vez, bem como todas as suas manifestações nas doenças nervosas dos tempos modernos, descritas e estudadas ao longo de toda a vida de Freud. Pela primeira vez, reconhece-se que o sexo é

reprimido e que ele se revela em situações aparentemente não sexuais, muitas vezes, adoecendo o sujeito e impedindo-o de viver plenamente. A repressão sexual ganha, também, novos sentidos: ela oculta, disfarça e dissimula o conteúdo daquilo que está sendo reprimido.

Outras perspectivas acerca da sexualidade são oriundas deste período. Max Weber (1904), em seu trabalho de referência, *Ética protestante e o espírito do capitalismo*, discorre que sua repressão é imprescindível para a produção capitalista: “Contra todas as tentações sexuais, da mesma forma que contra as dúvidas religiosas ou o sentimento de indignidade moral, além de uma alimentação frugal e a supressão de carne e banhos frios, temos ainda o preceito: “trabalhe com afinco para as suas necessidades” (p. 27). É posta a necessidade, portanto, de dissimular e deslocar a sexualidade para que ela seja reutilizada em benefício do trabalho e, portanto, do sistema capitalista.

É somente no Pós-Guerra que a questão sexual é discutida de forma mais objetiva. Masters e Johnson, na década de 1960, empreendem uma pesquisa acerca da resposta sexual humana, tendo como resultado desta pesquisa o primeiro modelo de terapia sexual, no qual também havia sido formulada uma proposta de cura das disfunções sexuais. É notável, ainda, a presença do discurso médico no emprego de termos como “cura” e “disfunções sexuais”. Em relação à isso, cabem os seguintes questionamentos: Após tantas décadas em que o sexo começa a ser tratado objetivamente, como a sexualidade é reprimida nos dias atuais? Quais os seus deslocamentos, suas ocultações, suas dissimulações? Quais os sintomas atuais da repressão sexual?

## Material Analisado

Tipo de Material	Filme
Título Original	<i>Black Swan</i>
Nome Traduzido	Cisne Negro
Gênero	Drama
Ano	2010
Local de lançamento e Idioma original	Estados Unidos - Inglês
Duração	1h48 min
Direção	Darren Aronofsky

Nina, uma jovem bailarina que mora com a mãe, após uma vida de dedicação, vai ter a chance de receber destaque na companhia de ballet na qual dança, participando de uma seleção para o novo espetáculo, baseado no conto O Lago dos Cisnes. Na história original, uma jovem meiga e pura se encontra presa no corpo de um cisne branco, situação da qual apenas o amor verdadeiro pode libertar. A moça conhece um príncipe capaz de realizar o feito, mas a antagonista, o cisne negro, engana e seduz o rapaz, levando o cisne branco a cometer suicídio ao perder o amor. Thomás, o coreógrafo do espetáculo decide que uma só bailarina interpretará os dois papéis.

Nina é imediatamente cotada para o papel, mas é perfeita apenas para o cisne branco, pois não tem o perfil sedutor e ousado para o cisne negro. Com a chegada da nova bailarina, Lily, que possui tais atributos (e em contrapartida não é tecnicamente perfeita para o cisne branco), inicia-se uma competição implícita entre as duas.

Dessa forma, Nina busca se aproximar do coreógrafo com o objetivo de obter o papel principal e logo percebe que para isso precisa alcançar uma nova perfeição: manter-se pura, doce e com a técnica impecável e conseguir alternar para características de sedução, imprudência e vivacidade. Nesse

sentido, ela passa a não saber mais discernir fantasia e realidade, tendo alucinações e em seguida agindo de acordo com esse novo perfil, rebelando-se contra a mãe, saindo, bebendo e usando drogas, tendo experiências sexuais e sempre vendo Lily como um modelo de sua nova perfeição.

Em paralelo, Nina consegue manter o papel e, ao chegar atrasada no dia da primeira apresentação, vê Lily preparada para substituí-la. Em um dos intervalos, Lily vai até o camarim de Nina e elas começam a brigar, até que Nina esfaqueia Lily com um caco de espelho, esconde o corpo e segue para a apresentação. Entretanto, ao retornar percebe que não há corpo e que tudo foi uma alucinação, na qual ela esfaqueou a si própria, mas decidiu ignorar e voltar para dançar o último ato. Então o filme se encerra com Nina cometendo o suicídio previsto no espetáculo, com o ferimento se agravando e dando a entender que morre naquele momento.

**Figura 1.** Nina enforcando a si mesma em uma alucinação.



Fonte: Cisne Negro, 2010.

### **Análise Crítica**

A relação de Nina com sua mãe é apresentada, logo de cara nas primeiras cenas, de forma ambígua: da mesma forma em que existe um carinho, as feições sinistras de angústia no rosto de Nina e de Erica demonstram uma relação conturbada. A protagonista, de 28 anos de idade,



vive enclausurada em sua casa sob múltiplos mecanismos de vigília de sua mãe para mantê-la em um lugar infantilizado, reprimida sexualmente. Em seu quarto, seus bichos de pelúcia, sua caixinha de música e seus brinquedos a infantilizam e a colocam numa posição restrita de experimentar qualquer coisa no campo de sua própria sexualidade feminina e individual (ZALCBERG, 2011). Uma cena marcante é uma em que Nina, numa manhã, começa a se masturbar, mas para assim que vê que a mãe está dormindo na cadeira ao seu lado (repressão); depois tenta bloquear a porta para dormir sozinha, com um pedaço de madeira, mas a mãe escuta.

**Figura 2.** Nina se masturbando.



Fonte: Cisne Negro, 2010.

Quando pensamos na posição reprimida de Nina, é preciso entender as dicotomias em que ela se encontra. Fazer ballet é claramente influência da mãe e certamente pode ser visto como um mecanismo dessa mesma repressão. Porém, ao mesmo tempo, é a única coisa em que ela realmente consegue se sentir sendo capaz de tornar-se sujeito único e especial. Praticar essa dança fez com que ela buscasse tornar-se a melhor dançarina dentro da companhia e que, ironicamente, mostrou que a busca pela perfeição vai muito além da técnica em si. Ela se vê, então, vítima de uma mãe que

a restringe de viver uma vida particular, assim como se vê vítima de uma cultura que irá exigir dela uma posição que ela não se vê sendo capaz de ocupar no momento por falta de experiências humanas. A perfeição buscada é tomada, então, como algo inatingível, impraticável, já que ela está inserida em uma cultura com valores muito complexos à sexualidade - já que datam de uma longa história de repressão e violências, permissividades e proibições.

**Figura 3.** Erica sentada ao seu lado.



Fonte: Cisne Negro, 2010.

É nos indicado que existe um potencial latente reprimido que é exibido em algumas passagens alucinatórias, em que e Nina se vê representada em outras pessoas, ou em sua própria imagem, porém com feições e vestimentas diferentes, mais ousadas. É uma indicação da sua própria sexualidade, uma expectativa dos outros para que ela se torne uma pessoa “perfeita”, em que ela própria passa a se ver nessa busca sobre ela mesma, para que consiga aquele papel tão esperado de estrela principal do teatro. É importante destacar, no entanto, que a forma com que foi desperto esse “tornar-se mulher” foi conturbado, violento, desrespeitoso, e mais comum do que se pode imaginar. Uma mãe tratando uma filha de 28 anos como uma criança pequena é mais incomum, aos olhos dos

espectadores, do que as tentativas de estupro que Thomas (o diretor) faz, mesmo que “em nome da arte”.

Os assédios sofridos por Nina reforçam a ideia de vulnerabilidade em que ela se encontra, assim como demarcam, com um tom naturalizante, a posição de poder em que o diretor está. A própria Nina o defender tem como objetivo mostrar que ele está isento de qualquer julgamento e que isso o coloca numa posição de poder muito forte. Sua chegada e presença no local de ensaio demarca o receio das dançarinas de serem castigadas de alguma maneira, sendo recorrente histórias de assédio o envolvendo, já que não existe nenhuma iminência de punição que o faça desistir de comportar-se sempre dessa maneira. Ao final do filme, Thomás chama Nina de “minha pequena princesa” - apelido que ele tinha dado exclusivamente à Beth - mostrando que ele realmente não se importa quem vai assumir o papel principal de sua peça, desde que esta seja submissa a ele.

Constituída então nesse contexto de repressão, pureza, ingenuidade e alta performance relacionada ao ballet, Nina tem seu sentido de perfeição abalado quando precisa deixar de ser perfeita para ser perfeita: deve não ser mais só a bailarina ideal culturalmente forjada, mas também ser a dançarina sedutora, antagonista e imperfeita. Uma vez que já tem a primeira metade do objetivo, deve conciliar o exato oposto e expressar essa nova personagem, como analisado por Zalcberg: “Thomas opõe a ingenuidade e a sensualidade femininas em sua ‘nova versão’ do balé” (2011, p.3). E já que não possui um referencial próprio do novo objetivo, vê em Lily - a bailarina recém-chegada de São Francisco - o modelo de espontaneidade, sensualidade, energia e “perfeita imperfeição” (ZALCBERG, 2011).

Nesse cenário é possível imaginar a barreira que existe entre Nina e a capacidade de se ver nesses dois perfis, o que pode ser uma porta aberta para as alucinações, em especial

as que ora vê Lily ou outras pessoas em situações imorais e momentaneamente vê a si própria no lugar dessas pessoas.

Para essa análise - e como o objetivo da personagem -, um dos pontos centrais é o desenvolvimento imediato da quase inexistente atividade sexual de Nina. Orientando-se ao que Ceccarelli (2012) descreve sobre a sexualidade nos mitos, que influenciam os conceitos elaborados socialmente hoje, ela busca mostrar um perfil normalmente reprimido, voltado para a imoralidade, prazer e pecado. A fim de conseguir o papel a todo custo, a dançarina se aproxima de Thomás, que fala sobre experiências sexuais e a incentiva a se masturbar e ter outras vivências do tipo, a fim de estimular seu lado desinibido:

Thomás: *Você não é virgem, é?*

Nina: *Não...*

Thomás: *Não precisa ficar envergonhada. E você gosta de fazer amor?*

Nina: *Desculpe...*

Thomás: *Ora, vamos, sexo. você gosta? Nós precisamos estar aptos para falar sobre isso. Tenho um dever de casa para você. Vá para casa e se toque.*

Em outro momento semelhante, Thomás manda Nina dançar a coreografia sozinha com ele. O coreógrafo a beija, tocando seus seios e suas partes íntimas, e interrompendo o contato abruptamente diz: *"Isso fui eu te seduzindo, preciso que seja o contrário"*.

Ainda sobre a vida sexual de Nina e o objetivo imposto de atingir a sensualidade, é possível mencionar a cena em que Beth, a ex-estrela da companhia de dança, considerada velha e ultrapassada, a questiona sobre como ela conseguiu o papel:

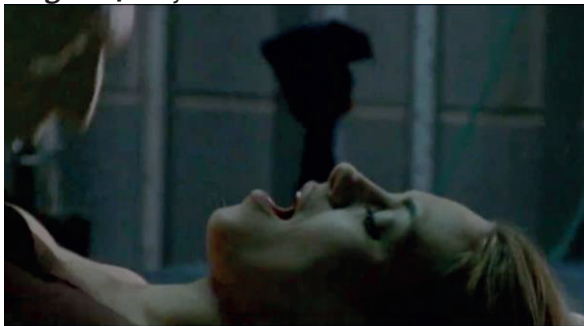
Beth: *O que você fez para conseguir esse papel? Ele sempre disse que você era 'uma menininha tão frígida'. O que você fez para ele mudar de ideia? Chupou o pau dele?*

Nina: *Nem todas fazem isso.*

Beth: *"Sua putinha de merda.*

Por fim, faz-se necessário destacar a noite anterior à apresentação, em que Lily vai à casa de Nina e a convida para sair, a mãe manda Nina ficar em casa, mas ela desobedece e vai com Lily para um bar. Após um diálogo e interações com o garçom e outros homens no local com certa conotação sexual, Nina aceita uma bebida com ecstasy, dança desinibidamente até tarde e após chegar em casa e enfrentar a mãe, transa com Lily em seu quarto, ainda que descubra no dia seguinte que a última parte não foi real. De forma semelhante, ao ensaiar sozinha no estúdio as luzes se apagam, vai conferir o que aconteceu e vê Thomás transando com Lily, mas logo em seguida vê a si mesma no lugar dela.

**Figura 4.** Lily e Thomás no estúdio de ballet.



Fonte: Cisne Negro, 2010.

**Figura 5.** Nina e Thomás no estúdio de ballet.



Fonte: Cisne Negro, 2010.

É interessante notar a forma como a dicotomia representada por perfeição/imperfeição, pureza/depravação, controle/imprudência é retratada pelo uso de cores e outros símbolos. Inicialmente existe a separação entre o claro e o escuro: Nina, que é pura e perfeita, está sempre de roupas claras e cabelos presos, a decoração de seu quarto é em tons de branco e rosa e complementada com bonecas e bichos de pelúcia, enquanto as demais pessoas que são impuras, especialmente as que, como Lily, representam a sensualidade e indecência, usam roupas escuras e cabelos soltos. A exemplo disso existe a já mencionada tentativa inicial de Nina pedir o papel a Thomás, momento no qual ela solta os cabelos e passa batom vermelho. Uma cena que representa o momento em Nina começa a superar seu lado puro é quando acorda atrasada para o ensaio no palco, após a noite vivida e fantasiada com Lily, e ao chegar no estúdio vê Lily dançando em seu lugar, agora usando roupas pretas. Em seguida, Nina volta para casa irritada e joga fora todos os seus bichos de pelúcia, como se não pudesse mais voltar a ser pura e inocente.

**Figura 6.** Nina antes e depois da transformação.



Fonte: Cisne Negro, 2010.

Com essa transformação mais evoluída, durante a primeira apresentação Nina comete uma falha ao interpretar o cisne branco, mas se apresenta perfeitamente como cisne negro, com os olhos vermelhos, linguagem corporal enérgica, maléfica e penas que se tornam asas completas no lugar dos braços - e ainda beija Thomás no final, na frente de todos. O desfecho da história está alinhado com esse movimento: em um dos intervalos Nina briga com Lily (sem saber que a briga é consigo mesma, Lily como a representação de seu perfil imoral), mas Lily se torna visualmente a própria Nina, de cisne negro, afirmando "é a minha vez". Nina revida e esfaqueia Lily com um caco do espelho e esconde o corpo para o banheiro, saindo vitoriosa da disputa, mas em seguida percebe que esfaqueou a si própria, matando sua versão puramente perfeita. Na cena final, consciente de que ela e a fantasia de Lily foram uma só, atinge o que aqui chamamos de ambiguidade, o seu objetivo inicial de ser perfeita e imperfeita ao mesmo tempo, dizendo "me senti perfeita". No entanto, denotado por sua perda de noção da realidade e, conseqüentemente, da própria vida, vivenciar essa ambiguidade é algo insustentável, gerando o cenário de que "Nina dança à perfeição a perda de si mesma" (ZALCBERG, 2011, p. 4).

## Considerações Finais

A escolha da temática “dicotomia” e “ambiguidade” teve como objetivo, nesta análise de *Cisne Negro*, evidenciar uma passagem e uma transformação da protagonista de um momento para um outro. É a partir das outras pessoas ao seu redor - sua mãe, o diretor, a Lily, ou até Beth - que Nina se encontra em profundo conflito consigo mesma. São as demandas dessas outras pessoas que moldam a maneira com que ela lida com sua própria sexualidade, e com suas próprias atitudes.

Num primeiro momento, Nina assume um papel único, inocente, com uma sensualidade apenas latente, sem meios de emergir. Há então, uma heterogeneidade entre essas duas personalidades, uma dicotomia em que uma não pode existir junto à outra. Na realidade contemporânea é possível notar que as pessoas vivem em uma complexidade, estando cada indivíduo em um ponto de diversos espectros que se cruzam, a exemplo do possível espectro “recatamento” - “libertinagem”. Para a personagem, no entanto, como teve seu desenvolvimento pautado em apenas um dos extremos, de acordo com o que já foi exposto, vivenciar e assimilar a ambiguidade e a complexidade é insustentável, não cabendo o reconhecimento de si própria no outro extremo. É nesse e em diversos pontos da história de Nina que é possível refletir acerca de um dos possíveis impactos da repressão sexual.

Por fim, o filme consegue passar de uma forma muito visceral o suspense, o pânico e o terror que Nina passa durante os momentos em que se encontra nessa posição de ambiguidade e de confusão a respeito das demandas daqueles que estão à sua volta. São abordados temas muito importantes para a discussão a respeito da educação sexual, considerando que a reclusão e a dificuldade em experimentar a sua própria sexualidade vem, normalmente, do não acesso às informações. A falta de recursos dentro das escolas e, conseqüentemente,



na sociedade no geral, é fruto histórico de procedimentos de punição, castigos, ameaças, fazendo com que o sujeito “transgressor” possa apenas ocultar estes afetos, que de forma latente e com o tempo, traz uma série de problemas ao sujeito, como vimos ao longo do filme.

## Referências

CECCARELLI, P. R. Mitos, sexualidade e repressão (1). **Ciência e Cultura**, v. 64, n. 1, p. 31-35, 2012.

CISNE NEGRO. Direção: Darren Aronofsky. Estados Unidos: Fox Searchlight Pictures, 2010. (108 min.)

CHAUÍ, M. **Repressão sexual**: essa nossa (des)conhecida. São Paulo: Brasiliense, 1984.

DE ARAÚJO, M. L. M. Sexualidade: (re) pensando a repressão. **Revista Brasileira de Sexualidade Humana**, v. 8, n. 2, p.230-237, 1997.

FOUCAULT, M. **Microfísica do Poder**. 26 ed. São Paulo: Graal, 2013.

MASTERS, W.; JOHNSON, V. **A conduta sexual humana**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1976.

MASTERS, W.; JOHNSON, V. **A incompetência sexual**. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 1976.

THOMPSON, J. B. **Ideologia e cultura moderna**: teoria social e crítica na era dos meios de comunicação de massa. Petrópolis: Vozes, 2000.

WEBER, M. **L'éthique protestante et l'esprit du capitalisme**. Paris: Flammarion, 1904.

ZALCBERG, M. Cisne Negro: perdendo-se na perfeição. Em: **Opção Lacaniana**, online nova série. Ano 2, n. IV, p.1-10, mar./2011. Disponível em: <<http://www.opcaolacaniana.com.br/texto8.html>>. Acesso em: 13 mar. 2022.

## Capítulo 13

# **KAKEGURUI: RETRATOS MIDIÁTICOS DA ADOLESCÊNCIA**

George Miguel Thisoteine  
Brenda Sayuri Tanaka  
Ana Cláudia Bortolozzi  
Andre Gellis

### **Introdução**

O estudo sobre o desenvolvimento pode se dar em diferentes tipos de pesquisa. Podem ser feitas pesquisas de coorte ou transversal, onde se estudam o efeito de um fator ou se medem ele ao longo do tempo. Uma pesquisa de ensaio clínico pode analisar em profundidade um fenômeno do desenvolvimento, uma pesquisa de revisão sistemática pode trazer como e quanto um fenômeno é expressivo. Assim, de modo geral, o campo do desenvolvimento humano se constitui de forma plural, visando encontrar respostas sobre as variações e instabilidades inerentes à vida em seus diferentes ciclos (PAPALIA, FELDMAN, 2013).

Dentro do campo das pesquisas qualitativas, a análise de mídias se destaca, pela produção de materiais que dialogam e destacam fatores específicos e críticos (SPAZIANI, MAIA, 2012). Além disso, as mídias vêm se tornando mais relevantes em serem foco de estudos após a ampliação das redes de comunicação em sua dimensão digital. Anacleto e Maia (2009) defendem que discutir um assunto a partir de uma produção midiática (filmes, séries, propagandas) favorece reflexões importantes, seja para compreender características próprias de cada fase da vida

ou para a promoção da Educação Sexual, principalmente de adolescentes, uma vez que eles estão fortemente influenciados pelas mídias sociais.

Grandes estudos apontam a problemática entre a adolescência e as mídias, meninos e meninas estão submetidos a um meio onde padrões são apresentados como objetos tanto de desejo como consumo. As relações estabelecidas na vida social não permitem muitas vezes que os jovens distingam com clareza a diferença entre si e os objetos de consumo e isso influencia na construção da sua identidade, bem como da autoestima (ANACLETO, MAIA, 2009).

Nesse sentido, as mudanças vividas na “imagem corporal e a outras ansiedades associadas à puberdade e com as transições para as últimas séries do ensino fundamental ou para o ensino médio” (PAPALIA, FELDMAN, 2013, p.426) são fatores de risco, que amplificam os aspectos da vida social que podem afetar a construção da identidade, e por consequência o desenvolvimento. Papalia e Feldman (2013) apontam que as meninas mais do que os meninos apresentam problemas na construção de autoestima, o que é influenciado tanto pela estrutura machista e patriarcal da sociedade, como por características intrínsecas à formação da identidade (estado da identidade, etnia, orientação sexual, gênero, relações com o família e grupos sociais) e tudo isso é influenciado pelo tipo de mídia veiculada e consumida pelos jovens.

Essa busca sobre a identidade é parte central das características desenvolvimento na adolescência, e por isso tão fundamental. O psicanalista Erik Erikson (PAPALIA, FELDMAN, 2013) definiu como busca coerente do ego, que ganha foco na adolescência e que possui como características: metas, valores e crenças, pelos quais o adolescente irá compreender o processo de amadurecimento nessa busca. Assim, a principal tarefa da adolescência é a crise de identidade *versus* confusão de

identidade, ou confusão de identidade *versus* confusão de papel na busca de (i) se tornar um adulto singular, (ii) possuir um papel valorizado socialmente e (iii) com uma percepção coerente do próprio *self*. Desse modo, concluem as autoras que a “identidade, segundo Erikson, forma-se quando os jovens resolvem três questões importantes: a escolha de uma *ocupação*, a adoção de *valores* sob os quais viver e o desenvolvimento de uma *identidade sexual satisfatória*” (grifos dos autores, p.422).

Ocupação, valores e identidade sexual satisfatória são os elementos que orbitam as crises e conflitos na adolescência a partir da perspectiva do desenvolvimento psicossocial, linha derivada do trabalho de Erikson. Por isso, a identidade sexual (de gênero e a orientação sexual), o corpo e a sociabilidade em pares tornam-se dimensões fundamentais.

### ***Afirmção da identidade***

Durante o século XX a sexualidade se tornou um tema mais comum na vida das pessoas (BOCK, 2001; PAPALIA, FELDMAN, 2013). O avanço da tecnologia permitiu inclusive as pessoas se comunicarem, interagirem e, sobretudo, criarem relacionamentos episódicos e duradouros, mais do que em outras épocas. Nesse sentido, as formas de expressar a sexualidade, apesar das pressões sociais, se tornaram mais plurais e frequentes.

Assim, com o aumento das interações sociais, os adolescentes, mais do que as crianças, vêm-se em busca de um aspecto importante da identidade: a identidade sexual. A identidade, nesse aspecto, é formada por dois fatores fundamentais: o *gênero*, enquanto identidade consciente (instituída) e inconsciente (constituída) do adolescente; e sua orientação sexual que, a partir do gênero, corresponde com as expectativas de si e sobre si estabelecidas por meio

da constituição de um comportamento sexual socialmente reconhecido. “Ver-se como um ser sexual, reconhecer a própria orientação sexual, chegar a um acordo com as primeiras manifestações da sexualidade e formar uniões afetivas ou sexuais, tudo isto faz parte da aquisição da identidade sexual” (PAPALIA, FELDMAN, 2013, p.427).

Na adolescência, a *orientação sexual* de uma pessoa se torna uma questão importante, pois isso define como ela se relaciona com os pares, uma vez que o comportamento e interesse sexual se tornam cada vez mais intensos e uma grande fonte de interesse. A orientação varia por diferentes fatores que podem até serem medidos: atração, excitação sexual, excitação romântica e comportamento sexual (PAPALIA, FELDMAN, 2013).

Porém, é necessário enfatizar que não “há uma rota única para o desenvolvimento da identidade e do comportamento homossexual ou bissexual” (PAPALIA, FELDMAN, 2013, p.429) e mesmo para pessoas assexuais, transexuais ou não binárias. E, ainda as autoras apontam que devido às problemáticas - estigmas, preconceitos e marginalização das identidades - a falta de reconhecimento e

de formas socialmente aprovadas de exploração da sexualidade, muitos adolescentes homossexuais experimentam a confusão de identidade. (...) [Os jovens] que são incapazes de estabelecer grupos de pares que compartilhem sua orientação sexual podem lutar contra o reconhecimento das atrações pelo mesmo sexo (PAPALIA; FELDMAN, 2013, p.429).

O que redundaria na construção de fatores de risco, ou seja, a marginalização do processo de identidade vivido na adolescência, coloca esses em uma posição muito mais delicada do que a falta de prestígio social, que por si só já seria um fator problemático. Na realidade, esses jovens que não conseguem assumir suas identidades em grupos e em

atividades construtivas, tendem a viverem situações de risco tanto físico como psicológico, que poderia ser resumido na vulnerabilidade vividas na sua saúde sexual e reprodutiva. Essa é definida pela Organização Mundial de Saúde (p.11, 2020) como:

A saúde sexual hoje é amplamente compreendida como bem-estar físico, emocional, mental e social relacionado à sexualidade. Ela engloba não só aspectos específicos da saúde reprodutiva, [como tornou-se] claro que a sexualidade humana inclui diversas formas de comportamentos e expressões e que o reconhecimento da diversidade de comportamentos e expressões sexuais contribui para a sensação geral de bem-estar e saúde das pessoas.

Assim, nota-se como a questão da identidade está fortemente marcada durante o período da adolescência, e se relaciona com a garantia (ou não) de uma saúde sexual e reprodutiva dos jovens nesta fase do desenvolvimento.

### ***Vínculos: pares e família***

A formação dos grupos é de grande importância para os adolescentes. É nesse período que a sociabilidade e os amigos crescem mais do que em qualquer outro período da vida (PAPALIA, FELDMAN, 2013). A relação com os pais se torna menor, é um conflito entre liberdade excessiva e intromissão excessiva, em que a solução varia de família para família. Os adolescentes também se distanciam de seus irmãos, estão em busca de relações mais horizontais e recíprocas, por isso também mesmo que de idades próximas há um afastamento desses e de outros membros familiares.

Na adolescência se constrói um novo tipo de relação social, diferente das relações pessoais íntimas e das *panelinhas*, são as turmas (PAPALIA, FELDMAN, 2013). As turmas são grupos sociais onde reina uma espécie de

anonimato, mediante a confidencialidade e uma certa horizontalidade vivida pelos jovens. É ao mesmo tempo importante para eles essa vivência, mas também na ausência de uma educação sexual formal, um espaço de grande risco para suas vivências.

A educação sexual formal permite aos jovens mais do que compreender sobre sexo e a reprodução, ela os instrumentaliza sobre os riscos de práticas sexuais não seguras e as consequências que essas práticas poderão ter sobre suas vidas (MAIA, RIBEIRO, 2011). De fato, as consequências negativas relacionadas a saúde sexual que a participação de turmas podem ter para os adolescentes quando estes não estão bem informados pode ser de todos os tipos: ISTs, gravidez precoce, comportamentos antissociais, abandono escolar e perda de projeto de vida (BOCK, 2001; PAPALIA, FELDMAN, 2013).

### ***Corpo: padrões estéticos e autoestima***

Por que os adolescentes tornam-se sexualmente ativos precocemente? A entrada precoce na puberdade, mau desempenho escolar, falta de objetivos de carreira, negligência familiar, histórico de violência sexual e até padrões culturais podem ser alguns dos fatores relacionados.

Infelizmente, muitos adolescentes obtêm grande parte de sua 'educação sexual' dos meios de comunicação, os quais apresentam uma visão distorcida da atividade sexual, associando-a a diversão, excitação, competição, perigo ou violência, raramente mostrando os riscos das relações sexuais desprotegidas (PAPALIA, FELDMAN, 2013, p. 431).

Além disso, os adolescentes expostos a conteúdo televisivo altamente sexual, apresentam duas vezes mais chances de vivenciar a gravidez precoce, apresentar problemas de violência no namoro e outros

comportamentos sexuais de risco (PAPALIA, FELDMAN, 2013). Isso também é reflexo da autoestima desses adolescentes, sendo um fator igualmente importante da sua formação a relação com os pais, onde os que possuem relações fortes e saudáveis com os pais “permanecem em sintonia com a maneira pela qual os jovens veem a si mesmos, que permitem e encorajam seus esforços para adquirir independência e constituem um porto seguro nos momentos de tensão emocional” (PAPALIA, FELDMAN, 2013, p.435).

A construção da relação entre corpo e autoestima passa pela identidade e a concretização dessa de uma forma realizada, que permita o adolescente se proteger de estigmas e preconceitos (BOCK, 2001). A realização dessa identidade fortalece a autoestima e torna o adolescente menos vulnerável a padrões que invalidam ou inferiorizam a sua relação com o próprio corpo, o que se estabelece como um fator de proteção.

No entanto, as mídias apresentam ainda muitos riscos para a construção da autoestima dos adolescentes. A *Netflix* é uma plataforma de vídeos de *streaming*<sup>1</sup> que apresenta uma política clara de promoção da diversidade (NETFLIX, 2022); entretanto, algumas produções ainda feitas e promovidas pela empresa apresentam-se como formadoras de padrões disfuncionais para o público como também de risco. É o caso da série *Kakegurui*, da qual será discutida a primeira temporada e apresentada por um viés crítico que explicita os valores sexuais pertinentes para a formação de uma identidade de risco para os jovens que dela usufruem.

---

<sup>1</sup> Meio de fluxo contínuo de mídia por uma plataforma que permite a transmissão contínua em formato digital



## Vídeo Analisado

Tipo de Material	Série
Título Original	<i>Kakegurui</i>
Nome Traduzido	Não há
Gênero	(drama/escolar/suspense psicológico)
Ano	2017
Local de lançamento e Idioma original	Japão, japonês.
Duração	12 episódios
Direção	Yuichiro Hayashi e Yasuko Kobayashi

Inspirado em um mangá<sup>2</sup> homônimo, *Kakegurui* é um anime produzido pelo estúdio Mappa e exibido pela plataforma *Netflix*, tendo como cenário a Academia Hyakkao, um colégio particular de ensino médio no qual as interações sociais baseiam-se em apostas com jogos de azar. Considerando que o colégio é frequentado por filhos e filhas de pessoas muito influentes e ricas do Japão, as apostas envolvem sempre quantias de dinheiro muito altas.

Os jogos são monitorados pelo Grêmio Estudantil, que instituiu uma hierarquia social segundo a qual os 100 principais perdedores deixam de ser humanos e viram bichos de estimação (os meninos tornam-se totós e as meninas, vira-latas). Os bichos de estimação têm o direito de propor partidas oficiais, quando grandes quantias estão em jogo, para pagar suas dívidas; mas raramente conseguem ganhar e voltam a ser humanos. Os humanos, por sua vez, são obrigados pelas regras da escola a maltratarem os bichos.

Yumeko Jabami, a protagonista da série, é uma estudante transferida que acaba de chegar no colégio. Ela se

---

<sup>2</sup> Histórias em quadrinho cujo estilo e estética são característicos da cultura japonesa.

mostra muito entusiasmada ao conhecer a Academia e passa a se envolver com as apostas, primeiramente jogando com Mary Saotome (de quem se aproxima, juntamente com Ryota Suzui) e depois desafiando diferentes membros do Grêmio Estudantil (Yuriko Nishinotouinuma, Midari Ikishima, Kaede Manyuda e Kirari Momobami). Todos sempre parecem admirados com as habilidades de Yumeko e o prazer que ela sente através das apostas, divertindo-se ao aceitarem seus desafios, mas acabam sendo levados a seus limites e confrontados com suas fragilidades emocionais.

### **Análise Crítica**

Esta análise propõe-se a discutir diferentes fatores do desenvolvimento que podem ser caracterizados tanto como fatores de proteção quanto de risco, mas que, na apresentação da série *Kakegurui*, mostram-se enquanto desfavoráveis ao desenvolvimento saudável no período da adolescência.

Com relação à protagonista, Yumeko Jabami, nota-se que a personagem não apresenta uma história prévia. Apesar de outros personagens questionarem-se sobre ela e até mesmo fazerem a ela perguntas sobre sua vida pessoal que não são respondidas, o pouco que se sabe é que Yumeko mora sozinha após a morte de seus pais e sua parente mais próxima é a irmã mais velha, que está internada em uma instituição paga pela própria Yumeko. Assim, a história da protagonista não é colocada em um lugar de importância para a construção da personagem e seu desenvolvimento na Academia, apesar das altas quantias de dinheiro que demonstra possuir e que não tem uma origem determinada, mas permitem com que ela ocupe este espaço social e participe das apostas.

Dessa forma, o que ganha destaque na construção da protagonista são suas habilidades e características de

personalidade. Yumeko parece sempre muito inocente, apesar de constantemente apostar grandes valores e vencer os jogos de azar com estratégias perspicazes. Por conta de sua percepção aguçada, a protagonista parece ser muito inteligente, já que sempre descobre as trapaças de seus oponentes. É considerada por muitos como uma jogadora compulsiva<sup>34</sup> (o que se relaciona com o título em japonês), sendo que a própria Yumeko chega a dizer que se atrai pelos jogos de azar por não gostar da certeza de saber se vai ganhar ou perder e é explícito o prazer erótico que sente ao apostar.

A protagonista chega a se tornar uma vira-lata, após perder uma aposta para Yuriko Nishinotouinuma, do grêmio estudantil, porém não se abala como quando isso acontece com outros estudantes. Enquanto era humilhada por meninas de sua turma após deixar de ser considerada humana, Yumeko chega a imitar uma gata e pedir patrocínio às meninas para que continue alimentando seu vício por apostas. As personagens secundárias, então, chamam-na de louca e saem correndo. Nesta cena, é interessante observar que, ao Yumeko assumir a posição social inferior que as demais pessoas a colocaram, ela acaba por desestabilizar as pessoas que supostamente seriam superiores.

As situações de aposta, por mais arriscadas que sejam, são romantizadas pela capacidade intelectual de Yumeko para descobrir as trapaças e se beneficiar nos jogos, passando a impressão de que nada pode acontecer com a protagonista e afastando de sua representação qualquer chance de perigo. Isso é ressaltado em cenas nas quais, mesmo diante do risco de estupro ou de morte, Yumeko não demonstra medo e nem se importa de provocar as demais pessoas envolvidas. Tendo em vista uma perspectiva de

---

<sup>3</sup> Kirari Momobami: “Não é dinheiro que a motiva, o modo mais simples de controlar as pessoas não vai funcionar com ela” (Episódio 5).

<sup>4</sup> Em algumas cenas, tanto Yumeko quanto outros personagens parecem adquirir traços demoníacos e assustadores.

desenvolvimento humano, a inconseqüência das atitudes que a protagonista exibe podem ser consideradas um fator de risco, já que poderia influenciar espectadores adolescentes a se exporem em situações de perigo por não compreenderem as possíveis conseqüências negativas.

Outro personagem que é predominante na série, mas assumindo uma posição social diferente em comparação com Yumeko, é Ryota Suzui. Ele é representante de sua turma, mas também um estudante que vivencia fracasso social por não possuir amigos e ser constantemente humilhado após se tornar bicho de estimação de Mary Saotome. Ryota deixa de ser um bicho após aceitar um dinheiro emprestado por Yumeko, o que não necessariamente o faz passar a ter uma personalidade dominante diante dos demais estudantes da escola.

Após essa aproximação gerada pela ajuda de Yumeko, Ryota passa a acompanhá-la em seus envolvimento com os jogos de azar, sempre tentando controlar sua impulsividade com as apostas. Apesar de se angustiar com os riscos que Yumeko se submete com as apostas, Ryota não deixa de estar ao seu lado e acaba até se apaixonando e se declarando à protagonista. Este personagem traz consigo uma representação que vincula tentativas de cautela e bom senso com desaprovação e exclusão social, já que Suzui nunca é bem sucedido ao aconselhar Yumeko, que acaba tendo mais popularidade que ele por sua imprudência. Vê-se, assim, o antagonismo que é construído entre as personalidades de Ryota e Yumeko.

Quando passamos a analisar os vínculos sociais que são constituídos na série, tem-se que o Grêmio Estudantil é o grupo mais popular e influente da Academia, sendo que seus membros são pessoas muito respeitadas e temidas pelos demais estudantes. O Grêmio tem o poder, inclusive, de decidir sobre as vidas dos bichos de estimação que não conseguirem pagar por suas dívidas, como é o caso de Mary

Saotome<sup>5</sup> que, após se tornar uma vira-lata, recebe um documento determinando que deveria se casar e ter filhos com um político influente.

Mary é uma personagem popular, mas que se sente ameaçada pela chegada de Yumeko na escola, já que seu bicho de estimação é designado a apresentar o colégio para a novata. Ao desafiar a estudante transferida para um jogo de apostas, Saotome perde uma enorme quantia e se torna ela mesma um bicho de estimação, sendo humilhada pelos demais estudantes. Mary passa a tentar pagar sua dívida para recuperar sua influência na escola, envolvendo-se com mais apostas e se endividando ainda mais. Seu percurso durante a série mostra como as influências do círculo social podem levar a comportamentos de risco pela busca por aceitação.

Após jogar com Yumeko em um “saldão de dívidas” promovido pelo Grêmio Estudantil, Mary deixa de ser uma vira-lata e se torna amiga de Yumeko. Com esses acontecimentos, Mary se enfurece com o sistema de bichos de estimação e chega até mesmo a recusar um lugar no grêmio estudantil ao perceber que a presidente vê esses estudantes como uma “raça inferior”. O desenvolvimento da personagem para um caminho de maior consciência sobre as relações que se estabelecem no colégio é significativo, porém fica relegado a um plano secundário já que Mary só voltou a ser humana pela ajuda de Yumeko. Mary, assim como Ryota, é mais uma personagem que tenta lidar com a impulsividade da protagonista, ao demonstrar mais sensatez.

Midari Ikshima também é uma personagem onde se percebe o quanto as relações sociais são influentes no contexto da Academia. A princípio, ela não via graça nos jogos pois não tinha medo de perder dinheiro e por isso era

---

<sup>5</sup> Mary Saotome: “A sua vida fica sob controle do grêmio e até arranjam alguém pra você se casar. No fim das contas, um bicho de estimação paga com a própria vida” (Episódio 4).

tão boa nas apostas, até chegar ao ponto de se endividar com o Grêmio Estudantil. Por conta desta dívida, a presidente do Grêmio diz a Midari preferir que pessoas como ela “paguem com suas vidas” e, após contar nunca ter visto a parte de trás da órbita de um olho humano e relacionar o valor do órgão sensorial com o preço da dívida, leva Midari a perfurar seu próprio olho para agradá-la<sup>6</sup>. A presidente elogia o feito de Midari e a convida para entrar no Grêmio Estudantil, mas a personagem recusa. A presidente, então, convence-a jurando que, se ela concordasse, um dia a mataria, algo que gera uma grande excitação em Midari.

A partir de então, Midari não perde seu tempo apostando com “uma coisa idiota como dinheiro”, suas apostas sempre envolvem sua própria vida e a personagem está sempre acompanhada de uma arma. Em todas as cenas, ela se envolve com situações de violência que são romantizadas por se relacionarem a uma demonstração de prazer muito grande, já que é nítida a excitação sexualmente que Midari sente pelo risco de perder sua própria vida, uma vez que a perda de dinheiro não a afeta.

A primeira aparição significativa de Midari acontece quando Yumeko está prestes a ser estuprada por três garotos. Midari oferece transar com um dos valentões no lugar de Yumeko se sua arma não disparar, o que acaba assustando os meninos, que fogem. A cena seguinte mostra Midari ansiosa, apostando consigo mesma sentada no banheiro e apontando a arma para a própria cabeça. Ao puxar o gatilho, a arma não dispara, mas o risco pela possibilidade de ser atingida causa um grande prazer em Midari, que se masturba ainda com a arma na mão. Após apostar com Yumeko, Midari passa a ter uma forte obsessão

---

<sup>6</sup> Midari Ikishima: “Agora eu compreendo, essa dor é o verdadeiro significado de apostar”.

pela protagonista pelo prazer proporcionado nas interações de aposta entre elas.

O comportamento antissocial do jogo e a busca incessante por prazer através do risco de perder a própria vida que Midari demonstra beiram a alusões de delinquência juvenil. Este é o caso quando Midari sequestrou Yumeko e Ryota, ameaçando-os e obrigando a protagonista a apostar sua vida em jogo. Dessa forma, esta personagem é mais uma representação de como a inconsequência das ações parecem gerar sentimentos positivos e de intensa satisfação, porém também são fatores de risco ao desenvolvimento saudável. Chama a atenção o fato de que esta é uma das personagens mais populares do anime, já que as cenas que a envolvem são sempre muito chocantes e prendem a atenção do público.

Por fim, o último personagem aqui analisado é Kaede Manyuda, outro membro do Grêmio Estudantil. Kaede aceita uma partida oficial desafiada por Yumeko, iniciando o jogo em vantagem por aparentar possuir mais dinheiro que ela. Durante as apostas, há um flashback da infância deste personagem em que ele está conversando com seu pai, que o diz para seguir um “caminho nobre”, já que o dinheiro é o que controla toda a nação e ele no futuro será o vice-ministro das finanças em seu país.

Por isso, era importante para Kaede entrar para o Grêmio Estudantil e manter sua posição de importância no colégio até um dia conseguir se tornar presidente. Kaede chega a apostar sua própria vida na partida com Yumeko, mas acaba perdendo e sendo expulso do Grêmio. Em seguida, a cena mostra Kaede desmaiado e sendo socorrido, com os cabelos brancos, como sinal do colapso nervoso pelo qual passou após os acontecimentos. Nota-se nesse personagem a influência negativa que as cobranças familiares podem acarretar na vida de um adolescente.

## Considerações Finais

Através das análises feitas, observa-se que o contexto no qual a série se passa tem como fator principal a relação dos personagens com o dinheiro e com a posição social que passam a ocupar no colégio, seja de superioridade ou inferioridade. Nas regras do colégio, tudo se resume a se o estudante é um bom jogador ou não<sup>7</sup> e o ambiente escolar, que deveria ser um local promotor de desenvolvimento, mais se aproxima a um cassino. Nota-se também que as relações estabelecidas, por se basearem em jogos de apostas, são perversas e pautadas na manipulação, já que os oponentes sempre tentam trapacear ou contam com a ajuda de pessoas que manipulam o jogo.

Além disso, acrescenta-se também que os corpos representados na série, principalmente os femininos, são constantemente expostos e erotizados. A abertura da série mostra as principais personagens em posições sexualizadas e provocantes, que claramente objetificam os corpos femininos; sem mencionar o fato de se tratar de um cenário de jantar, o que pressupõe o consumo (literal e figurado) desses corpos. Este consumo dos corpos para o prazer é ressaltados nos momentos em que as apostas deixam de ser baseadas no dinheiro e passam a envolver os corpos, como é o caso das unhas de Yumeko ao apostar com Itsuki Sumeragi, e até mesmo a própria vida, como quando joga com Midari Ikishima.

Portanto, a série *Kakegurui* apesar do grande alcance de público e audiência alcançado desde 2017, mostra como uma influência de fatores capitalistas que está presentes na vida dos adolescentes, levando a interações pautadas no dinheiro. Se na série isso se apresenta de forma figurada por uma fantasia

---

<sup>7</sup> Yumeko Jabami: “A loucura é a essência das apostas, não é? Na sociedade capitalista, o dinheiro e a vida são a mesma coisa” (Episódio 1).



escolar, por outro lado pode influenciar em relações não saudáveis para os adolescentes que assistem. Na vida real, é inegável a influência do capitalismo na vida dos adolescentes, porém essa influência necessita ser pautada de forma mediada pela educação, em prol dos seus desenvolvimentos pessoais. A série, de outro modo, coloca em jogo suas identidades e sexualidades nas relações com pares, pois as orienta para a busca pelo prazer através do risco.

## Referências

BOCK, A. M. **Psicologias**: uma introdução aos estudo de psicologia. São Paulo: Saraiva, 2001.

CABRAL, A.; NICK, E. **Dicionário técnico de psicologia**. São Paulo: Cultrix, 1996-97.

MAIA, A. C. B.; RIBEIRO, P. R. M. Educação sexual: princípios para ação. **Doxa**, v.15, n.1, p.75-84, 2011.

NETFLIX. Disponível em: <[https://about.netflix.com/pt\\_br/news/netflix-inclusion-report-2021](https://about.netflix.com/pt_br/news/netflix-inclusion-report-2021)>. Acesso em: 30 de jan. 2022.

PAPALIA, D. E.; FELDMAN, R. D. **Desenvolvimento humano**. Porto Alegre: Artmed, Ed. 13, 2013.

ORGANIZAÇÃO MUNDIAL DA SAÚDE (OMS). **Saúde sexual, direitos humanos e a lei**. Porto Alegre: UFRGS, 2020.

## Capítulo 14

# DISCUSSÕES SOBRE TRANSGENERIDADE A PARTIR DA SÉRIE SENSE8

Gabriel Filipe Duarte Amaral  
Matheus Cascone Campos Dias  
Tainara Miranda de Araujo

### Introdução

Primeiramente, é preciso deixar claro que o que conceitua um gênero, enquanto um fenômeno, enquanto um dos aspectos que marcam a vivência de um indivíduo, trata-se de um conjunto de conceitos e, por que não, acordos e entendimentos que variam de acordo com a época e também de acordo com a região que se toma para observação e análise (BUTLER, [1996] 2019). Isso quer dizer, também, que as expressões de gênero que marcam a vivência a partir desses determinantes são igualmente construtos sociais datados e localizados.

Ainda, a experiência de gênero é marcada por esse conjunto de preceitos que encerra, no sentido de que, na prática, na vivência do dia a dia, o indivíduo vive “na pele” diversos marcadores sociais que caracterizam tal fenômeno (BUTLER, 2001). Assim, essa autora entende os modos de viver e expressar o gênero como um ato performático, no sentido de empreender diariamente, tanto no âmbito da vida interna do sujeito quanto por meio de suas relações pessoais, um complexo conjunto de valores que vão muito além do binário homem-mulher (BUTLER, 2016). O que implica também, segundo a autora, olhar sob diferentes

perspectivas e levar em conta diferentes parâmetros quando se problematiza a expressão de gênero.

Como explicita Caldeira (2019) a experiência transexual, a transgeneridade da pessoa trans, se encontra circunscrita numa lógica normativa de corpos bem específica: cis heteronormativa. Isto é, a normatização do corpo não cis e não hétero e o estigma do desvio sobre esses corpos. Mais, um estigma patologizante, notadamente marcado por uma longa tradição do discurso médico que autoriza e desautoriza corpos e suas expressões (BENTO; PELÚCIO; 2012).

A experiência transexual, para além da hegemonia do saber e da lógica médica, do diagnóstico e da avaliação das experiências corporais, exige acompanhamento e atenção de uma rede de profissionais atuando multidisciplinarmente, além de cuidado, sem ter uma idade específica (ARÁN, MURTA; 2009; SAADEH *et al.*, 2018). Estes autores relatam a experiência de atenção a crianças transexuais e explicitam como desde cedo se observam sinais e mesmo verbalizações que indicam a necessidade desse cuidado e dessa atenção.

Um aspecto fundamental da experiência transexual é o processo de construção da identidade e da imagem corporal associado à identidade de gênero. Conforme amadurece, a criança vai sentindo e percebendo seu corpo e acaba tomando os diferentes referenciais de gênero que tem contato para modular sua percepção sobre si e sobre o mundo, criando para si e adotando um modo de ser a partir de suas identificações (PORCHAT; SILVA; 2010). Inicialmente em casa, com seus familiares e com quem mais convive e, mais tarde, no processo de escolarização. Nesse meio, na escola, fora de casa, a criança trans passará a ter novas fontes de identificações e locais de pertencimentos, bem como construir outros referenciais e buscar estabelecer outras redes de apoio.

O processo de construção de identidade perpassa o desenvolvimento e mesmo amadurecimento do organismo

do indivíduo, cujo corpo vai passando por mudanças que vão se conformando com o sexo ao longo de toda a infância e adolescência, a partir, por exemplo, das características sexuais secundárias, e com especial ênfase na puberdade (BENTO, 2010). Para deixar claro, a autora define sexo como sendo as características genéticas e as diferenciações corporais de nascimento, como os órgãos genitais externos, diferentemente das múltiplas características que compõem a conceituação de gênero.

Se em algum momento desse processo de construção de identidade a criança encontrar algum tipo de inconformidade, de não adequação, isso pode gerar sofrimento para ela. Para esse fenômeno dá-se o nome de incongruência de gênero, que diz respeito ao sofrimento proporcionado a essa pessoa mediante, justamente, a incongruência entre a sua identidade de gênero e sua identidade sexual (SAADEH *et al.*, 2018), nisso imbricada a transversalidade das questões de gênero.

Ao passo que não há uma idade certa para aparecerem essas questões ao longo do desenvolvimento da criança, existem alguns fatores importantes a se levar em consideração, no sentido de assisti-la adequadamente e da melhor forma possível. Em especial, a própria criança trans pode e geralmente traz esse tipo de incômodo ou de reflexão, seja na forma de modificações comportamentais ou mesmo na verbalização explícita de inconformidade com os papéis sociais de gênero (Idem).

Na medida em que a criança se desenvolve e passa a se interessar mais pelo assunto, passa a verbalizar mais explicitamente seus descontentamentos. Para isso, contudo, é preciso que ela possa contar com um ambiente familiar favorável à expressão de seus sentimentos e emoções (PORCHAT, 2014). Trata-se de um grande imperativo para que pertença a um determinado gênero,

comporte-se como esperado e deixe de expressar, que reprima, qualquer característica que possa soar desviante.

Aqui destacamos também, a exemplo dos autores supracitados, como o seio familiar, em especial os pais, desempenham um papel fundamental no processo de construção de identidade da criança, de modo geral, e no processo de aproximação e assunção de sua identidade transgênero.

A criança trans entra em contato com outras crianças a partir da escola ou nos clubes esportivos, como no caso da personagem sob o foco da análise adiante, entre outras formas de associações. Consciente ou não de sua transgeneridade, muitas vezes a criança expressa desde cedo marcadores de identidade que podem provocar estranhamento em seus colegas e pares. Evidencia-se a importância de uma rede de apoio para poder lidar com essas adversidades e enfrentar as violências que enfrentarão nesse contato.

Essas violências podem assumir inúmeras formas (BENTO; XAVIER; SARAT; 2020) e explicitam a necessidade de que haja o preparo da gestão escolar, através de cursos de formação, para que seja feito o manejo adequado da situação. O que passa, necessariamente, por uma Educação Sexual mais abrangente e crítica a respeito das identidades de gênero.

Evidencia-se, então, a necessidade de políticas públicas voltadas para essa população, dentro e fora da escola, mas também destacamos a importância que assume essas discussões no âmbito da cultura (MISKOLCI; PELUCIO, 2017). A participação de pessoas trans como protagonistas e criadoras de conteúdo, além da participação desses indivíduos, leva adiante a discussão sobre transgeneridade para outro patamar, para a população trans, que se vê representada, e também para o público em geral, que tem contato com outras formas narrativas e, portanto, com outros discursos não normativos.

## Material Analisado

Tipo de Material	Série
Título Original	Sense8
Nome Traduzido	Não há
Gênero	Ficção Científica; Drama
Ano	2015-2018
Local de lançamento e Idioma original	Estados Unidos da América; inglês
Duração	Em média 55 min. por episódio
Direção	Lilly Wachowski e Lana Wachowski

Sense8 conta a história de super humanos que desenvolvem poderes e habilidades, dentre outras, de se conectar íntima e profundamente entre si. Através do superpoder, ativado a partir de um gene especial, eles têm acesso aos pensamentos e sentimentos mais profundos uns dos outros, numa riqueza de detalhes carnal - eles podem experimentar sentimentos e mesmo sensações físicas diretamente conectados a outro corpo através de um sentido especial característico desses seres. Através dessa conexão os mutantes sentem e vivem por instantes como se estivessem dentro um do outro, por meio de alucinações sinestésicas, podendo também intuir pensamentos e prever ações.

Ao longo de toda a trama os personagens descobrem e exploram seus sentidos especiais em meio a desafios variados do dia a dia. A maior parte deles, sobretudo os protagonistas, os oito *sensates* que mais acompanhamos, fazem parte de algum grupo minoritário. A transversalidade das questões sociais e de representatividade são mostradas e discutidas, então, a partir da visão de quem sofre e de quem vem a se identificar mais tarde.

Traremos como foco de nossa análise o nono episódio da primeira temporada (foram produzidas duas), intitulado “A Morte Não Permite Despedidas”. Mais especificamente,

um flashback narrado por uma das personagens, Nomi (interpretada por Jamie Clayton), em conversa com o personagem Lito Rodriguez (interpretado por Miguel Ángel Silvestre), em que é lembrado um episódio de violência transfóbica que a marcou muito na infância - Lito chega a ter um reflexo, como se a agressão estivesse ocorrendo com ele naquele instante.

O evento se passa num clube de natação para meninos, mais precisamente no chuveiro do vestiário. Incomodado com seu corpo, o garoto que viria a matar o Júnior<sup>1</sup> procura esconder suas formas masculinas com roupas de banho não usuais para garotos. Também é evidenciado na cena que a criança buscava evitar as demais.

Na cena, o Michael (seu nome de certidão de nascimento) é forçado a entrar nu debaixo do chuveiro, sob uma água escaldante que lhe provoca queimaduras de segundo grau. A violência marca profundamente a personagem, que faz associação com uma fala de seu pai:

*Eu adoro bonecas, meu pai nunca me perdoou por isso. Quando fiz oito anos de idade, meu pai me forçou a entrar no clube de natação. Ele tinha frequentado o mesmo clube e falou que as coisas que tinha aprendido no vestiário tinham-no transformado no homem que é hoje. Eu odiava aquele vestiário. Naquela idade, eu me sentia constrangida com meu corpo. Não gostava de ficar nua, muito menos na frente de outros meninos. Mas era preciso tomar uma ducha antes de entrar na piscina, então eu fazia isso vestindo calção e camiseta. Os garotos mexiam comigo, mas eu tentava ignorá-los. E funcionou, por um tempo. Até que, um dia, não funcionou mais. Ainda tenho cicatrizes (...). O vestiário pode ter transformado meu pai no homem que ele é, mas também me transformou na mulher que eu sou. Depois daquilo, eu*

---

<sup>1</sup> Referência à música da Linn da Quebrada, em parceria com Ventura Profana, “Eu matei o Júnior”, sobre os “corres” de abandonar uma identidade para assumir sua transgeneridade.

*abandonei o clube de natação; parei de tentar me encaixar, tentar ser um deles. Sabia que nunca seria. E, mais importante, não queria ser.*<sup>2</sup>

Ao longo de diversos outros episódios a representatividade de gênero é colocada em evidência, mas nesse é deixado claro alguns traços muito importantes deste nicho da trama e do arco da personagem, em que dois protagonistas deixam claro como pensam e como agem no enfrentamento das contradições de nossa sociedade.

Outra cena considerada marcante pelos fãs da série foi o discurso de Nomi durante o casamento de sua irmã, no episódio nove da segunda temporada, onde a própria mãe da personagem a confronta, dizendo que ela deveria ir embora da celebração ao invés de realizar o brinde. No entanto, Nomi realiza o discurso, que mesmo que não diretamente, tem um teor que fala sobre ser transgênero em sua família. Em seu discurso, Nomi menciona como sua família, mais especificamente seus pais, sempre mantiveram em segredo o fato que ela é uma pessoa transgênero, nunca falando para amigos da família sobre o assunto e até mesmo tratando Nomi pelo seu nome de nascença.

Em seu discurso, Nomi conta como foi conviver com uma irmã tida como "perfeita" por seus pais, onde Nomi até mesmo a provocava para tentar mostrar a todos como não existia a dita perfeição em sua irmã. Mas o momento mais importante de seu discurso foi quando contou do momento de sua cirurgia de redesignação sexual, onde sua irmã sabia que a personagem principal havia falsificado a assinatura de seus pais para realizar a operação, mas mesmo assim decidiu não a impedir, para demonstrar como isso era importante para ela. Ao contrário, quando Nomi acordou após a anestesia, sua irmã estava ao seu lado, segurando sua mão e

---

<sup>2</sup> Excerto do diálogo entre as personagens Nomi e Lito, no nono episódio da primeira temporada de *Sense8*.



com um pequeno bolo com uma vela do número um, representando o "nascimento" de sua irmã.

### **Análise Crítica**

O primeiro destaque que gostaríamos de fazer, não poderia deixar de ser, é o da importância da representatividade que *Sense8* demonstra. Novamente, são muitos personagens com enredos e arcos individuais bastante voltados para essa modalidade de discussão, a representatividade, em diversos âmbitos. Foram mostrados diversos corpos, sob diferentes perspectivas; diversas etnias, mostrando, inclusive, algumas tensões raciais existentes em países como Estados Unidos; além de diversas questões de gênero: o sistema patriarcal que marca nossa sociedade e como isso se imbrica em diversas relações, no nível individual, nas relações de personagens principais e secundários, e no nível institucional - da organização de um hospital aos cargos numa universidade; além das discussões sobre transgeneridade.

Aqui, destacamos também o protagonismo trans nessas discussões. A começar pela produção, assumindo o papel criativo da série uma diretora trans, trazendo para o enredo, inclusive, tensões vividas por ela mesma. E também a atriz Jamie Clayton, uma mulher trans, que interpreta Nomi e que também evidenciou em entrevistas que trouxe elementos de sua própria história para a composição de sua personagem.

No entanto, vai além disso. Nomi é, de fato, um personagem transexual, escrito e interpretado por mulheres trans, mas cujo arco narrativo vai além da questão transgênero. No episódio que trazemos destaque há a recapitulação de um momento crucial na jornada de descoberta e vivência da transgeneridade de Nomi, mas ao longo de toda a série existe uma gama variada de questões

que seu personagem explora e debate, extrapolando em muito esta discussão.

Nomi é uma mulher transgênero com um relacionamento homoafetivo. Já no primeiro episódio da série aparece frequentando uma parada LGBTQIA+ como sua namorada, Amanita Caplan (interpretada por Freema Agyeman) - com quem viria a se casar. Naquele evento, Nomi se encontra com hackers para centralizar a postura *hacktivista* do grupo - por meio de ciberataques, por exemplo, derrubando ou tirando do ar sites governamentais, eles atuam para trazer evidência para algumas pautas, como as questões de gênero e racial. Nomi é perseguida pelo FBI por conta de suas atividades hackers, em especial na segunda temporada da série.

No episódio “A Morte Não Permite Despedidas”, temos a exploração da temática da morte de um jeito muito amplo e sob diferentes pontos de vista. O luto trabalhado e representado assume diversas formas e é sentido de diferentes maneiras pelos personagens, que têm, cada um, uma reação a partir do que experiencia pela conexão como o outro enlutado.

Num plano objetivo e concreto temos a morte de alguém próximo a um dos *sensates* principais. O ente estava internado, mas partiu quebrando com as expectativas de cura e de alta que haviam sido fomentadas para ele. Há também, noutro núcleo do enredo, uma morte provocada por um acidente. Em ambos os casos, a morte aparece como um fenômeno repentino e que foge dos desígnios humanos, com reflexões sobre a brevidade e fragilidade da vida. O episódio encerra, inclusive, com a canção “*Knocking On Heavens Door*”, interpretada por Bob Dylan. Esse luto mais direto, digamos assim, é abordado nesse e também em outros episódios, a partir da repercussão dessas perdas na vida dos personagens afetados e no modo como isso é sentido pelos seus pares através da conexão que possuem.

Uma vivência de luto mais simbólica e metafórica também é explorada nesse episódio. Uma forma de a morte não permitir despedidas é através da permanência de algumas questões, apesar do tempo e da sobreposição de outras dificuldades, como o luto prolongado, mas também dos estigmas que algumas problemáticas encerram, como as questões de gênero.

Nomi expressa que teve problemas com seu corpo, a incongruência de ter nascido com o sexo masculino e se identificar com o gênero feminino, e que é alvo de agressão física e psicológica justamente por conta dessa problemática - o estigma inicial, marcado pelo uso de roupas para esconder seu corpo. No evento do clube de natação, sofre queimaduras de segundo grau por todo o corpo. São marcas que a fazem lembrar a todo tempo da violência que passou. Servem, inclusive, como um pilar de sua força, por sentir “na pele” os resultados de um momento crucial de sua história, em que é incitada a encarar sua identidade de gênero e lidar com os preconceitos voltados para ela.

A jornada de enfrentamento das adversidades de assumir a identidade trans exige uma grande rede de apoio. Nomi deixa claro, no episódio em questão e em outros, que a relação com seus pais, sobretudo com seu pai, é bastante problemática nesse quesito. Ela não os tem como uma referência positiva, pelo contrário, e demonstra que precisou encontrar em outras pessoas o apoio e as forças de que precisava.

A série mostra a construção gradual de uma rede de proteção e acolhimento muito coesa a partir da exploração dos poderes dos *sensates*, que chegam a soar transcendentais para alguns personagens, inclusive. Em diversas passagens há, mesmo no texto, nas falas e na construção das cenas, a importância de ter um apoio incondicional para poder ser como é e ser quem é.

Mais, que a diferença e o conjunto de características únicas que cada um deles carrega, sejam marcadores físicos bastante nítidos, como o tom de pele, ou marcadores voltados para o social, como orientação sexual ou mesmo religiosa, pode ser também um traço que os une. E a série mostra o tempo todo que essa noção de pertencimento é fundamental nos momentos mais decisivos de suas histórias.

A partir da conjugação desses múltiplos fatores fica claro que as motivações de cada personagem, aquilo que os movimenta, que compõe o modo como se enxergam no mundo, pode ser repensado e incorporar referenciais mais saudáveis. Numa dinâmica onde corpos possuem uma predestinação, ser diferente, ir contra a hegemonia, implica em ser marcado e conduzido sob um viés patologizante. E isso não diz respeito apenas à transgeneridade.

A produção é muito rica e denuncia um sem par de contradições em nossa sociedade, sobretudo no ocidente, mas sem se prender a uma localidade específica. Isso computa muito boas críticas, inclusive, com relação à representatividade de localidades e etnias a partir do enredo e das tramas imbricadas nos arcos dos personagens principais. Nos leva a questionar a origem de algumas tensões, como a violência policial, e a necessidade de se problematizar sob diferentes óticas alguns costumes, como os de cunho religioso.

Sobretudo, considerando-se o recorte que propomos, como as questões de gênero aparecem muitas vezes interseccionadas por outras problemáticas sociais. Nomi é uma mulher trans que namora e depois se casa com outra mulher; cis e negra. Novamente, a personagem é uma ativista hacker e atua a partir das causas que acredita e com que teve contato em seu desenvolvimento, lutando contra corrupção e algumas formas institucionalizadas de opressões.

Um dos poderes, a Ligação Telepática, que proporciona o compartilhamento de pensamentos e emoções em tempo

real entre os personagens, leva também a discussões sobre os Transtornos Mentais e a atenção em Saúde Mental.

Nos primeiros eventos, em que o *sensate* se descobre diferente, mas ao mesmo tempo unido a outros pela conexão, alguns deles experienciam um trauma e chegam a ser internados e submetidos a um procedimento de lobotomia - o que significa, a partir da trama, a ter removido cirurgicamente uma parte de córtex pré-frontal responsável pela manifestação dos poderes. Após o procedimento o indivíduo entra em um estado vegetativo e com atividade cerebral quase nula. Alguns morrem, inclusive.

Nomi, por exemplo, é submetida a internação após um episódio alucinatorio por conta da Ligação Telepática. Por influência de sua mãe, cuja atitude a personagem classifica como transfóbica, a equipe médica é autorizada a realizar a lobotomia; Nossa personagem é salva por suas amigas, por pouco.

Ainda em relação ao relacionamento de Nomi para com sua família biológica, podemos observar então que tais relacionamentos familiares eram conturbados (exceto com sua irmã), algo comum para pessoas LGBTQIA. No caso, dentro do núcleo familiar de Nomi, a série focaliza bastante nas interações da personagem com essa mãe biológica, que nega a transição e identidade de gênero da filha de maneira nítida em diversas passagens.

Mas, especificamente em relação a um dos episódios analisados, a conversa com o personagem Lito, vemos que Nomi cita o seu pai. Ele não aparece tanto na série, mas, pela maneira como é citado, inferimos que sua relação com Nomi também tenha sido igualmente problemática, principalmente ao longo da infância da mesma - algo que ocorre também pela maneira como esse pai cresceu, nos indicando um machismo arraigado. Retomando a primeira parte de um dos discursos de Nomi:

*“Eu adoro bonecas, meu pai **nunca me perdoou** por isso. Quando fiz oito anos de idade, meu pai me forçou a entrar no clube de natação. Ele tinha frequentado o mesmo clube e falou que as coisas que tinha aprendido no **vestiário** tinham-no transformado no homem que é hoje” (grifos nossos).*

Nesse trecho em questão, vê-se que as tais “coisas aprendidas no vestiário” não são explicitadas, o que permite ao telespectador deduzir e imaginar o que poderiam ser. Provavelmente, o pai da personagem, ao mesmo tempo em que não perdoava o “menino” pela expressão de feminilidade, também tentava o forçar a se conformar com os ditos papéis de gênero cis-heteronormativos.

Assim, subentende-se que o pai de Nomi sabia que ela sofreria violência pelos seus pares no vestiário, mas, mesmo assim, a forçou a estar naquele ambiente pois acreditava que só assim o menino se tornaria um “homem de verdade”. Isso, com certeza revela que os ideais dessa masculinidade, tóxica, também violentaram o pai de Nomi quando criança, mas que ele teria interiorizado isso como algo benéfico, tanto é, que desejava passar tais ideais adiante para a próxima geração.

Dessa maneira, é interessante e inspirador que Nomi tenha conseguido “romper o ciclo”, e que hoje elabore a situação de violência vivida dizendo que, justamente esse momento tenha tido nela um efeito oposto ao que teve em seu pai, pois a transformara na mulher que é: uma mulher que tem coragem de se expressar de forma autêntica, como bem entende, e que, apesar dos riscos existentes, não se conforma com padrões de gênero preestabelecidos. Além disso, podemos perceber que Nomi compartilha essa história dolorosa como uma forma de auxiliar Lito, um de seus amigos *sensates* que também enfrentava questões a respeito de se assumir publicamente como um homem gay,

já que sua profissão era atuar em papéis carregados de clichês sobre virilidade.

Em suma, a conexão que os *sensates* compartilham acaba sendo um poderoso mecanismo de defesa para uma miríade de adversidades. Eles aprendem a lidar com as diferenças que carregam e com as particularidades de seus pares. Atritos que possuem são resolvidos à luz da compreensão e da empatia que poderia ser fruto apenas da dessa ligação incomum e fictícia, mas que diz mais respeito ao conjunto de problemas que acabam enfrentando juntos.

Em paralelo com a vida real, sabemos que a existência de pessoas transgênero é marcada por violências semelhantes nos mais diversos contextos (família, escola, etc), violência essa que perpassa gerações, mas que o fortalecimento de uma identidade LGBTQIA+, bem como a construção de uma rede de apoio saudável que compreenda essas questões, surgem como fatores de proteção para tais indivíduos.

Ademais, é notável que em *sense8* as narrativas sobre a personagem Nomi se distanciam da superficialidade: Nomi é uma mulher transgênero, sim. Mas também é hacker, é ativista, descobre esse super poder que é ser uma *sensate* (o que faz com que se envolva em vários embates e cenas de ação), além de possuir um ótimo relacionamento com uma mulher que a ama por quem ela é e não *apesar de* quem ela é.

Ou seja, ainda que a questão da transgeneridade seja uma parte importantíssima da personagem, sua história vai muito além disso, extrapolando estereótipos comuns sobre pessoas trans no mundo do cinema e das séries: Nomi nos conta a história de sua transição, dos conflitos intra-familiares, dos preconceitos que superou e supera diariamente; Mas, isso não é a única coisa relevante sobre ela, sendo uma personagem com nuances muito bem construídas, com uma personalidade própria, sonhos, projetos, etc.

Enfim, o que nós vemos em Nomi, é uma pessoa formada por complexidades (como seria qualquer pessoa, cis ou trans, fora das telas). Isso, esse tipo de representatividade que ocorre não só com relação à questão trans, mas também com relação à questão do racismo, do machismo, dentre outros temas abordados na série, com certeza é um fator que influenciou na aceitação que a mesma obteve dentro de tais grupos.

### **Considerações Finais**

Temos com *Sense8* uma discussão muito interessante sobre diversas temáticas. É um grande marco para a população LGBTQIA+ por uma série de fatores, mas que não se limita a discutir apenas essas pautas. E que traz, inclusive, diferentes perspectivas de outras questões que atravessam as vivências dessa população.

A experiência trans é complexa e exige atenção desde a infância, como podemos ver com a história da personagem escolhida para análise. Essa atenção exige que os referenciais de nossa cultura sejam constantemente repensados e problematizados, serviço a que se presta muito bem essa produção audiovisual.

A rede de apoio é algo de extrema importância para a vivência da transgeneridade. Fica claro que o comportamento dos pais influencia sobremaneira a construção de identidade da pessoa trans, sendo muito importante contar com eles para se permitir ser quem é e descobrir suas potencialidades. Evidencia-se, também, as dificuldades que essa população pode enfrentar quando não encontra esse tipo de apoio em casa.

Como desdobramento disso, é fora de casa, muitas vezes ainda criança, que a pessoa trans vai buscar estabelecer suas redes de apoio. Isso vai acontecer por meio



de suas identificações e pelas conexões que criar a partir de afinidades com os temas que atravessam a transgeneridade.

Em ambientes como a escola, palco desses encontros de identidades e uniões, não apenas das minorias, também se manifestam violências e abusos. O desconhecido é sempre fonte de estranhamento e isso pode gerar reatividade, que pode se manifestar na forma de agressões, como o *bullying*.

Por conta disso, faz-se necessário e até urgente que sejam desenvolvidos projetos de Educação Sexual que promovam informação sobre as temáticas envolvidas com a vivência trans e destacamos as seguintes pautas:

- O que é gênero, quais são os gêneros e como eles se expressam;
- O que implica pertencer a um gênero e por que vai além do ele/ela;
- Como se referenciar e como representar/discutir essas problemáticas, por exemplo, com o uso de mídias como as séries;
- Não existe uma forma ideal de corpo, no sentido de desconstruir as normas e padrões;
- Em especial, o respeito ao corpo do outro - “meu corpo, minhas regras; não me toque”, que cabe a todos os contextos.

Ademais, reiteramos que se trata de um recorte temático com a possibilidade de se fazer aprofundamentos diversos, sem termos, de longe, a pretensão de esgotar qualquer uma dessas discussões.

## Referências

ARÁN, M.; MURTA, D. Do diagnóstico de transtorno de identidade de gênero às redescrições da experiência da

transexualidade: uma reflexão sobre gênero, tecnologia e saúde. **Physis Revista de Saúde Coletiva**, vol. 19, n.1, p. 15-41, 2009.

BENTO, B. A diferença que faz a diferença: corpo e subjetividade na transexualidade. **Bagoas**, Natal, v. 4, n. 5, p.95-112, jun. 2010.

BENTO, B. ; PELÚCIO, L. Despatologização do gênero: a politização das identidades abjetas. **Revista Estudos Feministas**, Florianópolis, v. 20, n. 2, p.569-581, maio/agosto 2012.

BENTO, N. M. de J.; XAVIER, N. R.; SARAT, M. Escola e infância: a transfobia rememorada. **Cadernos Pagu [online]**. 2020, n. 59 [Acessado 01 Março 2022] , e205911. Disponível em: <<https://doi.org/10.1590/18094449202000590011>>. Epub 30 Nov 2020. ISSN 1809-4449. <https://doi.org/10.1590/18094449202000590011>.

BUTLER, J. Corpos que Pesam: sobre os limites discursivos do sexo. Tradução de Tomaz Tadeu da Silva. In: LOURO, G. L. (Org.). **O Corpo Educado**. Belo Horizonte: Autêntica Editora, 2001. p. 151-172.

BUTLER, J. **Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade**. 11ª ed., Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2016.

BUTLER, J. **Corpos que importam: Os limites discursivos do "sexo"**. Edições (Ebook), São Paulo [1996] 2019.

CALDEIRA, L. B. Girl: a transexualidade na adolescência. In: MAIA, A. C. B.; DE CARVALHO, L. S. R. (orgs.) **Leituras sobre a sexualidade em filmes**. São Carlos: Pedro & João Editores, 2019, pp. 71-82.

PORCHAT, P; SILVA, G. F. da. Intervenções no corpo como marcadores de gênero no fenômeno transexual. **A peste**, São Paulo, v. 2, n. 2, p. 413-421, jul./dez. 2010

MISKOLCI, R.; PELUCIO, L. Gênero, sexualidades e mídias contemporâneas: do pessoal ao político. **Rev. Estud. Fem.**, Florianópolis, v. 25, n. 1, p. 263-268, Apr. 2017.

PORCHAT, P. O corpo: entre o sofrimento e a criatividade. **Revista EPOS**; Rio de Janeiro – RJ, Vol.5, nº 1, jan-jun de 2014; pág. 112-130.

SAADEH, A. *et al.* AMTIGOS – Ambulatório Transdisciplinar de Identidade de Gênero e Orientação Sexual, do IPq-HCFM/USPI : proposta de trabalho com crianças, adolescentes e adultos. **Diversidade Sexual e Gênero**. BIS, Bol. Inst. Saúde (Impr.); 19(2): 86-97, Dez. 2018.

## SOBRE OS (AS) AUTORES (AS)

**Amanda Guedes Sakuragui.** Graduanda do curso de Psicologia da UNESP, Bauru. Estagiária em Clínica Psicanalítica, Psicologia Social e Psicologia Escolar.

E-mail: amanda.sakuragui@unesp.br

**Ana Cláudia Bortolozzi.** Psicóloga. Docente no Curso de Psicologia da Faculdade de Ciências da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” - UNESP. Livre docente em Educação Sexual, Inclusão e Desenvolvimento Humano. Coordenadora do Grupo de Estudos e Pesquisa em Sexualidade, Educação e Cultura (GEPESSEC) e do Laboratório de Ensino e Sexualidade Humana (LASEX). Áreas de atuação principais: Psicologia do Desenvolvimento Humano. Educação Sexual. Sexualidade e Deficiências.

E-mail: claudia.bortolozzi@unesp.br

**Ana Laura Rossin Souza.** Graduanda do curso de Psicologia da UNESP, Bauru. Estagiária em Psicologia Social, Psicologia da Educação e Psicologia Clínica. Áreas de atuação principais: psicologia da educação, desenvolvimento humano, processos grupais, gênero e sexualidade.

E-mail: ana.rossin@unesp.br

**André Abdalla Saad.** Graduando do curso de Psicologia da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho”- UNESP, Bauru. Estagiário em Educação Sexual.

E-mail: a.saad@unesp.br

**Andre Gellis.** Psicólogo. Formado pela Universidade Estadual Paulista Júlio de Mesquita Filho, campus de Assis (1988), Mestre e Doutor em Psicologia Clínica pelo Instituto de Psicologia da USP (1994-2000). Professor Assistente Doutor,

lotado junto ao Departamento de Psicologia (FC/UNESP Bauru). Atua na graduação no Curso de Psicologia da UNESP Bauru e na Pós-Graduação no Curso de Educação Sexual da Faculdade de Ciências e Letras (FCLar) da UNESP (Araraquara). Atualmente é Supervisor do Centro de Psicologia Aplicada (FC, UNESP, Bauru) e Professor Visitante do *Département de Psychanalyse de l'Université Paris 8, Vincennes - Saint Denis*. Possui experiência na área de Psicologia Clínica, com ênfase em Psicanálise, atuando principalmente nos seguintes temas: Clínica Psicanalítica, Teoria e Técnica da Psicanálise. Psicanálise e Sexualidade.  
E-mail: andre.gellis@unesp.br

**Brenda Sayuri Tanaka.** Psicóloga. Bolsista Capes de Mestrado no Programa de Pós-Graduação em Psicologia do Desenvolvimento e Aprendizagem, Faculdade de Ciências da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – UNESP. Membro do Grupo de Estudos e Pesquisa em Sexualidade, Educação e Cultural (GEPESEC). Estagiou nas áreas de Clínica Psicanalítica, Educação Sexual e Orientação Profissional. Áreas de atuação principais: Desenvolvimento psicossocial na adolescência, educação sexual e mídias, violência e saúde sexual.  
E-mail: brenda.s.tanaka@unesp.br

**Caique Person Servollo.** Graduando do curso de Psicologia da UNESP, Bauru. Estagiário em Psicologia da Educação e Desenvolvimento, Clínica Comportamental e Psicologia Organizacional e do Trabalho. Membro de Iniciação Científica na temática: Riscos Psicossociais Relacionados ao Trabalho.  
E-mail: caique.person@unesp.br

**Carolina Busato Heiderich Okamoto.** Graduanda em Psicologia pela UNESP, Bauru. Atuação no Núcleo Técnico de

Atenção Psicossocial (NTAPS) visando a promoção do bem-estar dos universitários. Estagiária em Clínica pela abordagem da análise do comportamento, em Psicologia Social e Orientação Profissional. Interesses em atenção integral à saúde da mulher, problemas de comportamento e habilidades sociais.

E-mail: carolina.okamoto@unesp.br

**Débora Cristina Menegon Cherubin.** Graduanda do 5º ano de Psicologia na UNESP-Bauru. Estagiária de Psicologia Social e Comunitária, Psicologia escolar e Psicologia Organizacional e do Trabalho. Áreas de atuação principal: Psicologia Organizacional e do Trabalho e Psicologia e Educação: Necessidades Educacionais Especiais

E-mail: d.cherubin@unesp.br

**Emilyn de Oliveira Silva.** Graduanda do curso de Psicologia da UNESP, Bauru. Estagiária em Psicologia Clínica Analítico-Comportamental, Necessidades Educacionais Especiais e Orientação Profissional. Áreas de atuação principais: Habilidades Sociais, Intervenção Educacional e Recrutamento e Seleção.

E-mail: emilyn.oliveira@unesp.br

**Félix Esteves de Souza.** Graduando do curso de Psicologia da UNESP, Bauru. Realiza iniciação científica em Análise do Comportamento Aplicada à Necessidades Educacionais Especiais. Estagiário em Psicologia e Educação - Necessidades Educacionais Especiais. Áreas de atuação principais: Análise do Comportamento Aplicada, Comportamento verbal.

E-mail: f.souza@unesp.br

**Fernanda Pinto Freire.** Graduanda do curso de Psicologia da UNESP, Bauru. Participante do “Grupo de Pesquisa

Experimental do Comportamento” do Laboratório de Análise do Comportamento e Neurociências (LACEN). Estagiária em Psicologia Clínica Analítico-Comportamental, Necessidades Educacionais Especiais e Orientação Profissional. Bolsista de Iniciação Científica pela FAPESP. Áreas de atuação principais: análise experimental do comportamento, impulsividade e abstinência.  
E-mail: f.freire@unesp.br

**Francisco Andrada Guilherme Raymundo.** Graduando do curso de Psicologia da UNESP, Bauru. Estagiário em Clínica Psicanalítica, Educação Sexual e na frente de Acolhimento do Núcleo Técnico de Atenção Psicossocial. Áreas de atuação principais: clínica psicanalítica, educação sexual e mídias, acompanhamento terapêutico de adolescentes com TEA.

E-mail: francisco.andrada@unesp.br

**Gabriel Câmara Branco.** Graduando do curso de Psicologia da UNESP, Bauru. Participante do Grupo de Estudo e Pesquisa "Sexualidade, Educação e Cultura" (GPESEC). Estagiário em Educação Sexual e Orientação Profissional. Monitor da matéria de Clínica Psicanalítica II. Bolsista do projeto de extensão e-care sentinela pela PROEC. Áreas de atuação principais: psicanálise lacaniana, sexualidade e mídias, psicanálise e sexualidade.

E-mail: g.branco@unesp.br

**Gabriel Filipe Duarte Amaral.** Graduando do curso de Psicologia da UNESP, Bauru. Participante do Grupo de Estudos e Pesquisa em Deficiência e Inclusão (GEPDI). Estagiário em Clínica Psicanalítica Infantil, Inclusão Educacional e Psicologia Social e Comunitária. Bolsista de Iniciação Científica PIBIC, junto ao grupo de estudos GEPDI.

Áreas de atuação principal: inclusão educacional, psicanálise e desenvolvimento infantil.

Email: gabriel.duarte@unesp.br

**George Miguel Thisoteine.** Psicólogo. Mestrando em Educação Sexual, UNESP-Araraquara. Graduando em Letras pela USP. Membro do grupo de Estudos e Pesquisa "Sexualidade Educação e Cultura" (GPESEC). Docente no curso de psicologia da Faculdade Campos Salles (São Paulo-SP). Atuação principal: Clínica Psicanalítica, Análise do Discurso e Surrealismo.

E-mail: georgemtcmf@gmail.com

**Gustavo Fernandes Scalvi.** Graduando do curso de Psicologia da Unesp Bauru. Estagiário em Psicologia Clínica, Psicologia Educacional e Orientação Profissional. Membro do Grupo de Pesquisa em Processos de Ensino e de Aprendizagens Profissionais em Contextos Educacionais, Esportivos e de Saúde. Áreas de atuação principais: Psicologia da Educação, Análise do Comportamento, Alfabetização e Psicomotricidade.

E-mail: gustavo.scalvi@unesp.br

**Helena Nogueira Marques.** Graduanda do curso de Psicologia da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – UNESP campus Bauru.

E-mail: h.marques@unesp.br

**Julia Leite Ruybal dos Santos.** Graduanda do 5º de Psicologia. Estagiária em clínica psicanalítica, Psicologia Social e Psicologia Escolar. Áreas de atuação principal: psicologia clínica adolescente, psicologia escolar em educação infantil.

E-mail: julia.ruybal@unesp.br



**Julia Maria Alves Lemos.** Graduanda do curso de Psicologia da UNESP, Bauru. Estagiária em Psicologia Escolar e Psicologia Comunitária. Amante da literatura, entusiasta das conexões possíveis entre psicologia, desenvolvimento e arte. Áreas de atuação principais: Literatura e desenvolvimento humano. Formação de grupos e processos grupais. Cultura e comunidade.  
E-mail: j.lemos@unesp.br

**Juliana Baptista de Almeida.** Graduanda do curso de Psicologia da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – UNESP *campus* Bauru.  
E-mail: jb.almeida@unesp.br

**Mariana Rodrigues de Oliveira.** Graduanda do curso de Psicologia da UNESP, Bauru. Atua em Recrutamento e Seleção na Global Talent Recruitment Company. Iniciação Científica em desenvolvimento. Áreas de atuação principais: Psicologia, Psicologia Organizacional, Psicologia da Educação e Necessidades Educacionais Especiais.  
E-mail: mariana.r.oliveira@unesp.br

**Matheus Cascone Campos Dias.** Graduando do curso de Psicologia da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” - UNESP, *campus* Bauru.  
E-mail: matheus.cascone@unesp.br

**Monaliza Cristina Evangelista de Oliveira.** Técnica em administração com formação pela Escola Técnica Estadual de Cotia (Etec). Possui formação incompleta no curso de Tecnologia Oftálmica, na área de Ciências da Saúde, fornecido pela Universidade Federal de São Paulo (UNIFESP), tendo cursado um período equivalente a 2 semestres letivos. Atualmente, na área de Ciências

Humanas, é estudante de Psicologia da Universidade Estadual Paulista (UNESP) no campus de Bauru.

E-mail: monaliza.oliveira@unesp.br

**Noelle Lima Berteli.** Graduanda no curso de Psicologia da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” - UNESP, *campus* Bauru. Estagiária em Psicologia Social e Comunitária.

E-mail: noelle.berteli@unesp.br

**Pedro Henrique de Moraes Franco da Silva.** Graduando do curso de Psicologia da UNESP, Bauru. Estagiário em Clínica de Análise do comportamento, Psicologia Organizacional e do Trabalho e Inclusão Escolar. Participante do Comitê de Ação Cultural Local da UNESP, Bauru.

Email: pedro.hmf.silva@unesp.br

**Richard Hideyuki Ueno.** Graduando do curso de Psicologia da UNESP, Bauru. Participante do Grupo de Estudo e Pesquisa "Sexualidade, Educação e Cultura" (GPESEC). Estagiário em Educação Sexual e Orientação Profissional.

Email: richard.ueno@unesp.br

**Roger Lai.** Bacharel em Relações Internacionais pela USP e graduando em Psicologia na UNESP. Realiza estágio extracurricular em um CAPS II de Bauru. Também é estagiário em três ênfases: Clínica Psicanalítica Infantil, Orientação Profissional e Social, em que trabalha o tema das masculinidades com grupos de homens autores de violência. Áreas de atuação principais: saúde mental, clínica infantil, psicanálise e gênero.

E-mail: roger.lai@unesp.br

**Sergio Isler Junior.** Graduando do curso de Psicologia da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” - UNESP, *campus* Bauru.

E-mail: sergio.isler@unesp.br

**Tainara Miranda de Araújo.** Graduanda em psicologia pela UNESP de Bauru. Integrante da frente de acolhimento psicológico do Núcleo Técnico de Atenção Psicossocial (NTAPS) e também do programa E-care Pós-Covid. Estagiária em clínica psicanalítica, desenvolvimento infantil e psicologia social comunitária. Áreas de atuação principais: Psicologia histórico-cultural e processos grupais. Psicoterapia focal e clínica com adolescentes e adultos.

E-mail: tainara.araujo@unesp.br

**Victor Bastos Ventura.** Graduando do curso de Psicologia da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” - UNESP, Bauru. Integrante do Laboratório de Análise do Comportamento e Neurociências (LACEN) e do Grupo de Estudos e Pesquisa em Delineamentos Culturais (GPEDEC). Áreas de atuação principais: análise experimental do comportamento, educação, delineamentos culturais e filosofia.

E-mail: victor.ventura@unesp.br

**Vitor Hugo Rossetti Canasiro.** Graduando em direito pela Universidade de São Paulo (USP). Membro do grupo de Estudos e Pesquisa "Sexualidade Educação e Cultura" (GPESEC, UNESP-Bauru).

E-mail: vitorcanasiro@usp.br

## SOBRE AS (O) ORGANIZADORAS (OR)

**Ana Cláudia Bortolozzi.** Psicóloga. Docente no Curso de Psicologia da Faculdade de Ciências da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” - UNESP. Livre docente em Educação Sexual, Inclusão e Desenvolvimento Humano. Coordenadora do Grupo de Estudos e Pesquisa em Sexualidade, Educação e Cultura (GPESEC) e do Laboratório de Ensino e Sexualidade Humana (LASEX). Áreas de atuação principais: Psicologia do Desenvolvimento Humano. Educação Sexual. Sexualidade e Deficiências.  
E-mail: claudia.bortolozzi@unesp.br

**Brenda Sayuri Tanaka.** Psicóloga. Mestranda pelo Programa de Pós-Graduação em Psicologia do Desenvolvimento e Aprendizagem, Faculdade de Ciências da Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” – UNESP. Membro do Grupo de Estudos e Pesquisa em Sexualidade, Educação e Cultural (GPESEC). Estagiou nas áreas de Clínica Psicanalítica, Educação Sexual e Orientação Profissional. Áreas de atuação principais: Desenvolvimento psicosssexual na adolescência, educação sexual e mídias, violência e saúde sexual.  
E-mail: brenda.s.tanaka@unesp.br

**Débora de Aro Navega.** Enfermeira. Doutoranda no Programa de Psicologia do Desenvolvimento e Aprendizagem na Universidade Estadual Paulista “Júlio de Mesquita Filho” (UNESP/FC). Bolsista Capes. Mestre em Educação Sexual (UNESP/FCLAr). Membro do Grupo de Estudos e Pesquisa em Sexualidade, Educação e Cultura (GPESEC). Áreas de atuação principais: Educação Sexual, Inclusão, Prevenção de IST, Educação em Saúde.  
E-mail: debora.navega@unesp.br

**George Miguel Thisoteine.** Psicólogo. Mestrando em Educação Sexual, UNESP-Araraquara. Graduando em Letras pela USP. Membro do grupo de Estudos e Pesquisa "Sexualidade Educação e Cultura" (GEPESSEC). Docente no curso de psicologia da Faculdade Campos Salles (São Paulo-SP). Atuação principal: Clínica Psicanalítica, Análise do Discurso e Surrealismo.

E-mail: [georgemtcmf@gmail.com](mailto:georgemtcmf@gmail.com)

**Leilane Raquel Spadotto de Carvalho.** Psicóloga. Bolsista Capes de doutorado em Educação Escolar na Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" (UNESP/FCLAr). Mestre em Psicologia do Desenvolvimento e Aprendizagem pela Universidade Estadual Paulista "Júlio de Mesquita Filho" (UNESP/FC). Membro do Grupo de Estudos e Pesquisa em Sexualidade, Educação e Cultura (GEPESSEC). Áreas de atuação principais: Sexualidade, Educação Sexual, Inclusão e diversidade.

E-mail: [leilane.spadotto@unesp.br](mailto:leilane.spadotto@unesp.br)

## SOBRE O GEPESEC

O Grupo de Estudos e Pesquisa em Sexualidade, Educação e Cultura (GEPESEC) foi fundado no ano de 2006 pela Professora Assoc. Ana Cláudia Bortolozzi, junto à Faculdade de Ciências da UNESP *campus* Bauru. Realiza atividades de ensino, pesquisa e extensão em Sexualidade e Educação Sexual, das quais participam discentes do curso de Graduação em Psicologia e dos Programas de Pós-graduação em “Psicologia do Desenvolvimento e Aprendizagem” (UNESP Bauru) e em “Educação Escolar” (UNESP Araraquara), entre outros/as alunos/as e pesquisadores/as associados/as de outras áreas do conhecimento. O grupo reúne uma extensa produção coletiva, publicada na “Coleção Sexualidade e Mídias”<sup>1</sup>, na qual analisa diversos aspectos da Sexualidade e da Educação Sexual presentes em filmes e outras mídias. Além disso, apresenta relevante protagonismo na produção de saberes e práticas em Sexualidade e Educação Sexual<sup>2</sup>, bem como, na difusão destes por meio de eventos e de publicações como esta.

Os encontros de estudo e pesquisa do GEPESEC são realizados no Laboratório de Ensino e Pesquisa em educação Sexual (LASEX), inaugurado em 2012 no *campus* da UNESP Bauru, possibilitando a reunião de orientandos/as e demais interessados/as no estudo e pesquisa de áreas da sexualidade e correlatas.

---

<sup>1</sup> Publicados pela Pedro & João Editores (São Carlos-SP).

<sup>2</sup> Publicados pela Padu Aragon Editor (Araraquara-SP).

Para acompanhar o grupo e ter mais informações sobre reuniões de estudo e publicações, sigam nossas redes sociais ou entre em contato conosco:



@gepeseunesp

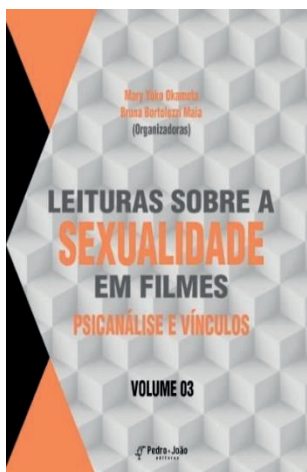
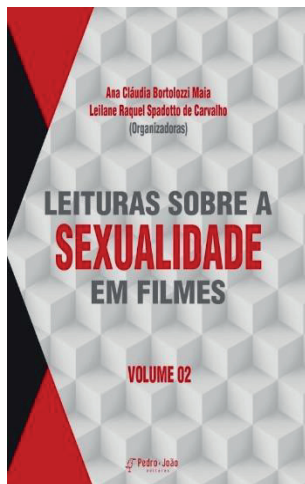
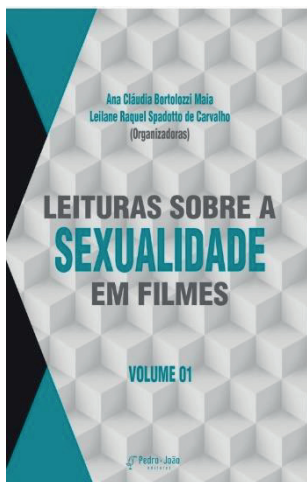


<https://www.facebook.com/gepeseunesp>

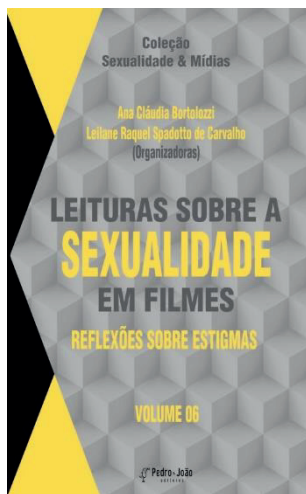
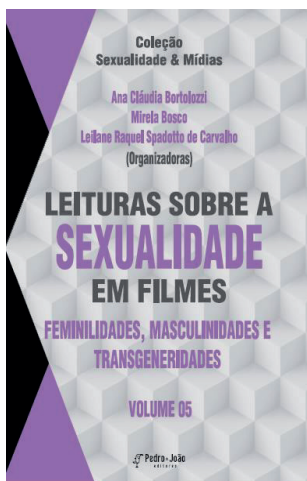


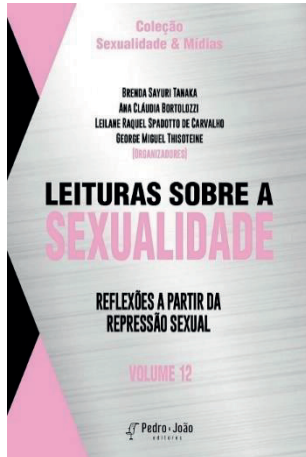
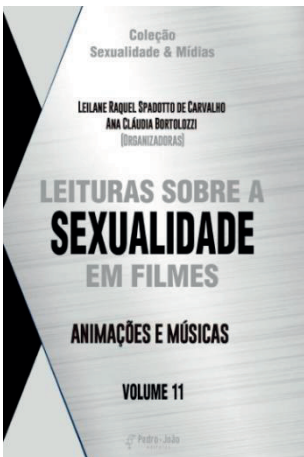
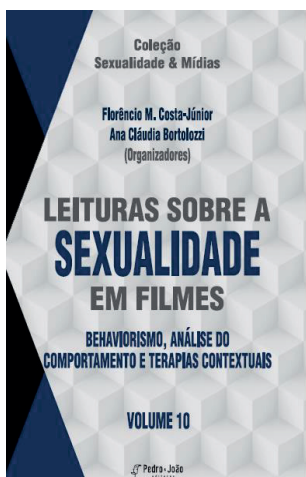
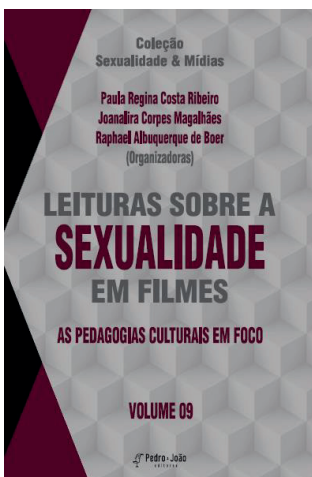
pesquisagepeseunesp@gmail.com

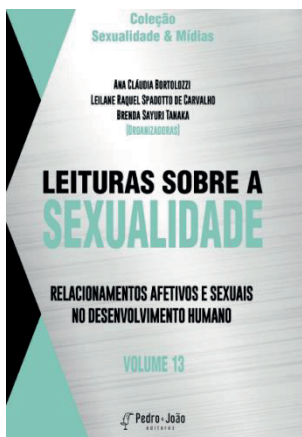
## OUTROS VOLUMES DA COLEÇÃO SEXUALIDADE & MÍDIAS











Neste Volume 15 da Coleção Sexualidade & Mídias os capítulos discutem questões diversas acerca da sexualidade, visando abrir reflexões e diálogos ao tratar de questões específicas como gênero, relações étnico-raciais, masculinidade, prazer, relacionamentos, repressão sexual, transgeneridades, dentre outros.

